

DM.  
BORGES/M. 1


INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS

TESE DE MESTRADO

PERCEÇÃO DA CRIMINALIDADE  
EM MEIO URBANO

Maria João Dantas Pereira dos Santos Borges

Dezembro, 2000

 ISEPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
Centro de  
Documentação  
Registo: 17545  
Data: 25/11/2000  
Tel.: 21 681 17 50 • bibliopa@isepa.pt

**ORIENTADOR: Professor Doutor Luís Soczka**

*Professor Catedrático da Escola Superior de Altos Estudos,  
Instituto Superior Miguel Torga e Investigador Coordenador  
do CNIG (Centro Nacional de Informação Geográfica),  
Ministério do Ambiente.*

**SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Professor Doutor Luís Soczka**

---

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Luís Soczka, pela coordenação e orientação deste estudo, pelo convite para trabalhar no *Projecto "Representações Sociais e Padrões de Distribuição da Criminalidade em Meio Urbano"* onde este trabalho se encontra inserido, pela lucidez com que consegue olhar a realidade, pela disponibilidade e por tudo.

Ao Centro Nacional de Informação Geográfica, todo o apoio prestado para a concretização deste trabalho.

Aos colegas que de uma forma ou de outra participaram no desenvolvimento deste projecto, nomeadamente na realização e aplicação dos questionários, tratamento da informação e pesquisa bibliográfica.

À Sónia Dória Nóbrega a preciosíssima ajuda no tratamento estatístico dos dados.

## RESUMO

Com o propósito de conhecer de que modo as potenciais vítimas percebem a criminalidade num cenário ambiental que constitui o seu quotidiano, este estudo tem como objectivo geral a caracterização e a descrição subjectivas dos perfis da vítima, do criminoso, dos motivos subjacentes e dos tempos de ocorrência dos crimes de roubo, furto, violação e homicídio, por pessoas que utilizam a cidade de Lisboa como espaço de trabalho ou de residência.

A amostra do estudo é formada por pessoas de ambos os sexos, com idades e níveis educacionais distintos. O instrumento de recolha de informação foi construído para permitir investigar de que forma as pessoas percebem a criminalidade, sendo composto por questões demográficas, os cenários representativos dos crimes e a experiência pessoal de vitimação vs. probabilidade de vitimação. O procedimento foi o de junto de cada inquirido, obter uma descrição de cada um dos sete cenários de crime apresentados, indagar acerca da probabilidade estimada de vitimação pessoal e analisar quais as causas do crime e que medidas tomar para a redução da criminalidade.

De uma forma geral, as pessoas consideram que o criminoso é maioritariamente do sexo masculino, de idade jovem e desempregado voluntário. À vítima é atribuído sobretudo o sexo feminino podendo, na opinião geral, pertencer a qualquer escalão etário. A droga é referida como principal motivo subjacente à prática da maioria dos crimes em análise. A maioria das pessoas considera que durante o dia ocorrem sobretudo os crimes roubo por esticção, furto de objectos em casa, roubo na rua com objecto agressivo e roubo em casa. E que durante a noite acontecem principalmente o furto de objectos no interior do carro, a violação e o homicídio.

Conclui-se ainda que existem diferenças de percepção entre ambos os sexos, entre os sujeitos dos diferentes grupos etários e entre os sujeitos com diferentes habilitações literárias.

## RESUMO

---

As dificuldades económicas constituem a principal causa do crime em geral, apontada pelas pessoas. Sendo a melhoria das condições ao nível da vida económica a principal medida referida para a redução da criminalidade.

As implicações deste estudo poderão ser importantes para um melhoramento da política de redução do crime e da insegurança pública, na medida em que a dimensão subjectiva da criminalidade aqui abordada, para além de enriquecer esta temática pode contribuir para uma acção mais fundamentada na sua prevenção, nomeadamente através da comparação entre a percepção das pessoas e os factos objectivos desta realidade.

## ABSTRACT

With the purpose of knowing how potential victims perceive criminality in a environmental setting that constitutes their every day lives, the general objective of this study is the subjective characterization and description of the victim and aggressor profiles, the motives and the times that crimes of robbery, sexual abuse and homicide occur, by the users of Lisbon city.

Men and women with different ages and educational levels form data. Instrument of was constructed to permit investigate how people perceive criminality and it is constituted by demographic questions, the representative scenes of crimes and the personal experience of victimization vs. probability of victimization. Procedure was, near each subject, to obtain a description of each of the seven crimes presented, to know about the probability of personal victimization judged by people and to analyze which causes of crime and which solutions to take to reduction of criminality.

In a general way, people consider that aggressor is a young man voluntary unemployed. To the victim is attributed the feminine sex, can, in general opinion have every age. Drugs are referred as the main motive under the practice of majority of the analyzed crimes.

It is possible to conclude yet that exist different perceptions between gender, subjects from distinct age groups and between subjects with different educational levels.

Economical difficulties are the main cause of the crime in general, indicated by people. And the improved of those economic conditions is the solution referred to reduce criminality.

The implications of this study can be important for the improvement of the politic of crime reduction and the public insecurity, in a way that the subjective criminality dimension studied, as far as to enrich this thematic can contributed for a more

## ABSTRACT

---

supported action in its prevention, namely by comparison between the people perception and the objective facts of this reality.

# ÍNDICE

<b>Capítulo 1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1.	Enquadramento e Relevância do Estudo.....	1
1.2.	Objectivos do Estudo.....	5
1.3.	Variáveis Controladas.....	5
1.4.	Organização do Estudo.....	7
<b>Capítulo 2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>8</b>
2.1.	Conceito de Crime e Realidade Criminal.....	8
2.2.	Medo e Insegurança.....	10
2.3.	Teorias e Modelos de Abordagem da Criminalidade.....	19
2.4.	Criminalidade em Lisboa/ Portugal no contexto da União Europeia – breve caracterização.....	22
2.5.	Categorização Social, Identidade Social, Estereótipos e Processamento Heurístico.....	25
2.6.	Categorização Social e Representações Sociais.....	29
2.6.1.	Funções das representações sociais.....	33
2.6.2.	Formação das representações sociais.....	35
2.7.	Hipóteses de Estudo .....	38
<b>Capítulo 3</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>43</b>
3.1.	Amostra .....	43
3.2.	Instrumento.....	46
3.2.1.	Questões demográficas.....	47
3.2.2.	Cenários representativos dos crimes.....	47
3.2.3.	Experiência pessoal de vitimação vs. Probabilidade de vitimação.....	49
3.3.	Procedimento.....	50

---

Capítulo 4	RESULTADOS.....	54
4.1. Perfil do Agressor, Perfil da Vítima, Motivos subjacentes a cada um dos Crimes Representados e Altura do dia em que tiveram lugar.....		55
4.1.1. Cenário 1 – Roubo por esticção .....		55
4.1.2. Cenário 2 – Furto de Objectos no interior do carro .....		57
4.1.3. Cenário 3 – Furto de objectos em casa .....		58
4.1.4. Cenário 4 – Roubo na rua com objecto agressivo.....		60
4.1.5. Cenário 5 – Roubo em casa.....		62
4.1.6. Cenário 6 – Abusos sexuais/ violação.....		63
4.1.7. Cenário 7 – Homicídio.....		65
4.2. Síntese dos Principais Resultados.....		67
4.2.1. Perfil do criminoso.....		68
4.2.2. Perfil da vítima.....		68
4.2.3. Motivos que conduziram à prática de cada um dos crimes.....		70
4.2.4. Quando aconteceram os crimes.....		71
4.3. Diferenças na Percepção dos Diferentes Cenários em Função das Características dos Inquiridos – Idade/ Sexo/ Habilitações Literárias.....		71
4.3.1. Cenário 1 – Roubo por esticção.....		71
4.3.2. Cenário 2 – Furto de Objectos no interior do carro.....		76
4.3.3. Furto de objectos em casa.....		77
4.3.4. Roubo na rua com objecto agressivo.....		78
4.3.5. Roubo em casa.....		80
4.3.6. Abusos sexuais/ violação.....		81
4.3.7. Homicídio.....		83
4.4. Causas Gerais do Crime.....		85
4.5. Medidas Sugeridas para Minorar a Criminalidade.....		89
4.6. Probabilidade Estimada pelos Inquiridos de Ocorrência de Delitos.....		92
4.7. Experiência de Vitimação por parte dos Inquiridos.....		95
4.8. Cruzamento da Probabilidade com a Experiência.....		96

<b>Capítulo 5</b>	<b>DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....</b>	<b>107</b>
5.1.	Perfil do Criminoso.....	109
5.2.	Motivos subjacentes a cada um dos Crimes.....	110
5.3.	Perfil da Vítima.....	111
5.4.	Quando aconteceram os Crimes.....	114
5.5.	Diferenças na Percepção dos diferentes tipos de crime em função da Idade dos Inquiridos.....	114
5.6.	Diferenças na Percepção dos diferentes tipos de crime em função do Sexo dos Inquiridos.....	115
5.7.	Diferenças na Percepção dos diferentes tipos de crime em função das Habilitações Literárias dos Inquiridos.....	117
5.8.	Causas do Crime em Geral.....	118
5.9.	Medidas Sugeridas para Minorar a Criminalidade.....	119
5.10.	Avaliação da Probabilidade de se ser vitimado em função da experiência de se ter sido vítima.....	119
5.11.	Considerações Finais.....	120

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ANEXOS

ANEXO I – Pré-Teste

ANEXO II – Instrumento (questões demográficas; histórias ou cenários representativos dos crimes; probabilidade vs. experiência de vitimação)

ANEXO II a) – Histórias (cenários representativos dos crimes)

ANEXO II b) – Grelha de análise

ANEXO III – Categorias resultantes da análise de conteúdo (codificação)

---

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1-a: Freguesia de residência dos inquiridos.....	43
Quadro 1-b: Freguesia de trabalho dos inquiridos.....	43
Quadro 2: Habilitações literárias dos inquiridos.....	44
Quadro 3: Sexo dos Inquiridos.....	44
Quadro 4: Condição perante a profissão dos inquiridos.....	46
Quadro 5: Perfil do agressor para cada cenário.....	58
Quadro 6: Perfil da vítima para cada cenário.....	60
Quadro 7: Motivos que conduziram à prática de cada um dos crimes por cenário.	63
Quadro 8: Quando aconteceram os crimes por cenário.....	66

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Idade do agressor em função do sexo dos inquiridos.....	72
Figura 2: Idade do agressor em função da idade dos inquiridos.....	72
Figura 3: Aspecto do agressor em função das habilitações literárias dos inquiridos.....	73
Figura 4: Sexo da vítima em função do sexo dos inquiridos.....	74
Figura 5: Aspecto da vítima em função do sexo dos inquiridos.....	75
Figura 6: Quando aconteceu o crime roubo por esticção em função da idade dos inquiridos.....	75
Figura 7: Idade da vítima do furto de objectos no interior do carro em função da idade dos inquiridos.....	76
Figura 8: Quando aconteceu o crime furto de objectos no interior do carro em função do sexo dos inquiridos.....	77
Figura 9: Idade do agressor em função da idade dos inquiridos.....	78
Figura 10: Idade da vítima em função do sexo dos inquiridos.....	79
Figura 11: Idade da vítima em função da idade dos inquiridos.....	79
Figura 12: Quando aconteceu o crime roubo na rua com objecto agressivo em função do sexo dos inquiridos.....	80
Figura 13: Sexo da vítima em função da idade dos inquiridos.....	81
Figura 14: Sexo da vítima em função do sexo dos inquiridos.....	82
Figura 15: Idade da vítima em função das habilitações literárias dos inquiridos....	82
Figura 16: Sexo da vítima em função da idade dos inquiridos.....	83
Figura 17: Sexo da vítima em função das habilitações literárias dos inquiridos.....	84
Figura 18: Idade da vítima em função do sexo dos inquiridos.....	84
Figura 19: Idade da vítima em função da idade dos inquiridos.....	85
Figura 20: Causas gerais do crime.....	86
Figura 21: Dificuldades económicas em função da idade dos inquiridos.....	87
Figura 22: Toxicodependência em função da idade dos inquiridos.....	87
Figura 23: Sistema familiar em função da idade dos inquiridos.....	88

Figura 24: Média ou órgãos de comunicação social em função das habilitações literárias dos inquiridos.....	89
Figura 25: Medidas sugeridas para minorar a criminalidade.....	90
Figura 26: Melhoria da vida económica em função do sexo dos inquiridos.....	90
Figura 27: Melhoria da vida económica em função da idade dos inquiridos.....	91
Figura 28: Melhoria da educação/formação em função do sexo dos inquiridos.....	92
Figura 29: Experiência de vitimação dos inquiridos de acordo com os tipos de crime designados.....	95
Gráfico 1: Habilitações literárias dos inquiridos.....	45
Gráfico 2: Probabilidade vs. experiência “Assaltarem o carro roubando objectos do seu interior”.....	97
Gráfico 3: Probabilidade vs. experiência “roubo do carro”.....	98
Gráfico 4: Probabilidade vs. experiência “Assaltarem a casa quando esta se encontra desocupada”.....	99
Gráfico 5: Probabilidade vs. experiência “assaltarem a residência quando nela se encontram pessoas”.....	100
Gráfico 6: Probabilidade vs. experiência “ser assaltado na rua, durante o período diurno, tendo contacto com o agressor”.....	101
Gráfico 7: Probabilidade vs. experiência “ser assaltado na rua, durante o período nocturno, tendo contacto com o agressor”.....	102
Gráfico 8: Probabilidade vs. experiência “roubo na rua, durante o período diurno, não se apercebendo do facto”.....	103
Gráfico 9: Probabilidade vs. experiência “ser roubado na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto”.....	104
Gráfico 10: Probabilidade vs. experiência “sofrer abusos sexuais”.....	105

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

#### 1.1. Enquadramento e relevância do estudo

O crime, como qualquer actividade humana, acontece num contexto físico concreto (Gifford, 1993) mas encontra-se distribuído no espaço de modo desigual ( Taylor, 1987). Enquanto fenómeno social, o crime, deve ser abordado tendo em conta a sua relatividade, quer em termos de tempo quer em termos de espaço. Como refere (Sykes, 1978) no âmbito do estudo da problemática do crime deve estar sempre presente a noção de que os resultados trazem sempre consigo a marca do tempo e do lugar.

O local da ocorrência, o tempo, o criminoso, a vítima, a polícia e a sociedade encontram-se intimamente ligados a este fenómeno, que podendo revelar-se sob diferentes padrões e variar entre culturas constitui um dos graves problemas com que se debatem as sociedades actuais e em particular as zonas urbanas. Vários estudos sobre vitimação (e.g. Fischer, 1984; Wikstrom, 1990) mostram uma maior incidência do crime nas áreas urbanas do que nas áreas rurais, evidenciando que alguns tipos de delitos, nomeadamente, roubo, furto em residências, em veículos e de veículos, se encontram muito concentrados nas grandes cidades.

De uma forma geral considera-se que a pobreza e o crime andam lado a lado. A pobreza é um fenómeno sobretudo urbano, na medida em que é nas cidades, mais do que nas zonas rurais, que ele se torna visível. Sendo evidente em muitas cidades a existência de bairros degradados e mais manifesto a presença de desemprego, do crime e do medo do crime. Alguns estudos (e.g. Halpern, 1995) têm mostrado que a

dimensão das cidades se encontra relacionada com o número de ocorrências criminais, aumentando a probabilidade de ocorrências com o aumento da dimensão das cidades.

Assim, a par com a tendência de crescimento da criminalidade em meios urbanos, também o medo do crime ou a insegurança têm vindo a revelar-se mais elevados nas cidades do que nas áreas rurais. Como consequência, é notável um aumento de interesse sobre as estratégias para a sua prevenção. Na medida em que os sentimentos de insegurança prejudicam seriamente a qualidade de vida, expressando-se frequentemente através de um mal estar ou medo por parte das pessoas (Entrena, 1992), torna-se indispensável um esforço que vise não só a redução objectiva do crime mas que tenha ainda em vista uma diminuição do medo do crime.

A insegurança urbana deve ser abordada tendo em conta duas perspectivas diferentes. Uma relativa a uma abordagem objectiva que engloba as informações objectivas e quantificáveis, designadamente o número de ocorrências criminais, o número de queixas apresentado, a localização espacial dos delitos, etc., outra referente à existência de uma dimensão subjectiva que corresponde à percepção das pessoas sobre a segurança e a insegurança.

Alguns autores (e.g. Van der Voordt, 1988; Kirk, 1988; Fattah e Sacco, 1989) têm-se dedicado ao estudo do efeito de diferentes factores ou características (pessoais, sociais e ambientais) sobre as percepções de segurança e risco mostrando por exemplo que as percepções de insegurança podem estar mais relacionadas com o aspecto de um lugar e com os boatos ou notícias do que com a realidade das ocorrências dos crimes.

Diversos estudos têm também evidenciado a existência de grupos distintos na população, uns constituídos por vítimas reais e outros por vítimas potenciais. Alguns trabalhos (e.g. Zauberman, 1985) têm mostrado, por exemplo, que apesar de serem

mais frequentemente vitimados jovens e homens, tendem a ser considerados como potenciais vítimas, os idosos e as mulheres, na medida em que são estes que se sentem mais inseguros.

A maioria das conclusões dos estudos realizados nesta área indica que os grupos mais vulneráveis não são realmente os mais vitimados (Fattah, 1993).

Estes resultados reforçam a importância de prosseguir o estudo do crime e de investigar outras áreas dentro desta temática através de uma abordagem subjectiva do fenómeno.

O presente trabalho tem por objectivo a caracterização e a descrição subjectivas, dos perfis da vítima, do criminoso, dos motivos subjacentes e dos tempos de ocorrência dos crimes de roubo, furto, violação e homicídio, por pessoas que habitualmente utilizam a cidade de Lisboa.

Esta abordagem possibilita deste modo conhecer qual a percepção que as potenciais vítimas têm desta realidade num cenário ambiental que constitui o seu quotidiano.

Esta nova vertente de trabalho pretende, por um lado, contribuir para um conhecimento mais aprofundado do fenómeno e como consequência, para a sua redução. Por outro lado, a inclusão da dimensão subjectiva na abordagem do objecto em estudo facultará o enriquecimento desta temática podendo contribuir para uma acção mais fundamentada na prevenção do fenómeno e a diferentes níveis, designadamente por permitir verificar e contrastar as características objectivas inerentes a cada crime e estimar o grau de proximidade que existe entre essas e as percebidas pelas pessoas. Podendo esta constituir uma pista de trabalho para o futuro.

Este estudo realizado em meio urbano incidiu nos crimes avaliados pelas pessoas como mais frequentes ou graves, nomeadamente, roubo por esticção (furto na rua), furto de objectos no interior do carro, furto de objectos em casa, roubo na rua com objecto agressivo, roubo em casa, violação e homicídio.

De acordo com o Código Penal Português, o roubo e o furto são crimes contra o património, a violação constitui um crime contra os valores e o homicídio um crime contra pessoas. Classifica-se de roubo quando “quem, com ilegítima intenção de apropriação para si ou para outrem subtrair, ou constringer a que lhe entreguem, coisa móvel alheia, utilizando violência contra uma pessoa ou ameaçando-a com um perigo iminente para a integridade física ou para a vida, ou pondo-a, por qualquer maneira, na impossibilidade de resistir”. Classifica-se de furto quando “quem, com ilegítima intenção de apropriação para si ou para outrem subtrair coisa móvel alheia”. Ainda conforme o mesmo Código, entende-se por violação “quem tiver cópula com mulher, por meio de violência, grave ameaça ou, depois de, para realizar a cópula, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir ou ainda, pelos mesmos meios, a constringer a ter cópula com terceiro”. “Quem matar outrem” é a definição avançada para o crime de homicídio (Gonçalves, 1994).

O quadro teórico em que se baseia a abordagem subjectiva desta temática prende-se com os sistemas de classificação ou **categorização** e os **estereótipos** (e.g. Tajfel, 1983; Hamilton, 1979), e em particular, com as **teorias implícitas da personalidade** (Leyens, 1985). É também de esperar que se encontrem envolvidos os **mecanismos heurísticos de julgamento** (e.g. Kahneman e Tversky, 1972, 1973). A capacidade do ser humano para tratar informação é limitado, assim somos obrigados a recorrer a sistemas de classificação estáveis e significantes de modo a reduzir a complexidade do nosso meio envolvente. A categorização é um processo que nos permite um mundo mais simples, mais previsível e mais facilmente explicado e consequentemente controlado. Diversos autores embora utilizando termos diferentes, abordaram este assunto de forma semelhante. Por exemplo, Moscovici desenvolve, a

partir de 1961, o noção de **representação social**, definindo-a como um sistema de valores e de práticas referentes a questões ou objectos sociais e que se constituem como forma de orientação da percepção das situações e da elaboração de respostas.

## 1.2. Objectivos do estudo

- 1.2.1. Aumentar a informação sobre o modo como os sujeitos percebem a criminalidade num cenário ambiental que constitui o seu quotidiano, a cidade de Lisboa.
- 1.2.2. Contribuir para o melhoramento da política de redução do crime e insegurança pública através do aumento da compreensão da dimensão subjectiva do fenómeno.
- 1.2.3. Analisar as variáveis psicossociais (respostas obtidas), associadas a cada um dos actos criminosos (tempo da ocorrência, perfil do criminoso, perfil da vítima e causas associadas a cada comportamento criminoso).
- 1.2.4. Analisar as variáveis psicossociais (respostas obtidas), associadas ao crime em geral (causas gerais do crime e medidas a tomar para minorar a criminalidade)
- 1.2.5. Analisar para cada tipo de crime a experiência pessoal das pessoas e a forma como é por elas avaliada, durante o período nocturno e diurno, a probabilidade de virem a ser elas próprias vítimas potenciais desses mesmos delitos.

## 1.3. Variáveis controladas

Neste estudo controlaram-se as seguintes variáveis ou características socio-demográficas da população de acordo com as seguintes categorias: **Sexo** (homens e

mulheres); **Idade** ( $\leq 35$ , 36-54 e  $\geq 55$  anos) e **Habilitações Literárias** ( $\leq 9^{\circ}$  ano e  $\geq 12^{\circ}$  ano). Tendo-se recorrido na leitura dos resultados à consideração das categorias referidas.

Os resultados de diversos estudos têm mostrado que a percepção de segurança se encontra ligada às características pessoais; as mulheres têm em geral níveis de segurança mais baixos do que os homens, manifestando as mulheres mais receio de serem alvo de actos criminosos do que os homens (e.g. Kirk, 1988). Contudo, segundo Trepanier (1996) são muito mais vitimados os homens do que as mulheres, os jovens do que os adultos, os pobres do que os ricos.

Os resultados obtidos noutros estudos (e.g. Fattah, 1993) têm mostrado que apesar das pessoas idosas serem menos vitimadas comparativamente com os grupos etários mais jovens, é esta faixa etária que mais medo tem de ser vítima de actos criminosos (Fattah & Sacco, 1989).

Um estudo levado a cabo por Anselmo (1994), na cidade de Lisboa, acerca da imagem que os habitantes têm dos espaços residenciais da cidade, revelou que a percepção de insegurança pelas pessoas é o principal factor de rejeição residencial constituindo mesmo um sentimento decisivo para a rejeição do local de residência, sendo esta resultado mais evidente entre as mulheres e os sujeitos de habilitações literárias mais baixas.

É ainda de referir a existência de factores sociais e culturais e de processos cognitivos que participam na divisão social entre o "ingroup" e o "outgroup", tendo em geral o "outgroup" a função de proporcionar uma identidade pessoal favorável (Tajfel, 1982).

#### 1.4. Organização do estudo

O enquadramento teórico realizado no capítulo 2 deste trabalho aborda as questões do medo e da insegurança, os sistemas de classificação e categorização, a teoria das representações sociais, os estereótipos e os mecanismos heurísticos de julgamento. O capítulo 3 faz uma descrição da amostra, do instrumento e do procedimento. Os resultados e a sua análise são apresentados no capítulo 4. As principais conclusões do estudo, a sua discussão à luz dos resultados obtidos em trabalhos anteriores e as suas implicações para trabalhos de investigação futuros são explorados no capítulo 5.

O presente trabalho insere-se num projecto de investigação mais vasto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desenvolvido pelo Centro Nacional de Informação Geográfica, intitulado “Representações Sociais e Padrões de Distribuição da Criminalidade em Meio Urbano”. Este projecto tem como objectivo a caracterização dos padrões de distribuição espacial de crimes na cidade de Lisboa, o estudo das representações sociais da criminalidade e a análise da dimensão subjectiva e objectiva do fenómeno estudado com vista à instalação de um Sistema de Informação Geográfica vocacionado para a sua análise, em tempo real, na Polícia Judiciária.

Este trabalho foi realizado no âmbito da Bolsa n.º 6695/ 95 do Programa PRAXIS XXI, concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

## CAPÍTULO 2

### REVISÃO DA LITERATURA

#### 2.1. Conceito de Crime e Realidade Criminal

Crime é, de acordo com o Código de processo penal, que entrou em vigor em 1988, “O conjunto de pressupostos de que depende a aplicação ao agente de uma pena ou de uma medida de segurança criminais” (Gonçalves, 1991).

A definição do conceito de crime é muito variável. Com o decorrer do tempo, situações que antes eram consideradas normais, são actualmente intoleráveis (ex. certos castigos corporais a crianças), actos classificados nalguns países como criminais, não o são noutros (ex. o consumo de alguns estupefacientes é autorizado em certos países, enquanto que noutros é proibido por lei). Para Marsh (1986) o crime deve ser entendido enquanto conceito que sendo diferente de sociedade para sociedade, traduz o que essas mesmas sociedades e respectivos governos, em determinadas circunstâncias, contemplam nos seus códigos e práticas criminais.

Como refere Sykes (1978) “Ao estudar o crime devemos ter consciência de que as descobertas científicas, normalmente consideradas como impessoais e objectivas, trazem invariavelmente consigo a marca do tempo e do lugar”.

O crime como fenómeno social deve pois ser abordado tendo em conta esta relatividade, quer em termos de tempo quer em termos de espaço.

Como referem Quinney e Wildeman (1977) “Crime é uma palavra importante que possui significados diferentes para pessoas diferentes e que nem sequer encontrou ainda os contornos do significado que lhe é correntemente adscrito”.

As Estatísticas Criminais ou Estatísticas da Justiça, no sentido de estatísticas oficiais, referem-se aos registos resultantes da actuação de entidades oficiais de controlo social, divulgados com uma certa regularidade e respeitantes a uma determinada área. Neste sentido as estatísticas criminais podem basear-se na actuação da Polícia, dos tribunais, etc. (ex. Estatísticas Judiciárias de publicação bienal). Esta técnica de investigação não reflecte a realidade criminal, tendendo a subavaliá-la, na medida em que resulta, para além de outros factores, da disposição da vítima para fazer queixa.

Quando a denúncia de um crime não é feita às autoridades policiais ou não chega à fase de julgamento, este não se constitui como dado estatístico, sendo esta situação designada por Criminalidade Oculta, que compreende qualquer crime que não chega a obter a designação de crime conhecido pela polícia.

Os inquéritos de vitimação são instrumentos que surgiram como alternativa ou complemento às estatísticas oficiais, tendo ajudado também a descobrir um pouco a criminalidade oculta. Estes instrumentos dão a possibilidade de avaliar com margens de erro estatisticamente aceitáveis, uma parte significativa da criminalidade de uma determinada zona geográfica. São questionários que procuram uma aproximação mais exacta e profunda dos crimes praticados. Estes inquéritos baseiam-se em questionar as pessoas acerca da sua experiência de vitimação ou da do seu agregado familiar. Os inquéritos de vitimação apresentam algumas desvantagens, na medida em que também não representam a realidade criminal, mas apenas um conjunto de relatos que a amostra dos inquiridos decidiu fazer. Para além de exigirem um grande esforço de memória da parte das pessoas, podendo levá-los a fornecer informações menos correctas sobre a vitimação, nestes instrumentos de recolha de informação,

pode também, dependendo do tipo de crime, existir da parte da vítima alguma relutância em responder.

Tendo em consideração que existem diferentes perspectivas de abordagem do conceito de crime, tendo em conta a relatividade do próprio conceito e a dificuldade que existe em conhecer a verdadeira realidade criminal, mas sabendo que se trata de fenómeno social sobretudo urbano, torna-se fácil entender que a forma como é percebida a realidade criminal tem origem numa diversidade de factores e de formas de posicionamento das pessoas face aos acontecimentos sociais em geral e à criminalidade em particular.

## 2.2. Medo e Insegurança

A insegurança, um dos temas mais focados da actualidade, surge sobretudo nas cidades. Como refere Imbert (1992) “A insegurança não é terror; é a probabilidade do imprevisível. (...) O medo é hoje da violência imprevisível, que ao fim e ao cabo é a violência banalizada, a que pode surgir em qualquer momento”.

Actualmente, para além do real aumento da insegurança, da violência ou de certas formas de criminalidade, é fundamental contar também com o aumento das representações da violência.

Vários estudos sobre vitimação revelam uma maior incidência do crime nas áreas urbanas do que nas áreas rurais (Fischer, 1984). Como refere Wikström (1990), «certas categorias de crimes (roubo, assalto a edifícios e furto de e em veículos) estão muito concentrados nas grandes cidades». Este facto, associado à incivilidade física e social mais observada nas cidades (ex. deterioração física) e à grande pressão demográfica, conduz à existência de sentimentos de insegurança, vulnerabilidade e

preocupação sobre a possibilidade de ser uma vítima potencial do crime em maior grau nos residentes urbanos do que nos residentes em zonas rurais.

Os sentimentos de segurança ou insegurança relacionados com a experiência em diversas áreas urbanas constituem um elemento da qualidade de vida. Na medida em que os sentimentos de insegurança prejudicam seriamente a qualidade de vida, expressando-se frequentemente através de um mal estar ou medo por parte das pessoas (Entrena, 1992), torna-se indispensável reunir esforços que visem não só a redução objectiva do crime mas que tenha ainda em vista uma diminuição do medo do crime.

A definição de medo, no que respeita ao crime, é referida por Garofalo (1981), como “... uma reacção emocional caracterizada por uma sensação de perigo e de ansiedade ... sentida através de sinais existentes no meio envolvente e que de alguma forma estão associadas ao crime”.

Tem sido crescentemente aceite que a intensidade do sentimento de insegurança não é directamente proporcional à criminalidade registada. As questões da criminalidade e da insegurança urbanas não se devem restringir unicamente às estatísticas oficiais. Os comportamentos de exposição ao risco, de prevenção pessoal face ao crime, assim como as reacções subseqüentes ao crime, têm importantes interferências psicológicas e sociais (Fernandes, 1994).

A insegurança urbana deve, assim, ser abordada tendo em conta duas perspectivas diferentes. Uma relativa a uma abordagem objectiva que engloba as informações objectivas e quantificáveis, designadamente o número de ocorrências criminais, o número de queixas apresentado, a localização espacial dos delitos, etc., outra referente à existência de uma dimensão subjectiva que corresponde à percepção das pessoas sobre a segurança e a insegurança.

Vários autores têm dirigido o interesse para os efeitos dos factores sociais e arquitecturais sobre as percepções subjectivas de segurança e risco, e padrões objectivos de comportamento. O objectivo destes estudos tem sido o de reduzir não só os níveis de risco objectivo mas através da própria arquitectura reduzir a ansiedade das pessoas.

Van der Voordt (1988) tem centrado a atenção na descoberta dos factores do ambiente capazes de influenciar os níveis de crime e o medo do crime, referindo que algumas áreas invocam níveis de ansiedade mais elevados do que outras.

Os bairros de habitação social e os bairros degradados são referidos pelas pessoas como principais locais de origem da insegurança urbana (Fernandes, 1994).

O estudo de Kirk (1988) cujo objectivo era o de avaliar quais os elementos arquitecturais responsáveis pela percepção de segurança, conclui que as percepções de segurança de um lugar são mais afectadas pela aparência do lugar e pelos boatos do que pela experiência pessoal ou a realidade estatística. Este estudo mostrou ainda que as áreas sentidas pelas pessoas como mais perigosas não correspondiam às áreas estatisticamente mais perigosas. Os resultados encontrados revelam por último que as percepções de segurança de uma zona se encontram também ligadas às características pessoais; as mulheres têm em geral níveis de segurança mais baixos do que os homens, o que se manifesta por exemplo, em padrões comportamentais de evitamento de determinados lugares.

Os resultados de um estudo acerca da percepção da segurança relativamente ao crime em ambiente urbano, levado a cabo por Loewen, Steel e Suedfeld (1993), mostraram que as mulheres sentem-se menos seguras relativamente ao crime do que os homens. O sujeitos referiram ainda algumas características do ambiente importantes para a segurança, nomeadamente a luz (visibilidade de um lugar) e os espaços abertos.

O estudo de Carvalho (1991) com o objectivo de caracterizar as vítimas do crime e de determinar os factores que contribuem para a existência do medo do crime na cidade de Lisboa, mostrou, de modo geral, que são os indivíduos mais velhos, em contraste com os mais jovens, que mais frequentemente têm sentimentos de insegurança e que mais consideram que a criminalidade tem assumido formas mais violentas, sendo os mais jovens que tendem a ter menos medo. Os jovens referem os “crimes contra valores” (e.g. violação, tráfico e consumo de drogas, etc.) como os mais praticados e os que mais evoluem, enquanto que os mais velhos referem os “Crimes contra o património” (e.g. furto de residência, de e em automóveis, roubo, etc.).

Relativamente aos *indivíduos que foram vítimas de crime*, destacam-se as mulheres, os mais velhos e os casados como sendo os que têm mais medo e os que tomam mais medidas de protecção. Sendo as medidas de protecção mais utilizadas as seguintes: evitar os locais mal iluminados e pouco frequentados, colocar em segurança objectos de valor, não expor na rua os objectos de valor, recorrer a fechaduras de segurança, etc.

No que concerne aos *sujeitos que referem ter medo do crime*, o mesmo trabalho refere ainda que os factores que mais contribuem para essa insegurança são: ser vítima de crime ou ter familiares ou amigos que o foram, notícias transmitidas pela comunicação social, local de residência, falta de polícias na rua, etc.

De forma geral o estudo indicou que os indivíduos que tiveram já experiências de vitimação, são os que apresentam níveis de insegurança mais elevados e os que parecem preocupar-se mais com a protecção.

Também Vrij & Winkel (1991), tentaram perceber quais as relações existentes entre as características do ambiente e o medo do crime. Os resultados obtidos indicam, por um lado, que os lugares mais inseguros são os mais sossegados, descampados e pouco iluminados. Por outro lado, observou-se que com o aumento do nível da luz da rua, diminui o medo do crime, isto é, o risco subjectivo de se vir a ser vítima.

Um estudo levado a cabo por Anselmo (1994), na cidade de Lisboa, acerca da imagem que os habitantes têm dos espaços residenciais da cidade, revelou que a percepção de insegurança pelas pessoas é o principal factor de rejeição residencial constituindo mesmo um sentimento decisivo para a rejeição do local de residência, sendo este resultado mais evidente entre as mulheres e os sujeitos de habilitações literárias mais baixas.

Os factores que mais contribuem para a percepção de insegurança são, para os sujeitos com mais de 50 anos, do sexo masculino e com habilitações literárias mais baixas, a natureza socio-demográfica das áreas sentidas como inseguras bem como as pessoas que as frequentam. O que mais contribui para o sentimento de insegurança, para os indivíduos com habilitações literárias mais elevadas, é a percepção da existência de criminalidade.

O mesmo trabalho mostrou ainda que as áreas percebidas como seguras são, para os sujeitos **mais jovens**, sobretudo as ruas movimentadas; para as pessoas de idade compreendida entre os 26 e os 50 anos, os lugares que lhes são familiares e, para os indivíduos **mais velhos**, as áreas tranquilas e as áreas em que estão presentes forças policiais. A análise das áreas seguras segundo o sexo revelou que os **homens** percebem como seguras as áreas que lhes são familiares assim como as áreas em

que estão presentes forças policiais. Para as **mulheres** as áreas mais seguras são as que consideram ser áreas tranquilas. De acordo com as habilitações literárias observou-se que os sujeitos com **habilitações literárias mais elevadas** percebem como seguras as áreas que melhor conhecem e as que não se encontram desertas. Os sujeitos com **habilitações mais baixas** percebem como seguras as áreas em que estão presentes forças policiais.

Apesar de diversos autores (ex. Rico e Salas, 1988) de acordo com dados sobre os EUA, referirem ser as mulheres, relativamente aos homens, que apresentam maior receio de ser alvo de actos criminosos, o que se verifica, segundo Trepanier (1996), é que são muito mais vitimados os homens do que as mulheres, os jovens do que os adultos, os pobres do que os ricos.

Resultados de um estudo, levado a cabo na cidade de Lisboa (Esteves, 1999) apontando no mesmo sentido, mostram que as mulheres por recearem mais o crime do que os homens, também admitem mais, tomarem medidas de prevenção (ex. sair acompanhada; evitar certo tipo de ruas e de pessoas). É assim natural que uma maior protecção face ao perigo esteja na base de uma menor incidência de actos criminosos sobre as mulheres comparativamente aos homens.

Alguns estudos mostram que os jovens são o grupo etário que mais é vitimado na cidade, sendo também o que menos muda o seu comportamento como consequência disso (Lahosa, 1989). Por outro lado, os jovens como grupo que mais uso faz da cidade e também como grupo principal utilizador de drogas é o que surge também como principal impulsor da insegurança urbana, uma vez que as drogas surgem frequentemente associadas à insegurança. A criminalidade das cidades é geralmente atribuída ao consumo e tráfico de drogas, surgindo o combate à droga até como uma das principais prioridades referidas pelos políticos em geral. Como refere Fernandes (1994) a toxicoddependência é um fenómeno urbano. Sendo a droga uma das

principais causas de delinquência nas cidades, ideia fortemente divulgada através dos órgãos de comunicação social.

Resultados de estudos sobre vitimação levados a cabo em vários países, nas duas últimas décadas (ex. Canadá, Alemanha, Austrália, EUA), indicam que os idosos (com idade superior a 60 anos), pertencem à faixa etária que é menos vitimada (Fattah, 1993). Estes estudos mostram ainda ser o “roubo por esticão” o crime que mais mulheres idosas sofrem, aparecendo como único em que a taxa de vitimação excede a da população mais nova.

Sendo fácil de admitir que os efeitos físicos e psíquicos de um crime possam ser mais graves nas pessoas idosas (visto ser um dos grupos mais vulneráveis tanto a nível físico como frequentemente económico e social e por isso mesmo a consequência da perda de alguns bens ser mais grave) é também esta faixa etária que mais medo tem de ser vítima de actos criminosos (Fattah e Sacco, 1989), verifica-se contudo, ser um dos grupos menos vitimados (Fattah, 1993), o que pode facilmente ser compreendido se atendermos a que os mais idosos, pela sua própria limitação física, têm tendência a permanecer mais tempo em casa comparativamente com os outros grupos etários.

Com base nos resultados obtidos em estudos que envolveram a população idosa americana (Cook et al., 1981), o elevado nível de medo do crime registado nesta faixa etária, não parecendo resultar das experiências de vitimação directa (dado ser um dos grupos etários em que se verifica uma menor taxa de vitimação), pode ser o resultado de experiências indirectas. Duas modalidades de experiência indirecta parecem particularmente importantes: as redes sociais informais e os órgãos de comunicação social. Alguns estudos indicam que as conversas informais sobre o crime podem ter uma influência importante sobre o medo sentido (Tyler, 1980). No que respeita à influência dos órgãos de comunicação social sobre o medo sentido pelas pessoas desta faixa etária os resultados encontrados não são claros. Se alguns apontam no sentido de existir uma influência da comunicação social sobre o medo

pessoal (Gerbner et al., 1976), outros não conseguem encontrar essa influência (Doob et al., 1979).

A grande vulnerabilidade dos idosos e as suas baixas taxas de vitimação, indicam que vulnerabilidade e vitimação não se encontram interligadas, isto é, os mais vulneráveis não são necessariamente os mais vitimados (Fattah, 1993). Algumas tentativas de explicação vão no sentido de que a maioria dos idosos é menos atractiva, menos acessível e um alvo menos exposto ao crime do que a população mais nova.

As estatísticas oficiais têm mostrado de forma consistente que, à excepção dos abusos sexuais, os homens são mais frequentemente vítimas de crime do que as mulheres. Contudo, na medida em que o número de mulheres ultrapassa o número de homens nos grupos etários mais elevados (acima dos 65 anos) esta evidência tem tendência a inverte-se, encontrando-se neste grupo etário mais vítimas do sexo feminino do que masculino (Fattah, 1993).

A violência contra os idosos difere da violência sobre outros grupos de idade relativamente ao lugar onde o crime ocorre. Em geral é nas suas próprias casas que os idosos são vitimados, à excepção dos “carteiristas” que actuam sobre estas vítimas, normalmente na rua ou em lugares públicos. É por esta razão que Jones (1987) atribui às vítimas idosas o nome de “vítimas domésticas”.

Os resultados de um trabalho levado a cabo por Inocêncio (1996) com o objectivo de conhecer quais as representações sociais dos sujeitos dos sexos feminino e masculino sobre o crime de violação, revelaram no que respeita à descrição da vítima deste tipo de crime e independentemente do sexo dos inquiridos, que esta é uma mulher jovem, atraente e que se veste de forma provocante. Contudo de acordo com Rocha e Vieira (1990) a idade das vítimas de violação vai desde os 6 meses de idade até aos 90 anos.

Rico e Salas (1988) avançam quatro causas que estão na origem do medo do crime: percepção do aumento da criminalidade violenta; experiência pessoal de vitimação ou que envolva pessoas próximas; insatisfação para com o sistema penal e informações divulgadas através dos órgãos de comunicação social.

Relativamente ao medo que as pessoas sentem, que é real, há que distinguir entre o nível cognitivo e o nível afectivo. Os órgãos de comunicação social parecem deter um importante peso no modo como exaltam a criminalidade, através de uma leitura nem sempre correcta das estatísticas oficiais, difundem vagas de criminalidade enganosas, exacerbando crimes pontuais muito chocantes que estatisticamente são irrelevantes, e apontando como vítimas as mulheres e os idosos (Mayhew, 1985).

Desta forma, os meios de comunicação social contribuem fortemente para o aumento dos temas acerca da insegurança, na medida em que os procuram e os divulgam com regularidade diária, conferindo-lhes assim especial relevo. A par desta notoriedade e do forte destaque, estes temas surgem como fortes causadores de sentimentos de insegurança, como relata Imbert (1992) “Os meios de comunicação, pelo seu potencial de irradiação, reforçam a sensação de insegurança”

Van der Wurff e Stringer (1988) interessados em saber qual o papel dos traços físicos e sociais na determinação do medo do crime, levaram a cabo um estudo em quatro ambientes residenciais distintos, do qual concluíram que é a componente social que actua como mediadora entre a arquitectura ambiental e o sentimento de segurança. Contudo, embora estes autores argumentem serem os factores sociais a dar significado aos ambientes, outros autores defendem que também o ambiente construído dá significado e por vezes nega a interacção social. Coleman (1988) conclui que o sentimento crescente é o de que o crime e a segurança não podem surgir desligados do traçado do ambiente construído.

O medo do crime tem sido apontado como uma resposta ou reacção ao crime (Dubow, McCabe e Kaplan, 1979). Contudo, o fenómeno do medo do crime revelou-se como mais complexo e multicausal. Duas teorias ocuparam-se desta questão: a teoria da vitimação indirecta sugere que os canais de comunicação interpessoais aumentam as vítimas indirectas do crime, ou seja, as informações acerca de uma vitimação aumentam o medo, a ansiedade e os níveis de preocupação. Outra teoria associa esta questão à localização física e ao ambiente social. Hunter (1978) argumenta que existem comportamentos esperados nos locais públicos, baseados em normas sociais. Estas normas são aceites, partilhadas por cada comunidade e correspondem a sinais sociais de civilidade (ex. não fazer barulho em lugares públicos) em contraposição com sinais de incivilidade social. A par com estes sinais sociais o autor refere também sinais físicos de civilidade vs. incivilidade. Na medida em que os sinais sociais e físicos de incivilidade são experienciados mais frequentemente do que o crime, a percepção destes sinais inspira um medo maior do que o próprio crime. Wilson e Kelling (1982) referem que um aumento da incivilidade conduz a uma diminuição de comportamentos no sentido de um maior envolvimento na vida comunitária. A resultante redução do controlo social informal conduz assim a um aumento da vulnerabilidade da zona.

### **2.3. Teorias e Modelos de abordagem da Criminalidade**

Embora a maior parte das investigações nesta área se tenha centrado na análise dos efeitos da estrutura da comunidade sobre o crime, ou seja, dirigindo a atenção para as causas do crime e abordando-o como um resultado, existem outros estudos que investigam os impactes do crime sobre a estrutura da comunidade (Taylor, 1991).

As teorias cujo foco recai sobre o crime como um resultado, abrangem quatro diferentes tipos de modelos explicativos: económico; desordem ou desorganização social; demográfico; e estilo de vida/actividades quotidianas.

Os modelos económicos associam as diferenças socio-económicas aos níveis de crime (pobreza; efeitos do desemprego, etc). Land et al. (1990) mostraram que os índices de baixo estatuto económico se encontram relacionados com os níveis de crime violento.

Os modelos de desordem ou desorganização social, nos quais se encontram as investigações realizadas no âmbito da ecologia criminal, como os célebres trabalhos dos sociólogos da Escola de Chicago (Shaw e McKay, 1942) no campo da distribuição das áreas de residência dos criminosos nesta cidade. Estes estudos revelaram que a taxa de delinquência estava relacionada com a posição geográfica no interior da cidade, a que correspondiam posições económicas bem definidas.

A **teoria ecológica** ocorreu com a formação das grandes cidades e o aparecimento dos *ghettos*, tem assim como foco de atenção a grande cidade como unidade ecológica. Segundo esta teoria as causas do crime têm origem na própria área degradada dos bairros, verificando-se que as suas taxas de delinquência se mantinham constantes apesar dos grupos étnicos que ocupam essas áreas irem variando. Assim, estas áreas surgiam também como impulsoras da cultura criminosa que originavam. Esta teoria assenta sobretudo nas ideias de desorganização social e de transmissão cultural, socorrendo-se das noções de desorganização e enfraquecimento do controlo social inerentes aos novas aglomerações urbanas. Para esta teoria são as áreas degradadas que dão origem à criminalidade das classes sociais desfavorecidas que nelas residem.

Posteriormente fizeram-se observações sobre as teorias da Escola de Chicago proclamando que estas estavam fortemente dependentes do padrão específico de crescimento das cidades americanas (Morris, 1958).

De referir que mais tarde, com a evolução das teorias espaciais observa-se algum distanciamento relativamente ao modelo ecológico da escola de Chicago. Por exemplo, desde a obra "Defensible Space", de Newman que as investigações ecológicas tendem a estar orientadas para prevenir o delito através do traçado arquitectónico do espaço urbano. Na década de setenta surge ainda a Psicologia Comunitária, com uma perspectiva ambientalista e concepções ecológicas, próxima da Psicologia Ambiental, defende um papel mais activo das pequenas comunidades e uma reestruturação da vida urbana através de instituições que intervenham entre a vida privada e a vida pública dos cidadãos, e ainda, que a intervenção, devendo ter um carácter preventivo, deve recair nos lugares onde o problema existe.

Outras abordagens do fenómeno têm-se centrado sobre a área de ocorrência dos actos delinquentes. Morris (1958) refere que as ruas pouco iluminadas e pouco frequentadas são, em geral, lugares propícios à existência de assaltos. As áreas de crime não correspondem na sua maioria às áreas onde os delinquentes vivem.

Outros autores (Lahaye et al., 1982; Verin, 1986; Gassin, 1990) referem que a delinquência se distribui geograficamente e de modo semelhante pelas cidades, mas chamam a atenção para o facto da localização da residência dos delinquentes se concentrar em determinadas zonas da cidade. O que parece interessante relevar é que estas zonas se caracterizam invariavelmente por uma degradação física, económica e social, servindo como instigadoras do comportamento desviante.

Modelo demográfico - um número elevado de investigações têm incluído as variáveis demográficas no modelo de estilo de vida/actividades quotidianas, contudo outras pesquisas têm demonstrado interesse pelo estudo da ligação idade-crime (Chilton, 1986).

As teorias que se inserem no modelo estilo de vida/actividades quotidianas explicam os níveis de vitimação como consequência da proximidade espacio-temporal, entre a

vítima e o potencial delinquentes, e foram aplicadas por alguns autores (Sampson e Lauritsen, 1990). Estas teorias referem que a presença de um delincente, a ausência de guarda e a existência de um alvo adequado, são três condições necessárias para a ocorrência de crime.

Relativamente aos estudos que investigam os impactos do crime sobre a estrutura da comunidade, muitos autores têm estudado este assunto em termos de áreas com maior nível de mobilidade e valor das casas. Alguns estudos apontam no sentido de que um aumento nos níveis de crime implicam um decréscimo no valor das casas (Dubin e Goodman, 1982). Outros estudos (Skogan e Maxfield, 1981) mostraram que o aumento dos índices de crime reduz a atracção relativa do local aumentando, como consequência, a atracção das áreas seguras tornando-as mais desejáveis como pontos de destino.

#### 2.4. Criminalidade em Lisboa/Portugal no contexto da União Europeia – breve caracterização

Em Portugal, a análise da evolução da delinquência, a sua diversidade regional e a sua relação com a estrutura económica e social, foi levada a cabo por Fonseca (1984). Neste estudo verificou-se serem os distritos do sul, norte e centro interior que possuem uma maior percentagem de condenados. Os resultados obtidos indicam ainda um crescimento da criminalidade em todo o país, que a partir de 1960 apontam no sentido de um maior índice de ocorrência de crimes nas zonas urbano-industriais em contraposição com as áreas rurais.

Segundo Moita Flores (1995), “a violência sem rosto, produzida nas grandes metrópoles por *gangs*, psicopatas, adolescentes”, ainda não existe no nosso país. Relativamente aos actos criminosos na cidade de Lisboa e apesar de considerar esta, a capital mais segura da Europa, perspectiva para o futuro da cidade um panorama

bastante mais sério, considerando que a pequena criminalidade (ex. roubo por esticção) pode vir a dar lugar, a actos criminosos mais violentos, que “tendem a aumentar com o desenvolvimento económico-social das sociedades ....”.

Comparativamente aos países da Europa, Portugal apresenta taxas de criminalidade relativamente baixas, assentando a criminalidade no nosso país, à semelhança da Europa, essencialmente nos crimes contra o património (ex. Furtos de ou em veículos; furto em residência; roubo ou furto por esticção, etc.). Tendo como objectivo, comparar a situação da criminalidade em Portugal com a dos países mais desenvolvidos económica e socialmente, Ferreira (1998) apoiou-se nos resultados de inquéritos de vitimação (nacionais e internacionais), nomeadamente o International Crime Survey de 1989 e 1992, e do Inquérito de Vitimação de 1992, que apesar de algumas limitações, estes instrumentos de recolha de informação, parecem, no entanto, ser mais adequados a este tipo de análise (comparativa) do que os registos oficiais, devido, designadamente, à existência de diferenças de legislação penal entre países, regulamentação diversa da tipologia dos crimes, etc.

A análise dos resultados destes inquéritos<sup>1</sup> (Ferreira, 1998), indica que, em Portugal, a incidência da criminalidade contra o património, em 1992, não foi muito menor do que a incidência verificada nos restantes países da Europa analisados, com excepção dos *furtos de veículos*, único crime cuja incidência em Portugal foi menor do que a observada em todos os outros países estudados. De entre os crimes contra bens patrimoniais, os *furtos em veículos* foram os crimes que maior incidência tiveram em Portugal e nos outros países apreciados, os resultados revelam ainda que se observou uma maior incidência no nosso país do que a que se verificou em cerca de metade dos países incluídos no estudo (como a Alemanha, a Finlândia e a Bélgica). No que concerne aos *furtos em residências*, a incidência observada em Portugal foi apenas

---

<sup>1</sup> Os resultados obtidos pelo International Crime Survey são relativos aos seguintes países: Alemanha, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Suécia. Os dados Portugueses baseiam-se no Inquérito de Vitimação de 1992.

mais elevada do que a que se verificou em três dos países comparados (Suécia, Alemanha e Finlândia), contudo os dados disponíveis relativos à Alemanha reportam ao ano de 1990, podendo por isto, a incidência estar aqui subavaliada. A incidência de *roubos* (na via pública, a pessoas) em Portugal, foi muito menor do que a registada nos restantes países em análise, tendo apenas sido superior à incidência registada na Suécia, Alemanha e França, contudo os resultados disponíveis da França devem estar subavaliados uma vez que reportam, respectivamente aos anos de 1988 e 1990. Os *furtos a pessoas* (ex. furto por esticção; furto por carteirista) foram, de entre os crimes considerados, os que apresentaram, em Portugal, a segunda incidência mais alta, mostrando um valor similar à média dos verificados nos outros países da União Europeia. Em geral, a taxa de criminalidade contra bens patrimoniais, não sendo no nosso país significativamente mais baixa quando comparada com a dos outros países, no que respeita a *furtos em veículos*, *furtos em residências* e *furtos a pessoas*, a incidência em Portugal, nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto já seria idêntica ou maior à observada em certas zonas dos outros países.

No que concerne à criminalidade em Portugal, da análise efectuada por Ferreira (1998), com base em diversas fontes (nomeadamente, Estatísticas da Justiça e INE e Inquérito de Vitimação de 1994), revela que os crimes em geral, registados em 1995, acumulam-se maioritariamente na zona litoral do país, nomeadamente nos distritos de Lisboa, Porto e Setúbal, isto é, nas zonas com maior densidade populacional e maior índice de urbanização. No que respeita aos crimes contra o património, em 1995, os resultados revelam ter sido também os distritos de Lisboa, Porto e Setúbal, os que acusaram o maior número de registos. De acordo com os resultados obtidos pelo Inquérito de Vitimação de 1994 verifica-se que 8,8% dos residentes na área Metropolitana de Lisboa foram vítimas, nesse ano, pelo menos uma vez, de um furto (7,2%) (furto por carteirista, furto por esticção, entre outros), ou de um roubo (1,6%).

Esteves (1999) levou a cabo um estudo na cidade Lisboa, em 1994, com o objectivo de comparar a imagem mental das pessoas relativamente à percepção do perigo de

determinadas zonas (em termos de criminalidade) e as reais ocorrências criminais. Os resultados encontrados revelam, em geral, ser as zonas com menores ocorrências de actos criminosos que são consideradas pelos inquiridos como as mais perigosas (ex. Casal Ventoso, Musgueira, Charneca, Chelas, etc.). Esta imagem negativa encontra-se associada ao baixo nível social e económico dos residentes, à habitação muito degradada ou de baixa qualidade de construção, entre outras características existentes nestas zonas. Contrariamente, as zonas percebidas como menos perigosas pelas pessoas, são as que apresentam um maior número de crimes registados (ex. Benfica, Alvalade, Campo de Ourique, Lumiar / Telheiras, etc.). No entanto, estas áreas encontram-se associadas a um elevado estatuto socio-económico da população residente, habitação de boa qualidade, etc.

Quando questionados acerca das estratégias, que na sua opinião poderiam ser adoptadas para ajudar a prevenir ou reduzir o crime na cidade de Lisboa, os inquiridos referem, de uma lista de sete medidas, em primeiro lugar “maior número de polícias a pé nas ruas”, em segundo “melhorar a iluminação das ruas”, em terceiro e em quarto “maior número de polícias de automóvel ou a cavalo” e “maior número de guardas nocturnos”, respectivamente.

## 2.5. Categorização Social, Identidade Social, Estereótipos e Processamento Heurístico

A capacidade do ser humano para tratar a informação é limitado, assim somos obrigados a recorrer a sistemas de classificação ou categorização estáveis e significantes de modo a reduzir a complexidade do nosso meio envolvente. Segundo Tajfel (1983) «a **categorização social** é o processo através do qual se reúnem os objectos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito a acções, intenções e sistemas de crenças do indivíduo». A categorização social tem subjacente a percepção e a organização da realidade em classes de

objectos, factos e grupos de pessoas. A categorização é um processo que nos permite um mundo mais simples, mais previsível e mais facilmente explicado e consequentemente controlado, designa assim o processo de estruturação do meio envolvente. Vários autores, apesar de utilizarem termos diferentes, abordaram este assunto de modo semelhante.

Tajfel (1972) relacionou categorização social com identidade social, sugerindo que a identidade social surge quando os sujeitos se concebem ou se sentem como elementos pertencentes a certos grupos sociais, associado com o significado afectivo e de valor inerente a essa pertença.

Para Zavalloni (1972) a abordagem do conceito de identidade deve ter em conta a ligação entre o psicológico e o sociológico, relacionando-se esta ligação não apenas com as representações dos indivíduos sobre os seus papéis mas com as representações dos grupos de pertença e das suas posições sociais.

No que respeita à categorização social, Billig (1976) refere que os julgamentos levados a cabo pelas pessoas recaem directamente sobre elas próprias na medida em que ao julgarem os outros estão permanentemente a julgar-se, pelo menos por comparação inevitável consigo próprias. Tanto mais quando os outros são elementos do seu grupo.

Hamilton (1979) abordou esta realidade com base no termo **estereótipo**. Também Leyens (1985), baseando-se num tipo particular de categorização social, **as teorias implícitas da personalidade**, defende que os estereótipos dizem respeito às relações que se estabelecem entre grupos e defini-os como «teorias implícitas de personalidade partilhadas pelo conjunto dos membros de um grupo a propósito do conjunto dos membros de outro grupo ou do seu próprio grupo». De acordo com este autor, as teorias implícitas (ou ingénuas) da personalidade referem-se às crenças que sustentamos relativamente aos outros, ou seja, dizem respeito ao facto de, com base

em certas características físicas ou de personalidade, deduzir rapidamente outras. Estas são portanto teorias sem fundamentação científica a que cada pessoa recorre para prever o comportamento, avaliar ou explicar (quer no que respeita a si próprio quer no que respeita aos outros).

A formação de impressões sobre alguém requer, de modo geral, de pouca informação. Por vezes, pequenas indicações de comportamento chegam para que rapidamente se reunam as condições julgadas necessárias para a caracterização de uma pessoa. A formação de uma impressão refere-se à inclusão de uma pessoa numa categoria com significado, com base na organização da informação disponível acerca dessa pessoa (Caetano, 1999).

A formação de impressões enquanto percepção social sofre influência de diversos factores de ordem cognitiva, nomeadamente os estereótipos, as expectativas, as teorias implícitas, as heurísticas, etc., factores demográficos e factores de ordem emocional.

Os julgamentos sociais são produzidos em contextos sociais, cumprem normas sociais e referem-se a alvos sociais (Leyens et al., 1992). As pessoas emitem julgamentos quando sentem que esses julgamentos são válidos necessitando para isso de possuir informação individual sobre pessoa alvo.

O **estereótipo** integra uma parte importante da representação social, contudo distingue-se desta, entre outras características, pela sua rigidez, a sua natureza avaliadora, a sua especificidade e o seu esquematismo, ou seja, muitas representações acabam por estereotipar-se através de um processo de simplificação e de generalização.

Os estereótipos determinam a forma como avaliamos ou julgamos os grupos ou indivíduos. Segundo Miller (1982) esses julgamentos baseiam-se em determinadas

características, nomeadamente o sexo, a raça, o aspecto físico, entre outras. Os estereótipos constituem estruturas cognitivas que ajudam a tratar a informação, informação essa sempre sujeita a distorções ou enviesamentos por parte dos indivíduos. As distorções da informação obtida é levada a cabo pelos sujeitos de forma a garantir a diferenciação entre o seu grupo de pertença ou grupo com o qual se identificam e os outros grupos.

Segundo Tajfel (1982) os estereótipos desempenham para um grupo as seguintes funções sociais: de **justificação** (da posição social, normalmente do grupo privilegiado relativamente ao outro), de **explicação causal** (todos os indivíduos precisam de explicações para compreender o que os rodeia, assim, ainda que seja muitas vezes difícil atribuir causas a certos acontecimentos sociais, é frequente responsabilizar um determinado grupo por esse acontecimento) e a função de **diferenciação positiva** (do próprio grupo relativamente a outros grupos; as características de um grupo só fazem sentido quando é possível compará-las com as dos outros grupos). As funções dos estereótipos aqui descritas podem, como veremos adiante, ser aplicadas às representações sociais.

No que respeita ao estudo do julgamento e da tomada de decisão importa referir a abordagem que Kahneman e Tversky (1972, 1973) e Tversky e Kahneman (1971, 1974) realizaram no âmbito dos **processos heurísticos**.

As nossas expectativas, estereótipos, objectivos, motivos e necessidades afectam o julgamento dos objectos sociais. Como refere Allport (1954) quando não nos sentimos motivados para um processamento de informação que exija esforço, a tendência será fazer um esforço mínimo, seguindo uma estratégia de processamento de informação baseada em regras simples, esquemas e conhecimento anteriores, o que se designa por **processamento heurístico**.

Assim, o processo através do qual se ignoram os dados de frequência estatística e se classifica um objecto numa categoria com base nas suas características mais evidentes, é designado pelos autores como **heurística da representatividade**. Relativamente ao processo em que se avalia a frequência de um acontecimento ou uma probabilidade com base na facilidade de recordação de exemplos conhecidos, os autores designaram por **heurística da disponibilidade**.

Quando se afirma que a maioria dos membros de um grupo possuem uma determinada característica significa que esses membros estão a ser julgados como sendo relativamente semelhantes no que respeita a essa característica. Quando se fazem distinções entre os membros de um grupo significa que se percepção esse grupo como uma entidade heterogénea. Quando as pessoas percebem maior heterogeneidade no *ingroup* do que no *outgroup*, é porque interagem mais frequentemente e possuem maior familiaridade com os membros do *ingroup* do que os membros do *outgroup* (Devos, Comby e Deschamps, 1996).

## 2.6. Categorização Social e Representações Sociais

A noção de representação social tem a sua origem, no século passado, em Durkheim que faz a distinção entre “representações individuais” e representações colectivas”, mas é Moscovici que, a partir de 1961, desenvolverá este conceito.

Com a prossecução dos estudos vão emergindo diversas definições do conceito de representações sociais que variam de acordo com o contexto em que os estudos se realizam. O conceito de representação social surgiu com Moscovici, em 1961. Nesta fase o autor definiu **representação social** como «um instrumento próprio para categorizar as pessoas e os comportamentos». Para este autor, as representações visam a descoberta e a ordenação da realidade e proporcionam a comunicação entre os elementos dos diferentes grupos sociais.

Mais tarde, em 1969, Moscovici descreve representações como “um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos, aspectos ou dimensões do meio social que permite não só a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos mas constitui igualmente um instrumento de orientação da percepção das situações e da elaboração dos comportamentos” (Moscovici, 1969).

Em 1981, uma outra definição de representações sociais foi avançada pelo autor: “Um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual” (Moscovici, 1981).

Como sistematiza Vala (1999), as representações para serem consideradas representações sociais devem cumprir alguns critérios. Segundo um critério mais “quantitativo” a representação é entendida como social quando não se refere à representação singular e específica de cada sujeito mas quando ultrapassa o particular e se reporta a representações mais gerais comuns a diferentes indivíduos. De acordo com um critério “genético” a representação diz-se social quando é o resultado das interacções entre os membros de um grupo social sendo por isso formada em grupo ou comunidade. Um terceiro critério avançado designado como critério da “funcionalidade” defende que a representação é social quando serve de indicação para a resolução de questões e adopção de comportamentos dentro do grupo.

Para Di Giacomo (1981) as **representações sociais** «constituem modelos explicativos categorizando relações entre diversos objectos do meio ambiente», sendo esta forma de categorização partilhada por grupos de pessoas. A representação social enquanto processo de categorização admite um vasto leque de objectos, que vai desde pessoas a comportamentos, disciplinas científicas, acções sociais, acontecimentos, etc. O que distingue as representações sociais das opiniões é o facto das primeiras se dirigirem a diferentes objectos do meio e de serem compartilhadas por grupos geográficos ou ideológicos (Di Giacomo, 1987).

A análise das representações sociais situa-se a um nível cognitivo, tendo um carácter essencialmente funcional, de adaptação (e construção), elas são o resultado do esforço que fazemos para tornar familiar o que nos é estranho (Moscovici, 1981), por oposição ao conhecimento científico que se esforça para explicar o quotidiano em termos de conceitos científicos abstractos (Moscovici, 1984). Como refere o autor, as representações sociais, constituem-se como um fenómeno psicossocial complexo, que, por se situarem na convergência do psicológico e do social, não são de fácil definição conceptual. Elas podem ser consideradas como modalidades de conhecimento prático, socialmente formado e partilhado, e responsável pela elaboração de respostas dos indivíduos face a uma determinada realidade, de acordo e com base nas suas inserções específicas na estrutura social, tanto no plano socio-económico como ao nível dos valores, ideologias, imaginário social e sistemas de categorização comuns aos vários grupos sociais (Vala, 1986), num dado contexto espaço-temporal.

Se por um lado se tem relacionado a diferenciação das representações sociais com as diferentes inserções sociais, económicas e culturais dos indivíduos, outros estudos sobre grupos de referência (e.g. Newcomb, 1963) mostram como as representações são também determinadas pelas representações que os indivíduos formam sobre as suas próprias posições no meio da sociedade.

Não devendo, assim, ser entendidas como simples respostas a estímulos exteriores, as representações sociais surgem simultaneamente como condicionante e como resultado da prática social. De acordo com Markus e Zajonc (1985) as representações não devem ser encaradas como uma simples interferência existente entre o estímulo e a resposta, mas sim como factor que estando para além do estímulo e da resposta é parte constituinte de ambos, ou seja, surge como factor que integra o estímulo e a resposta.

Tal como refere Herzlich (1969), “a representação social, como processo de construção da realidade que é, actua simultaneamente sobre o estímulo e a resposta. Mais precisamente, orienta esta na medida em que modela aquele”. Segundo esta autora, o facto da representação (enquanto reconstrução mental de um objecto) ser veiculada através da linguagem traz algumas questões ao nível metodológico e teórico. Por um lado, não é certo que qualquer discurso corresponda a uma representação de facto, pois pode eventualmente tratar-se de um discurso de conveniência, por outro lado, deve atender-se a que as formas de linguagem utilizada pelos indivíduos podem não traduzir, ou não conseguir expressar em pleno a consciência que têm de qualquer objecto.

Para Jodelet (1976) “a noção de representação social recobre o sistema cognitivo e simbólico que constitui o conjunto de conhecimentos, crenças, imagens, significados, opiniões, etc., relativas a um objecto circunscrito na realidade social, conjunto caracterizado pelos seus conteúdos, pela sua estrutura e pelo seu funcionamento”.

A representação social como fenómeno que favorece a criação de sentido dentro dos grupos sociais é avançada pela seguinte definição: “uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objectivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 1989).

Existem representações que se colocam aos indivíduos e que são em grande parte indiscutíveis, existem outras representações que são discutíveis e se discutem entre os diferentes grupos sociais o que permite que a sua aceitação ou não dentro dos grupos e entre grupos se vá construindo ou não em paralelo com a conflitualidade existente e própria das trocas sociais.

As representações sociais partilhadas pela generalidade dos indivíduos, que têm uma ampla base comum isto é, partilhadas por um grupo consistente (ex. um partido

político ou uma religião) e que muito dificilmente são postas em causa correspondem a **representações sociais hegemónicas**. As **representações sociais emancipadas** são específicas de um dado grupo social, sendo contudo partilhadas de forma diferente pelos vários grupos, revelam alguma interacção entre grupos derivando assim da troca de sentidos diferentes atribuídos a um determinado objecto. (Moscovici, 1988). As **representações sociais polémicas** têm origem no meio dos conflitos sociais, resultam da divergência entre grupos sociais e espelham perspectivas diferentes e únicas acerca de um dado objecto.

A hegemonia de algumas representações sociais apresenta-se como sendo produzida pelos órgãos de comunicação em geral, e pela televisão, em particular, sobrepondo-se desta forma, e em grande parte, ao papel tradicionalmente desempenhado pelas instituições religiosas e por outros órgãos de controlo social. Algumas condições de ordem psicológica e social podem ajudar a entender qual o papel da televisão na construção de representações hegemónicas (Vala, 1999). Por um lado as representações apenas se tornam verdades quando são partilhadas, neste sentido, o que nos é transmitido através da televisão já contém em si a noção de aceitação e de partilha entre um vasto número de pessoas, o que ajuda a aderir em conformidade. Por outro lado, a televisão através da imagem, facilita a concretização ou materialização das ideias mais abstractas, o que lhes permite reproduzirem-se e tornarem-se verdades.

### 2.6.1. Funções das representações sociais

Segundo Elejbarrieta (1991), as representações sociais desempenham três funções sociais: interpretar e reconstruir a realidade, integrar a nova informação e valer de referência social no tempo e, ainda, conduzir os comportamentos.

Vala (1993) reconhece nas representações sociais as seguintes funções: função de explicação, função de orientação dos comportamentos, função de diferenciação social e função de comunicação.

No que respeita à *função de explicação dos comportamentos e das relações sociais*, as representações sociais têm um papel de interpretação e de atribuição de sentido aos objectos e fenómenos sociais. Esta função das representações sociais pode permitir fazer um pouco o paralelismo ou relacionar um pouco a atribuição causal e as representações sociais. Recorrendo ao “erro fundamental” na atribuição, de acordo com Ross (1977), verifica-se que em geral, na explicação de comportamentos as pessoas invocam mais facilmente causas internas do que factores externos ou situacionais, ou seja, parece ser mais fácil explicar um comportamento apelando a factores inerentes ao próprio indivíduo, nomeadamente a características pessoais do que fundamentar com recurso a causas externas aos sujeitos.

Relativamente à *função de orientação dos comportamentos*, vários estudos (e.g. Abric, 1987) têm mostrado que em geral os comportamentos correspondem às representações, ou seja, nós agimos de acordo com as nossas representações. Fazendo estas parte do contexto em que as acções tomam lugar as representações têm também o papel de orientação dos comportamentos (Moscovici, 1976).

No que se refere à *função de diferenciação social*, como refere Moscovici (1961) a singularidade de cada grupo social contribui para a singularidade das respectivas representações assim como a singularidade dessas representações promove a diferenciação desses grupos. Esta observação permite situar as representações no âmbito dos estudos da identidade social e das relações intergrupais.

Para Vala (1993), as representações que cada grupo possui antes de interagir com o outro possibilita-lhe prever o comportamento desse outro grupo e delinear o seu próprio comportamento.

*Função de comunicação:* as representações são a base da comunicação na medida em que para existir comunicação é necessário existir um processo de categorização e de significação comuns e que a linguagem utilizada seja entendida por todos. Podendo conceber-se como características do acto de comunicar, a descrição, a avaliação e a explicação, as representações sociais têm um papel fundamental na condução das actividades comunicativas na medida em que são as representações que dirigem as avaliações e explicações inerentes a essas actividades.

Por outro lado, importa ainda referir que não sendo a comunicação sempre pacífica ou consensual, dando muitas vezes lugar a debates intra ou inter grupos, o acto de comunicar torna-se, com base em discussões e troca de argumentos, um motor de activação e discussão das representações.

### 2.6.2. Formação das representações sociais

No que respeita à formação das representações sociais ela é inerente às trocas que se verificam entre indivíduos, entre grupos e entre indivíduos e grupos. As representações sociais reflectem uma articulação entre o individual e o social. Como refere Jodelet (1989), elas assentam num conhecimento que se baseia na construção de realidades comuns aos grupos sociais. Nesta prática de atribuir sentido a uma realidade em permanente mudança, os indivíduos têm uma participação activa e dinâmica, o que implica que esta forma de conhecimento esteja também exposta a processos de mudança relativamente rápidos, não tendo os indivíduos um papel de aceitação passiva dos estímulos exteriores.

Na noção de representação social, não existe uma verdadeira distinção entre o sujeito e o objecto, entre o exterior e o interior do indivíduo, as construções simbólicas não podem ser desagregadas das circunstâncias objectivas (realidade social) nas quais tomam lugar (e para as quais contribuem) que por sua vez se vão formando

designadamente nas relações grupais. Reprodução e mudança devem ser entendidas como um todo interligado. É a este nível que Moscovici (1988), refere que conformidade e inovação, resistência à mudança e mudança, bem como as relações intra-grupais e inter-grupais, devem ser encaradas de forma conjunta e a realidade encarada como um processo relacional e não circunscrita a uma divisão entre opostos.

Algumas condições estão na base da construção das representações sociais. Para Moscovici (1961) o entendimento de uma representação passa por considerá-la como parte da dinâmica social, encarando-a como sendo “determinada pela estrutura da sociedade em que se desenvolve”.

Este autor refere algumas condições que estão na origem da formação das representações sociais: a **focalização** (os indivíduos ou grupos têm pontos de vista diferentes sobre os objectos pois o seu nível de interesse por esses objectos varia, resultando daqui diferenças na elaboração de representações); a **pressão à inferência** (a permanente pressão, proveniente do meio, sobre os grupos ou indivíduos que os incita à acção proporcionando informações é a mesma pressão que estimula a passagem da verificação à inferência); a **dispersão e desfasamento da informação** (a grande e diversa quantidade de informação disponível torna-se de difícil apreensão por parte dos indivíduos na medida em que existe um distanciamento entre a informação existente referente aos objectos e a informação útil para basear esse conhecimento, para além de que nem todos os grupos têm acesso igual à informação).

De acordo com Vala (1993), a multiplicidade de clivagens e assimetrias existente na sociedade poderão conduzir à construção de diferentes representações sociais relativamente a um mesmo objecto. Como refere Moscovici (1961) as desigualdades existentes no plano social podem observar-se quer ao nível das condições socio-

económicas quer ao nível dos sistemas de orientação, designadamente normas, valores, atitudes, etc.

Vala (1993; 1999) explicita outra ordem de condições que estão na origem da formação das representações sociais considerando que a construção das representações sociais se baseia em dois processos sociocognitivos distintos mas interligados: processo de **ancoragem** e processo de **objectivação** (Moscovici, 1961; 1976; 1981). A **objectivação** diz respeito a um mecanismo mais voltado para o exterior, resulta de conhecimentos prévios que relaciona no exterior e que dirige para a constituição de algo novo, refere-se às formas pelas quais os pensamentos são transformados em categorias. O processo de objectivação refere-se a uma determinada ordenação dos conhecimentos referentes ao objecto representado. A **ancoragem** remete em primeiro lugar para as categorias já existentes (grupos sociais) busca informação que é capaz de identificar, fazendo associações e atribuindo um significado, que no final é reenviado para a realidade exterior. O processo de ancoragem atribui ao objecto da representação uma função e um valor.

O processo de **objectivação** desenvolve-se em três etapas: “construção selectiva”; “esquematização” e “naturalização”.

Na etapa da *construção selectiva* o que está em causa é a formação de um todo harmónico sendo para tal necessário que as informações e concepções sobre um dado objecto passem por um processo de selecção e de descontextualização exigindo que apenas uma parte de toda a informação existente sobre o objecto seja útil. Esta selecção não resulta do acaso mas tem por base as normas e os valores do grupo social em que em que toma lugar.

A *esquematização* diz respeito ao facto das ideias básicas que formam uma representação se apresentarem organizadas de modo a formarem uma estrutura com sentido.

A *naturalização* refere-se ao processo pelo qual os conceitos ou ideias se organizam como categorias naturais concretizando-se ou materializando-se, ou seja, o que era uma ideia passa a ser uma realidade inquestionável.

A **ancoragem**, segundo Moscovici, refere-se ao outro processo ligado à formação das representações sociais. A ancoragem pode ser entendida enquanto processo pelo qual o tratamento da informação requer pontos de referência, ou seja, apela à necessidade de recorrer a experiências anteriores para pensar o novo objecto ou para formar a representação do novo objecto, respeita à mudança do não familiar para o familiar. Pode ainda abordar-se a ancoragem enquanto função social das representações, que se torna visível na estruturação dos comportamentos, nos actos de comunicação, nas interpretações dos acontecimentos diários e na distinção entre grupos sociais.

A reflexão acerca das representações sociais implica a consideração dos relacionamentos grupais, envolve sempre o conceito de grupos sociais. A noção de representação social dá ênfase à ideia de que são os indivíduos que constróem o real, que formam, modelam a sociedade em que habitam, não descurando, contudo, que o que criam é determinado pelas condições em que criam; e também, que o que constróem modifica por sua vez essas mesmas condições.

## 2.7. Hipóteses de Estudo

Tendo em conta o presente estudo e atendendo à literatura revista, é possível levantar algumas hipóteses, umas de carácter mais geral e outras de carácter mais específico.

Considerando que a criminalidade é um fenómeno social, torna-se fácil entender que na percepção deste fenómeno se encontram envolvidos variados factores e diferentes

posicionamentos das pessoas. É também importante realçar que a formação de impressões sobre alguém, requer de modo geral de pouca informação e recebe a influência de factores de ordem cognitiva, como os estereótipos, as heurísticas, as teorias implícitas, etc., factores demográficos e factores de ordem emocional.

No que se refere à teoria das representações sociais, e de acordo com Vala (1999), uma representação é entendida como social, entre outros critérios, quando ultrapassa o particular ou individual e se reporta a representações mais gerais comuns a diferentes indivíduos.

(1) A hipótese geral ou hipótese de base deste estudo é a de que apesar da pouca informação fornecida aos sujeitos acerca de cada um dos tipos de crime, estes conseguem fazer a caracterização e a descrição dos perfis da vítima, do criminoso, dos motivos subjacentes e dos tempos de ocorrência desses mesmos crimes.

De acordo com Vala (1993), a variedade de assimetrias existente na sociedade poderá conduzir à construção de diferentes representações sociais relativamente a um mesmo objecto, assim,

(2) é provável que existam diferentes representações do objecto em estudo, de acordo com as diferentes categorias das características socio-demográficas da população em estudo (sexo; idade e habilitações literárias).

Diversos estudos têm mostrado que as mulheres se sentem mais inseguras relativamente ao crime do que os homens (Lowen, Steel e Suedfeld, 1993; Esteves, 1999). Também a percepção das áreas seguras e inseguras é diferente entre homens e mulheres (Anselmo, 1994).

De acordo com o atrás referido, é provável que:

**(3) as mulheres considerem mais do que os homens que a vítima, na maioria dos crimes em análise, pertença ao sexo feminino.**

As pessoas mais velhas têm mais frequentemente sentimentos de insegurança do que as mais jovens (Carvalho, 1991). Sendo as pessoas idosas as que mais medo têm de virem a ser vítimas de acções criminosas (Fattah e Sacco, 1989). Também as áreas percebidas com seguras são diferentes entre os vários grupos etários (Anselmo, 1994).

Atendendo ao acima descrito, é de esperar que:

**(4) os sujeitos mais velhos atribuam mais à vítima a idade idosa, na maioria dos crimes em estudo, do que os sujeitos mais jovens.**

Relativamente à percepção das áreas seguras de acordo com as habilitações literárias dos sujeitos, alguns estudos (e.g. Anselmo, 1994) mostraram existir diferenças entre os sujeitos com habilitações literárias mais elevadas e habilitações literárias mais baixas.

Podendo supor-se que:

**(5) Os sujeitos com um nível de habilitações literárias mais elevado apresentem uma percepção mais aproximada da realidade do que os sujeitos com um nível de habilitações mais baixo.**

Surgindo a droga frequentemente associada à insegurança, os jovens como grupo etário que mais uso faz da cidade e como principal utilizador de drogas surge também como grupo etário associado à insegurança urbana (Lahosa, 1989). De acordo com o autor, é de supor que:

(6) exista, por um lado, uma maior probabilidade por parte dos sujeitos em atribuir ao criminoso a idade jovem.

E que, por outro,

(7) a droga surja como principal motivo referido pelos sujeitos, para desencadear o crime, numa grande parte dos cenários de crime apresentados.

Alguns trabalhos (e.g. Zuberger, 1985) têm mostrado que tendem a ser considerados como principais vítimas, os idosos e as mulheres, na medida em que são estes que se sentem mais inseguros.

De acordo com estes resultados, espera-se por um lado, que

(8) exista uma maior probabilidade por parte dos sujeitos em atribuir à vítima a idade idosa.

E por outro, que se manifeste uma

(9) maior probabilidade por parte dos sujeitos em atribuir à vítima o sexo feminino.

A criminalidade das cidades é em geral atribuída ao consumo e tráfico de drogas (Fernandes, 1994), surgindo o combate à droga como uma das prioridades referidas pelos políticos. Alguns trabalhos (e.g. Esteves, 1999) mostram que as medidas apontadas pelas pessoas com vista à redução da criminalidade incidem sobretudo, e por ordem decrescente, num aumento do número de polícias a pé na rua, numa melhor iluminação das ruas e num aumento do número de polícias de automóvel ou a cavalo. De acordo com o acima descrito, espera-se, que:

(10) a droga seja a principal causa atribuída pelos sujeitos, ao crime em geral.

E que,

(11) as principais medidas sugeridas pelos sujeitos para minorar a criminalidade, sejam o aumento do número de polícias e uma melhor iluminação das ruas.

Um estudo levado a cabo por Carvalho (1991) revelou que de forma geral as pessoas que tiveram já experiências de vitimação são as que apresentam níveis de insegurança mais elevados. O mesmo estudo mostrou ainda que os factores que mais contribuem para a insegurança (de quem afirma ter medo do crime) são, entre outros, ter sido vítima de crime ou ter familiares ou amigos que o foram. Em conformidade com estes resultados, espera-se que:

(12) os sujeitos que já passaram por experiências de vitimação atribuam uma probabilidade mais elevada de virem a ser vítimas do que os que nunca foram vitimados.

## CAPÍTULO 3

### MÉTODO

#### 3.1. Amostra

A população alvo é constituída por pessoas que utilizam a cidade de Lisboa como espaço de trabalho ou residência, residindo em Lisboa cerca de 68,1% dos inquiridos e fora de Lisboa cerca de 31,9%. Relativamente à área de trabalho verifica-se que 75,3 trabalham em Lisboa, 8,5% trabalham fora de Lisboa, havendo cerca de 16,2% dos inquiridos dos quais se desconhece a freguesia de trabalho (ver quadros 1-a e 1-b).

**Quadro 1-a: Freguesia de Residência dos Inquiridos**

Freguesia de residência	Frequência	%
Lisboa	160	68,1%
Fora de Lisboa	75	31,9%

**Quadro 1-b: Freguesia de Trabalho dos Inquiridos**

Freguesia de trabalho	Frequência	%
Lisboa	177	75,3%
Fora de Lisboa	20	8,5%
Freguesias desconhecidas	38	16,2%

A amostra é composta por 235 pessoas. Contempla dois grupos com níveis educacionais distintos, diferenciados pelo grau de escolaridade, sendo formada por 117 pessoas com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano e 117 com formação igual ou superior ao 12º ano de escolaridade, existindo um sujeito que não forneceu este tipo de informação. Os sujeitos com o 10º e o 11º anos foram incluídos no grupo com formação igual ou superior ao 12º ano, por se ter atribuído a estes uma intenção de prossecução dos estudos (ver quadro 2).

**Quadro 2: Habilitações Literárias dos Inquiridos**

Habilitações Literárias	Frequência	%
<= 9º ano	117	49,8%
>= 12º ano	117	49,8%
Habilitações desconhecidas	1	0,4%

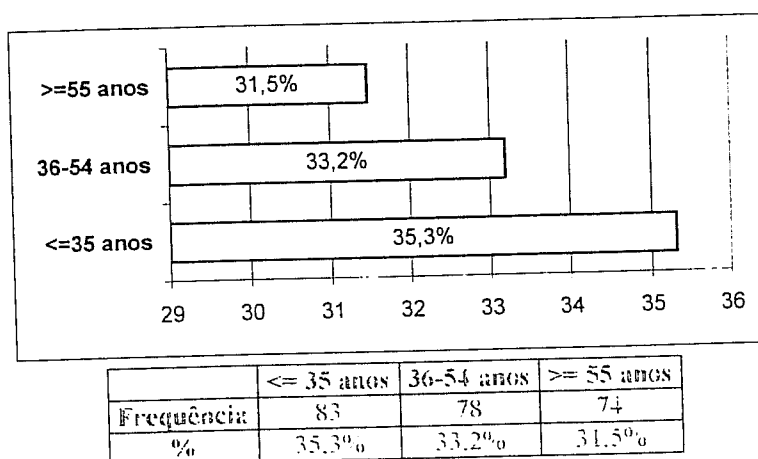
A amostra é formada por pessoas de ambos os sexos, sendo 112 do sexo feminino e 123 do sexo masculino (ver quadro 3).

**Quadro 3: Sexo dos Inquiridos**

Sexo dos Inquiridos	Frequência	%
Feminino	112	47,7%
Masculino	123	52,3%

Quanto à idade, a condição exigida era a de que os inquiridos possuíssem idade superior a 20 anos, sendo as diferentes idades dos sujeitos distribuídas de acordo com três escalões etários distintos. O primeiro abarca as pessoas mais jovens, com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, e é composto por 83 inquiridos. O segundo abrange as pessoas com idades entre os 36 e os 54 anos e é constituído por 78 sujeitos.

O terceiro escalão etário estabelecido, engloba os sujeitos com idade igual ou superior a 55 anos e é formado por 74 pessoas (ver gráfico 1).



**Gráfico 1: Habilitações Literárias dos Inquiridos**

Relativamente à condição perante a profissão, observa-se que a maioria dos inquiridos não respondeu a esta questão (51,9%). Contudo, dos sujeitos que responderam, verifica-se que a maioria se encontra no activo, havendo 41,3% que têm trabalhos diversos, existindo dois sujeitos que se encontram desempregados. Dos não activos, 5 pessoas são domésticas, 3 são reformadas, havendo 6 que são estudantes (ver quadro 4).

**Quadro 4: Condição Perante a Profissão dos Inquiridos**

	Condição perante a profissão	Frequência	%
	Trabalhadores vários	97	41,3 <sup>o</sup>
Activos	Desempregados	2	0,9 <sup>o</sup>
	Domésticas	5	2,1 <sup>o</sup>
Não Activos	Reformados	3	1,3 <sup>o</sup>
	Estudantes	6	2,6 <sup>o</sup>
	Não respondeu	122	51,9 <sup>o</sup>

A recolha da amostra tomou lugar entre Agosto de 1995 e Abril de 1996, em vários pontos da cidade. Tendo apenas em atenção para a selecção dos sujeitos, os critérios inicialmente estabelecidos de constituição da amostra. Assim, qualquer sujeito podia fazer parte da amostra desde que estivesse de acordo com as características demográficas inicialmente estabelecidas para a sua recolha, isto é, trabalhar ou residir em Lisboa e possuir 20 ou mais anos.

### 3.2. Instrumento

O instrumento de recolha de informação foi construído com o objectivo de investigar como é que as pessoas, que utilizam a cidade de Lisboa como espaço de trabalho ou de residência, de ambos os sexos, idades e níveis educacionais distintos, percebem a criminalidade nesse espaço que de alguma forma lhes é familiar.

No presente estudo a criminalidade encontra-se circunscrito à análise de sete tipos diferentes de crime, nomeadamente furto na rua, furto de objectos no interior do carro, furto de objectos em casa, roubo na rua, roubo em casa, violação e homicídio. De referir que os delitos em análise, à excepção da violação e do homicídio, são relativos a crimes de **roubo** e **furto**, que de um modo geral se diferenciam entre si pelo facto de no caso de roubo existir, aquando do acto, alguma forma de contacto ou

confronto entre a vítima e o agressor (implicando violência). E no caso do furto, a vítima não chegar a aperceber-se do facto, isto é, a não ter um confronto efectivo com o agressor.

A eleição destes tipos de crime em detrimento de outros, teve por base o resultado da realização de um pré-teste, aplicado a um total de 40 pessoas (ver anexo I), com a finalidade de conhecer quais os crimes mais significativos para a população, em termos da sua frequência e gravidade. A construção do instrumento definitivo de recolha de informação teve como suporte os resultados obtidos através da aplicação do pré-teste, que permitiu seleccionar sete crimes representativos para a população inquirida.

O instrumento (ver anexo II) é constituído por três secções distintas:

**3.2.1. Questões demográficas;**

**3.2.2. Cenários representativos dos crimes;**

**3.2.3. Experiência pessoal de vitimação vs. probabilidade de vitimação.**

### **3.2.1. Questões demográficas**

A primeira secção permite captar as características pessoais ou dados demográficos dos inquiridos, permitindo obter informação sobre a idade, sexo, habilitações literárias, profissão e freguesias de trabalho e residência dos sujeitos. Estas questões para além de terem como propósito a descrição da natureza da amostra permitem estudar os efeitos das características dos inquiridos nas variáveis dependentes (ou resultados obtidos).

### **3.2.2. Cenários representativos dos crimes**

A segunda secção é formada por um conjunto de sete cenários neutros (ver anexo II-a) ou pequenas historias de estimulação gráfica em que estão representados sete tipos

diferentes de crime e cujo propósito é o de provocar ideação e induzir fantasias aos sujeitos. A partir de cada um dos cenários representativos dos crimes, explorou-se junto de cada inquirido e com base numa grelha de análise previamente elaborada (ver anexo II-b), acerca de cada um dos actos criminosos, perfil da vítima e delinvente (em termos de sexo, idade, raça ou etnia, aparência e ocupação ou condição perante a profissão), altura do dia em que aconteceu e causas ou motivos subjacentes a cada um dos delitos.

O primeiro cenário, *“Alguém ao deslocar-se para o trabalho, sentiu uma pessoa aproximar-se e através de esticção levar-lhe objectos de uso pessoal, desaparecendo de imediato sem probabilidade de ser reconhecida”*, pretende representar uma situação de **furto na rua** ou o vulgarmente conhecido roubo por esticção.

O segundo cenário pretende induzir na vítima a situação de **furto de objectos no interior do carro** *“Na hora de sair de casa , dirigiu-se ao local onde tinha estacionado o carro e verificou que este estava todo remexido e que tinham desaparecido objectos do seu interior”*.

O **furto de objectos em casa** é representado da seguinte forma: *“Chegando a casa verificou que esta estava completamente remexida e que tinham desaparecido objectos de valor e de estimação”* e constitui o terceiro delito apresentado aos sujeitos.

O quarto cenário de crime pretende provocar nos sujeitos a sensação de estarem perante uma situação de **roubo na rua com objecto agressivo** sendo descrito de acordo com o seguinte relato *“Alguém passeava tranquilamente quando de repente, é vítima de uma ameaça com um objecto agressivo e perigoso e vê-se na obrigação de entregar, à força, alguns objectos que transporta consigo”*.

A quinta historia representa o **roubo em casa** e é narrada da seguinte maneira: “*Ao atender à porta de casa deparou com uma pessoa que, através de ameaças, se introduziu na residência e roubou objectos de valor*”.

A **violação ou abusos sexuais** é representada segundo a historia que se segue: “*No regresso a casa, uma pessoa adulta foi vítima de abusos sexuais, contra sua vontade, sob ameaça de objecto perigoso e uso de força física*” e é o sexto crime apresentado aos sujeitos.

O sétimo e último cenário pretende representar uma situação de **homicídio**, de acordo com a seguinte ilustração “*No local do crime encontrava-se o corpo da pessoa que, tendo sido atacada momentos antes, acabou por morrer*”.

Nesta secção, todas as questões relativas à descrição de cada um dos sete cenários são de resposta aberta e encontram-se baseadas na grelha de análise através da qual são dirigidas, permitindo assim que os sujeitos respondam livremente.

### 3.2.3. Experiência pessoal de vitimação vs. probabilidade de vitimação.

A última secção do instrumento baseia-se num questionário realizado com o objectivo de analisar a experiência pessoal de cada inquirido face a cada um dos tipos de crime, e a forma como é avaliada pelos sujeitos, durante os períodos nocturno e diurno, a probabilidade de serem eles próprios vítimas potenciais desses mesmos delitos. Integradas no final desta parte os sujeitos são ainda questionados acerca das causas gerais do crime e das medidas a tomar para minorar a criminalidade.

Nesta secção a maioria das perguntas são fechadas existindo apenas duas de resposta aberta. As questões relativas à classificação por parte dos sujeitos da probabilidade de serem eles próprios vítimas de cada um dos delitos encontram-se estruturadas sob

a forma de resposta fechada através de uma escala tipo Likert que possibilita 5 tipos diferentes de resposta:

- Muito baixa
- Baixa
- Nem baixa nem alta
- Alta
- Muito alta

Estas questões abrangem situações de abusos sexuais, roubo e furto, do carro, da residência e do próprio (durante o período nocturno e diurno).

As questões destinadas a analisar a experiência pessoal dos sujeitos face a cada um dos tipos de crime são também de resposta fechada e possibilitam dois tipos de resposta Sim/ Não. As situações de crime aqui contempladas são iguais às anteriormente descritas: abusos sexuais, roubo e furto, do carro, da residência e do próprio (durante o período nocturno e diurno).

Com as duas questões abertas sobre as causas do crime e as soluções apontadas para reduzir a criminalidade, pretende-se saber de que forma é que os sujeitos representam a criminalidade em termos gerais, de acordo com a sua vivência quotidiana.

### 3.3. Procedimento

Antecedendo a aplicação dos instrumentos de recolha de informação era explicado às pessoas o âmbito do estudo, garantindo-se a confidencialidade das respostas e salientando-se o facto das informações dadas terem importância apenas no conjunto dos inquiridos.

A administração dos instrumentos de recolha de informação teve lugar na área de Lisboa, tendo a sua aplicação sido realizada individualmente a cada inquirido pelo

entrevistador. À partida qualquer sujeito com idade igual ou superior a 20 anos, que residisse ou trabalhasse em Lisboa poderia fazer parte da amostra. Contudo, durante o período em que decorreu a recolha da amostra e para a selecção de cada um dos inquiridos atendeu-se sempre à necessidade de respeitar os restantes critérios estabelecidos de constituição da amostra ou variáveis controladas (idade, sexo e habilitações literárias) de forma a poder distribuir-se os sujeitos de forma equilibrada pelos diferentes níveis de cada variável.

Com o consentimento dos sujeitos as respostas às questões abertas foram objecto de gravação. Assim, após a recolha dos dados pessoais, eram apresentados aos sujeitos, de forma sequencial e seguindo a mesma ordem, os sete cenários representativos dos crimes. Após a apresentação de cada cenário, os inquiridos eram questionados de acordo com o conteúdo da grelha de análise (anexo II-b). Cada cenário é apresentado sob a forma de uma pequena historia escrita sobre uma prancha com 30 por 21 cm de medida (papel de formato A4) - anexo II-a. Por último era administrado o questionário acerca da experiência pessoal de vitimação vs. probabilidade de vitimação com as duas perguntas abertas sobre as causas gerais do crime e as medidas sugeridas para minorar a criminalidade (anexo II).

O tempo de duração da aplicação de cada questionário depende do tempo de resposta de cada inquirido, variando entre 30 a 60 minutos.

Posteriormente à recolha da amostra, procedeu-se à transcrição das respostas então gravadas. Com base nas transcrições (respostas às perguntas abertas) a grelha de análise (anexo II-b) foi sendo preenchida facilitando assim, a classificação da informação obtida. Para cada sujeito foi necessário utilizar sete grelhas de análise, correspondendo cada uma delas à descrição de cada um dos cenários.

A grelha de análise consiste num instrumento auxiliar construído com duas funções distintas, numa primeira fase facilitou o trabalho dos entrevistadores ajudando a

dirigir o trabalho de entrevista. Numa segunda fase ajudou a realizar a primeira etapa da análise de conteúdo das respostas às perguntas abertas.

Concluído o preenchimento das grelhas de análise correspondentes à totalidade dos inquiridos foi efectuada uma análise de conteúdo baseada num procedimento aberto ou exploratório, no qual os resultados são devidos apenas à metodologia de análise, decorrendo da seguinte forma:

- 1º levantamento das unidades sintagmáticas (temas);
- 2º distribuição e reagrupamento destas unidades em categorias de base;
- 3º reagrupamento semântico destas categorias baseado no seu inventário e na contagem das suas frequências;
- 4º determinação e consideração das categorias dominantes e de outras julgadas importantes, segundo a intensidade das suas frequências.

Após a codificação numérica das categorias resultantes da análise de conteúdo (ver anexo III) e das respostas às questões fechadas, foi efectuada a introdução dos dados em computador para posterior tratamento estatístico.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado mediante o programa estatístico *STATA*, versão 6.0. Através deste programa procedeu-se para cada cenário de crime:

- a uma análise descritiva das respostas obtidas (ou variáveis dependentes) com base na determinação da distribuição de frequências;
- à análise das associações entre as variáveis sócio-demográficas (sexo, idade e habilitações literárias) e as respostas obtidas, através de tabelas de contingência.

Para avaliar a significância estatística das associações entre as variáveis cruzadas, foram realizados testes de independência entre duas variáveis, nomeadamente o

Teste do Qui-quadrado -  $\chi^2$ ) e, alternativamente o Teste exacto de Fisher, no caso das frequências esperadas serem inferiores a 5.

Relativamente à análise da experiência pessoal de vitimação e à análise da probabilidade estimada pelos inquiridos de virem eles próprios a ser vitimados, para além do cálculo das frequências absolutas e relativas para cada nível das variáveis em estudo, foram determinadas, no caso do estudo da probabilidade, as medianas de opinião.

Para comparar os resultados entre os grupos segundo os níveis de experiência de vitimação utilizou-se o teste não-paramétrico de Mann-Whitney.

A regra de decisão para qualquer um dos testes utilizados baseou-se no nível de significância de 5%.

## CAPÍTULO 4

### RESULTADOS

A análise dos resultados incidirá num primeiro momento, na descrição geral do perfil da vítima e do perfil do criminoso para cada um dos cenários propostos; será ainda analisado em que altura do dia ocorreram e quais os motivos que justificam cada uma das acções criminosas. Num segundo momento, e para cada um dos cenários em estudo, procurar-se-á apreciar de que modo as diferentes características dos inquiridos (variáveis independentes), designadamente a idade, as habilitações literárias e o sexo, têm influência nas respostas proferidas (variáveis dependentes).

Serão ainda discutidas as causas da existência de crime na cidade de Lisboa e as soluções apontadas para uma diminuição deste fenómeno, tendo em consideração as diferentes características da população em estudo.

Por último será feita uma referência à experiência pessoal dos inquiridos relativamente a cada um dos crimes apresentados, confrontando-a com a probabilidade estimada de virem eles próprios a ser vitimados.

#### 4.1. Perfil do Agressor, Perfil da Vítima, Motivos subjacentes cada um dos Crimes Representados e Altura do dia em tiveram lugar

Os diferentes sete tipos de crime em análise foram apresentados aos inquiridos sob a forma de cenários construídos (pequenas histórias), resumidos e vagamente descritos. Em cada um destes cenários o agressor e a vítima são apresentados de modo indefinido, não sendo possível retirar da descrição apresentada dados concretos que permitam uma identificação objectiva destes personagens. Assim, quando se pede aos inquiridos uma descrição da vítima, do criminoso, da altura do dia em que ocorreram os delitos e dos motivos que estão na base de cada um dos actos relatados, as respostas obtidas têm um carácter puramente subjectivo. Descobrir a existência ou não de uma tendência de resposta ou de que forma as representações sobre esta temática se encontram organizadas, é o objectivo deste estudo.

Os quadros 1 e 2 representam uma síntese das respostas obtidas, para cada um dos cenários, no que se refere ao sexo, idade, aspecto, etnia e condição perante a profissão (ICPT), do agressor e da vítima. O quadro 3 apresenta uma compilação abreviada dos motivos que segundo os inquiridos estão na base de cada um dos crimes analisados. A altura do dia em que ocorreram os actos criminosos encontra-se sinteticamente descrita no quadro 4.

##### 4.1.1. Cenário 1 – Roubo por esticção (Furto na rua)

“Alguém ao deslocar-se para o trabalho, sentiu uma pessoa aproximar-se e através de esticção levar-lhe objectos de uso pessoal, desaparecendo de imediato sem probabilidade de ser reconhecida”

Relativamente ao *roubo por esticção*, quando se pede aos inquiridos uma descrição do perfil do criminoso em termos de sexo, idade, aparência e condição perante o trabalho, verifica-se que, em geral, o agressor é na maioria das respostas, do sexo

**masculino** (89,8%), de idade **jovem** (72,5%) e **desempregado voluntário** (83,9%). Para 36% dos inquiridos, o agressor tem uma **aparência descuidada**, sendo que 34,8% não julga ser importante o aspecto do agressor neste tipo de delito, considerando ser **indiferente** a forma como o criminoso se apresenta.

A **vítima do roubo por esticção** é, para 75,4% dos inquiridos, do **sexo feminino**, de **idade adulta** (na opinião de 43,6%) ou **idosa** para 26,3%. Quanto à condição perante a profissão, 34,3% refere que a vítima está no **activo** podendo por isso, ter qualquer tipo de ocupação, estar desempregada ou ter estatuto de trabalhador estudante, havendo 30,9% que considera esta ser uma particularidade que é **indiferente** para o perfil em análise. A **aparência** constitui um dos aspectos de caracterização da vítima que, para 30,5% dos respondentes, não é relevante, contudo 31,4% consideram a vítima desta situação como alguém que de alguma forma **ostenta** valores.

No que toca aos **motivos** que conduziram à prática deste tipo de crime, as pessoas mencionam com maior frequência os problemas relacionados, directa ou indirectamente, com o consumo e tráfico de **drogas** (58,5%), surgindo ainda (de acordo com 11,4% dos inquiridos) a questão das **dificuldades económicas/subsistência** referidas isoladamente, ou **agregadas ao problema da toxicodependência** (contando neste caso com 19,1% de respostas).

No que respeita ao **período do dia** em que este tipo de crime teve lugar, verifica-se que 72% dos inquiridos consideram que esta situação ocorre durante o **dia**.

#### 4.1.2. Cenário 2 – Furto de objectos no interior do carro

“Na hora de sair de casa , dirigiu-se ao local onde tinha estacionado o carro e verificou que este estava todo remexido e que tinham desaparecido objectos do seu interior”

Na análise do *furto de objectos no interior do carro*, observa-se uma predominante referência ao **sexo masculino** ( 87,7%) na especificação da natureza do **agressor**. Nesta forma de delito, 72,7% dos sujeitos referem que o agressor é **jovem** e 70,2% que é **desempregado voluntário**. Os indivíduos que o praticam têm, segundo 36,3% dos inquiridos, um aspecto **descuidado**. Contudo, 39,9% consideram que o modo como estes indivíduos se apresentam, é **indiferente**.

A **vítima** deste crime, para 65,5% dos inquiridos, pode pertencer a **qualquer um dos sexos** ou na opinião de 22,6%, ser do **sexo masculino**. O factor **idade** é **indiferente**, na opinião de 67,1% das pessoas questionadas, havendo 24,7% que considera serem **adultas**, as vítimas desta situação. A **aparência** da vítima neste cenário é uma particularidade secundária, havendo 78,7% dos inquiridos que referem ser **indiferente** o modo como as vítimas se apresentam. A **ocupação** da vítima **não é uma característica relevante** para 68,8% das pessoas, existindo 29% a referirem que a vítima está no **activo**, podendo ter qualquer tipo de ocupação.

O principal **motivo**, encontrado por 42,1% dos entrevistados, para a existência do furto a objectos no interior do carro, relaciona-se com a problemática das **drogas**, havendo, contudo, 11,9% que evocam a questão da **subsistência**, como justificação para a ocorrência deste tipo de crime. As **drogas aliadas à subsistência** são apontadas por 14% dos inquiridos.

Segundo 54,6% das pessoas, este tipo de delito acontece durante o **período nocturno**.

Quadro 6 - Perfil da Vítima para cada cenário

	SEXO	%	IDADE	%	ASPECTO	%	ETNIA	%	ICPT	%
Cenário 1	Mulher	75,4	Adulta	43,6	Ostentação	31,4	Maioria	61,9	Activo	34,3
			Idosa	26,3	Indiferente	30,5	Indiferente	35,2	Indiferente	30,9
Cenário 2	Homem	22,6	Adultos	24,7	Indiferente	73,7	Maioria	26,3	Activo	29,0
	Ambos	65,5	Indiferente	67,1			Indiferente	72,8	Indiferente	68,8
Cenário 3	Ambos	76,7	Adultos	25,9	Cuidado	32,1	Maioria	34,4	Activo	37,1
			Indiferente	56,6	Indiferente	56,1	Indiferente	65,2	Indiferente	52,4
Cenário 4	Mulher	46,2	Adulta	27,1	Ostentação	20,8	Maioria	43,2	Activo	28,0
	Ambos	36,0	Indiferente	39,8	Indiferente	43,2	Indiferente	55,1	Indiferente	44,5
Cenário 5	Mulher	63,1	Idosa	30,9	Indiferente	69,9	Maioria	53,4	Doméstico	31,8
	Ambos	33,1	Indiferente	37,7			Indiferente	41,1	Indiferente	36,4
Cenário 6	Mulher	83,9	Jovem	46,6	Provocante	19,9	Maioria	57,2	Activo	30,5
			Indiferente	29,3	Indiferente	44,5	Indiferente	38,6	Estudante	22,0
Cenário 7	Mulher	39,0	Adultos	30,5	Indiferente	60,2	Maioria	48,7	Activo	35,6
	Homem	33,1	Indiferente	35,6			Indiferente	44,9	Indiferente	42,4

Cenário 1 - Roubo por esticção

Cenário 2 - Furto de objectos no interior do carro

Cenário 3 - Furto de objectos em casa

Cenário 4 - Roubo na rua com objecto agressivo

Cenário 5 - Roubo em casa

Cenário 6 - Abusos sexuais /violação

Cenário 7 - Homicídio

#### 4.1.4. Cenário 4 - Roubo na rua com objecto agressivo

"Alguém passeava tranquilamente quando de repente, é vítima de uma ameaça com um objecto agressivo e perigoso e vê-se na obrigação de entregar, à força, alguns objectos que transporta consigo"

Para a grande maioria dos inquiridos (86,0%) o autor do roubo na rua com objecto agressivo é um **homem**. Quanto à **idade** e na opinião de 60,2% é **jovem** e, segundo 70,3% encontra-se **desempregado voluntariamente**. Quanto à **aparência**, e apesar do **aspecto descuidado** ser a característica referida como mais importante na distinção do sujeito em causa (42,4%), existem ainda 36% dos inquiridos que

respeita à condição perante a profissão, 56,5% refere que o agressor se encontra **desempregado** voluntariamente.

A maioria dos inquiridos (76,7%) refere a possibilidade da vítima deste tipo de furto pertencer a **ambos os sexos**. De acordo com 56,6% das respostas, a idade é uma condição **indiferente** para caracterização da vítima, contudo, segundo a opinião de 25,9%, esta pertence à **idade adulta**. Podendo apresentar **qualquer aspecto**, de acordo com 66,1% das pessoas, ou ter um **aspecto cuidado** (32,1%). A ocupação não é uma condição importante para a sua descrição de acordo com o que referem 54,2%. No entanto, para 37,1% a vítima encontra-se no activo, podendo ter **qualquer tipo de ocupação**.

No que concerne aos motivos que levaram o criminoso a actuar desta forma, os entrevistados referem na sua maioria (30,2%), os problemas relacionados com **drogas e toxicodependência** (consumo e tráfico). Outra das causas encontradas por parte dos inquiridos (18,1%) para explicar este tipo de comportamento, tem como categoria de base o **complemento**, isto é, forma do delinquente conseguir um acréscimo económico à sua economia familiar. A **subsistência** constitui outro dos motivos indicados por 16,0% dos entrevistados, que admitem tratar-se efectivamente de um modo de vida. Existem ainda 12,9% a afirmar que este tipo de crime decorre de uma necessidade mista do agressor, que envolve o problema da **droga e simultaneamente a sua própria subsistência**.

A maioria dos inquiridos (70,6%) afirmam que o furto de objectos em casa ocorre sobretudo durante o **dia**.

Quadro 6 – Perfil da Vítima para cada cenário

	SEXO	%	IDADE	%	ASPECTO	%	ETNIA	%	ICPT	%
cenário 1	Mulher	75,4	Adulta	43,6	Ostentação	31,4	Maioria	61,9	Activo	34,3
			Idosa	26,3	Indiferente	30,5	Indiferente	35,2	indiferente	30,9
cenário 2	Homem	22,6	Adultos	24,7	Indiferente	73,7	Maioria	26,3	Activo	29,0
	Ambos	65,5	Indiferente	67,1			Indiferente	72,8	Indiferente	68,8
cenário 3	Ambos	76,7	Adultos	25,9	Cuidado	32,1	Maioria	34,4	Activo	37,1
			Indiferente	56,6	Indiferente	56,1	Indiferente	65,2	Indiferente	52,4
cenário 4	Mulher	46,2	Adulta	27,1	Ostentação	20,8	Maioria	43,2	Activo	25,0
	Ambos	36,0	Indiferente	39,8	Indiferente	43,2	Indiferente	55,1	Indiferente	44,5
cenário 5	Mulher	63,1	Idosa	30,9	Indiferente	69,9	Maioria	53,4	Doméstico	31,8
	Ambos	33,1	Indiferente	37,7			Indiferente	41,1	Indiferente	36,4
cenário 6	Mulher	83,9	Jovem	46,6	Provocante	19,9	Maioria	57,2	Activo	30,5
			Indiferente	29,3	Indiferente	44,5	Indiferente	38,6	Estudante	22,8
cenário 7	Mulher	39,0	Adultos	30,5	Indiferente	60,2	Maioria	48,7	Activo	35,1
			Homem	33,1			Indiferente	35,6	Indiferente	44,9

Cenário 1 – Roubo por esticção

Cenário 2 – Furto de objectos no interior do carro

Cenário 3 – Furto de objectos em casa

Cenário 4 – Roubo na rua com objecto agressivo

Cenário 5 – Roubo em casa

Cenário 6 – Abusos sexuais /violação

Cenário 7 – Homicídio

#### 4.1.4. Cenário 4 – Roubo na rua com objecto agressivo

“Alguém passeava tranquilamente quando de repente, é vítima de uma ameaça com um objecto agressivo e perigoso e vê-se na obrigação de entregar, à força, alguns objectos que transporta consigo”

Para a grande maioria dos inquiridos (86,0%) o autor do roubo na rua com objecto agressivo é um **homem**. Quanto à **idade** e na opinião de 60,2% é **jovem** e, segundo 70,3% encontra-se **desempregado voluntariamente**. Quanto à **aparência**, e apesar do **aspecto descuidado** ser a característica referida como mais importante na distinção do sujeito em causa (42,4%), existem ainda 36% dos inquiridos que

afirmam não ser possível diferenciar este tipo de indivíduo relativamente à forma como se apresenta.

A vítima desta situação é, para 46,2%, do **sexo feminino**, podendo pertencer a ambos os sexos, na opinião de 36,0%. A **idade**, parece **não ser uma característica importante** na descrição da vítima na opinião de 39,8% das pessoas interrogadas, contudo, 27,1% afirmam que a vítima pertence à **idade adulta**. Da apreciação feita à **aparência**, verifica-se que 43,2% consideram ser **indiferente** a forma como a vítima se apresenta, no entanto, 20,8% declararam que a vítima é alguém que de alguma forma exhibe riqueza, **ostentação**. Com base na análise efectuada no domínio da condição perante o trabalho, a vítima segundo 28,0%, pode estar no **activo** ou na opinião de 44,5% encontrar-se em **qualquer** tipo de situação perante o trabalho, não sendo este considerado um dado importante para a descrição da vítima desta situação criminosa.

No âmbito dos motivos que conduziram à prática deste crime, salientam-se em primeiro lugar as **drogas**, tendo esta causa sido relatada por 61,4% dos inquiridos. Verifica-se que ligada ainda a esta causa, surge a questão da **subsistência**, relatada por 11,9%.

Quando se pergunta aos inquiridos quando é que este crime aconteceu, 42,4% referem ter sido durante o **dia**, enquanto 33,1% referem ter ocorrido à noite.

#### 4.1.5. Cenário 5 – Roubo em casa

“Ao atender à porta de casa deparou com uma pessoa que, através de ameaças, se introduziu na residência e roubou objectos de valor”

Com base na análise deste tipo de delito o agressor é, para 64,4% das pessoas, **homem**, podendo, na opinião de 25,9%, pertencer a **ambos os sexos**. Relativamente à **idade**, admite-se a pertença à **idade adulta** (segundo 46,8% dos inquiridos) ou à **idade jovem** (de acordo com 32,2%). A aparência do delincente é **indiferente** para 46,8% das pessoas consultadas, ou, de acordo com as declarações de 32,2%, o criminoso apresenta-se de forma **cuidada**. No que concerne à **condição perante a profissão**, 53,4% referem que o agressor se encontra **desempregado** voluntariamente. Sendo o tipo de ocupação uma característica pouco importante, isto é, **indiferente**, para a análise do perfil julgado, em conformidade com a concepção de 25,4% das pessoas interrogadas.

A **vítima** do *roubo em casa* é para a maioria das pessoas (63,1%), **mulher**, havendo no entanto, 33,1% dos inquiridos que referem a possibilidade de pertença a **ambos os sexos**. De acordo com 37,7% das respostas a vítima pode pertencer a **qualquer escalão etário** ou na opinião de 30,9%, ser **idosa**. A **aparência** é neste caso e para a maioria das pessoas interrogadas (69,9%) uma característica pouco relevante, podendo a vítima apresentar **qualquer tipo de aspecto**. Da análise realizada à ocupação da vítima, verificou-se que para 36,4% dos consultados, esta é uma condição pouco importante, isto é, **indiferente**, contudo, para 31,8% e no que respeita à condição perante o trabalho, a vítima é não activa designadamente, **doméstica**.

Quando se pergunta aos inquiridos quais os **motivos** que conduziram o agressor à prática deste tipo de crime, estes referem quatro causas principais, que se encontram abrangidas nas seguintes categorias consideradas na análise: **drogas**, que surgem

como primeira causa sendo mencionadas por 26,3% dos inquiridos; **complemento**, surge como segunda categoria mais relatada (22,0%) tendo sido nela considerados os actos se baseiam na busca de um reforço à economia familiar; emerge de seguida (com 13,6% de respostas) a categoria **subsistência**, e por último (11,4%), surge o motivo que resulta da combinação de duas categorias, **drogas e subsistência**.

Da análise realizada em torno da questão que permite perceber **quando** é que este crime aconteceu, verificou-se que a maioria dos inquiridos ( 69,1%) refere ter sido durante o **dia**.

**Quadro 7 – Motivos que conduziram à prática de cada um dos crimes por cenário**

Crimes	DROGAS	SUBSISTÊNC	VANDALISMO	COMPLEMENTO	PERTURBAÇÕES	VINGANÇA	RESISTÊNCIA	DROGAS/SUBSI
Cenário 1	58,5%	11,4%	2,5%	6,8%	0,9%	0,0%	0,0%	19,1%
Cenário 2	42,1%	11,9%	6,4%	9,8%	0,0%	0,0%	0,0%	14,0%
Cenário 3	30,2%	16,0%	6,0%	18,1%	0,0%	0,0%	0,0%	12,9%
Cenário 4	61,4%	9,3%	7,2%	3,4%	0,0%	0,0%	0,0%	11,9%
Cenário 5	26,3%	13,6%	6,8%	22,0%	0,0%	0,0%	0,0%	11,4%
Cenário 6	1,3%	0,0%	8,2%	0,0%	76,7%	2,1%	2,1%	0,0%
Cenário 7	2,5%	0,0%	0,0%	0,0%	11,7%	17,4%	19,5%	0,0%

Cenário 1 – Roubo por esticção  
 Cenário 2 – Furto de objectos no interior do carro  
 Cenário 3 – Furto de objectos em casa  
 Cenário 4 – Roubo na rua com objecto agressivo

Cenário 5 – Roubo em casa  
 Cenário 6 – Abusos sexuais /violação  
 Cenário 7 – Homicídio

#### 4.1.6. Cenário 6 – Abusos sexuais / Violação

“No regresso a casa, uma pessoa adulta foi vítima de abusos sexuais, contra sua vontade, sob ameaça de objecto perigoso e uso de força física”

A análise realizada ao perfil do indivíduo que pratica o crime *abusos sexuais*, mostrou que para a grande maioria (97,0%) dos inquiridos o agressor pertence ao

**sexo masculino**, e ao grupo etário dos **adultos** (na opinião de 58,1%). No que concerne à **aparência**, os sujeitos consideram que o agressor pode apresentar-se de modos muito variados, tanto no que respeita ao vestuário como às características físicas, tendo por isso sido classificado **indiferente** (de acordo com 49,6% das respostas) a forma como se apresenta. Quanto à condição perante o trabalho, 50,4% das pessoas referem que este tipo de criminoso está no **activo**, existindo 30,5% a declarar que esta particularidade é **indiferente** para descrição deste tipo de indivíduo.

De acordo com as respostas dadas pela grande maioria das pessoas inquiridas (83,9%), a vítima é **mulher**, de **idade jovem** (segundo 46,6%), existindo 29,3% dos sujeitos para os quais a idade é um factor **indiferente** para a descrição da vítima da situação em análise. Apesar de 44,5% considerar que a **aparência** da vítima é **indiferente**, observou-se que 19,9% das respostas evidenciam que a potencial vítima é alguém que se apresenta de forma **provocante**. A condição perante a profissão relativamente à vítima deste tipo de abusos é: para 37,3% das pessoas **indiferente**, na opinião de 30,5% encontra-se no **activo**, ou é **estudante segundo** 22,0%.

No âmbito dos motivos que conduziram o criminoso à prática deste crime, as respostas encontradas pela maioria dos sujeitos (76,7%) evidenciam explicação deste sofrer de **perturbações mentais**.

Quando se pergunta aos sujeitos em que altura do dia ocorreu esta forma de agressão 56,4% consideram que se passou durante o período **noite**.

#### 4.1.7. Cenário 7 – Homicídio

“No local do crime encontrava-se o corpo da pessoa que, tendo sido atacada momentos antes, acabou por morrer”

No que respeita ao *Homicídio* a maioria das respostas obtidas (89,0%) indica que o assassino é **homem**. Quanto à **idade** 44,1% das pessoas interrogadas atribui-lhe a idade **adulta**, ou, segundo a opinião de 28,4%, o factor idade é **indiferente** para descrição do perfil do criminoso em estudo. Podendo apresentar-se de variadas formas, o aspecto do agressor é **indiferente**, segundo 53,4% das respostas proferidas. Quanto à condição perante a profissão, verifica-se que 26,7% dos inquiridos defendem que o criminoso se encontra **desempregado voluntariamente**, 30,1% que é trabalhador no **activo**, havendo 36,0% para os quais esta questão é **indiferente** para a análise do perfil em causa.

A vítima deste tipo de crime é, de acordo com a opinião de 39,0% das pessoas entrevistadas, do sexo **feminino**, podendo, de acordo com as respostas de 33,1%, ser do sexo **masculino**. No que concerne à idade, 30,5% defendem que a vítima pertence à idade **adulta**, havendo no entanto 35,6% dos inquiridos que consideram a **idade** irrelevante para a apreciação do perfil em causa, declarando que a idade da vítima é **indiferente**. Para a maioria dos sujeitos (60,2%) a vítima pode apresentar **qualquer tipo de aparência** e encontrar-se em **qualquer** situação relativamente à **condição perante a profissão**, de acordo com o declarado por 42,4% das respostas obtidas. No entanto, 35,6% respostas indicam que a vítima se encontra no **activo**.

No que concerne aos motivos que conduziram a este tipo crime, ressalta como primeira causa, defendida por 19,5% das pessoas, a **resistência** da vítima a uma qualquer situação de defesa perante uma tentativa de roubo ou de violação de que tenha sido alvo. Em segundo lugar, o homicídio é resultado, de acordo com a opinião

de 17,4%, de uma situação de **vingança**. Podendo ainda, segundo 11,7%, ser uma consequência de **perturbações mentais** do criminoso.

A maioria dos inquiridos (58,1%) considera que o homicídio é um tipo de crime que acontece durante a **noite**.

Com o objectivo de perceber se existia alguma tendência de resposta ou qualquer tipo de discriminação no âmbito da **etnia** de pertença da **vítima** e do **agressor**, esta questão foi colocada aos inquiridos em todos os cenários de crime aqui analisados. Os resultados obtidos não revelaram qualquer tipo de distinção, tanto na descrição do perfil do criminoso como na descrição do perfil da vítima, para qualquer um dos crimes considerados. Assim, observaram-se duas situações de resposta semelhantes em todos os cenários, uma que refere a etnia como uma condição **indiferente** para a descrição da vítima e do agressor em qualquer um dos cenários, a outra refere que a vítima e o agressor em qualquer um dos cenários de crime pertencem à **maioria étnica**.

**Quadro 8 – Quando aconteceram os crimes por cenário**

	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3	Cenário 4	Cenário 5	Cenário 6	Cenário 7
Dia	72,0%	27,1%	70,6%	42,4%	69,1%	25,9%	21,6%
Noite	9,3%	54,6%	14,5%	33,1%	8,5%	56,4%	53,1%
Indiferente	16,6%	13,3%	14,9%	16,1%	16,1%	11,9%	17,3%

**Cenário 1** – Roubo por esticção

**Cenário 2** – Furto de objectos no interior do carro

**Cenário 3** – Furto de objectos em casa

**Cenário 4** – Roubo na rua com objecto agressivo

**Cenário 5** – Roubo em casa

**Cenário 6** – Abusos sexuais /violação

**Cenário 7** – Homicídio

## 4.2. Síntese dos Principais Resultados

### 4.2.1. Perfil do criminoso

A análise das respostas de quem vive, trabalha ou estuda em Lisboa, permitem verificar relativamente ao **perfil do criminoso**, que este é para todas as situações de crime apresentadas, do **sexo masculino**, observando-se que também é admitida a pertença ao **sexo feminino**, nos casos de furto de objectos em casa e do roubo em casa (ver quadro 5).

As opiniões das pessoas no que concerne à **idade do agressor** evidenciam, na maioria dos cenários, uma tendência para a atribuição da idade **jovem**, confirmando-se esta tendência nos seguintes cenários: roubo por esticção, furto de objectos no interior do carro, roubo na rua com objecto agressivo, furto de objectos em casa, e roubo em casa. De notar, nos dois últimos tipos de crime, a referência à **idade adulta**, que no caso do roubo em casa conta com um maior número de referências (46,8%) do que a idade jovem (32,2%). Nos crimes de violação/abusos sexuais e de homicídio, o agressor é considerado adulto pela maioria das pessoas (ver quadro 5).

Quanto ao aspecto ou **aparência do criminoso**, os inquiridos consideram na maioria dos cenários que esta característica é pouco importante ou **indiferente** para a caracterização do criminoso. Em simultâneo com este tipo de resposta, verificaram-se referências ao aspecto **descuidado** que o agressor também pode possuir nos casos de roubo por esticção, furto de objectos no interior do carro e roubo na rua com objecto agressivo, observando-se ser neste último, que o número de respostas nesse sentido é mais elevado. Salienta-se o roubo em casa como o único delito em que a par com a alusão ao aspecto indiferente do criminoso lhe é também atribuída a característica de possuir uma aparência **cuidada**.

No que respeita à **condição perante a profissão**, em todos os cenários, à excepção do crime abusos sexuais/violação, as respostas dos inquiridos admitem a possibilidade do criminoso ser **desempregado voluntário**, sendo esta condição referida em exclusivo nos casos de roubo por esticção, furto de objectos no interior do carro, furto de objectos em casa e roubo na rua com objecto agressivo. Nas situações de roubo em casa, abusos sexuais/violação e homicídio, a situação perante a profissão é considerada por algumas pessoas uma condição **indiferente** para a descrição do agressor, verificando-se no caso do homicídio algumas referências também à possibilidade do criminoso se encontrar no activo. A única situação em que a maioria dos inquiridos declara que o agressor se encontra no activo é no caso do crime de abusos sexuais/violação (ver quadro 5).

#### 4.2.2. Perfil da vítima

A avaliação da população inquirida acerca do **perfil da vítima**, revela que no roubo por esticção e nos abusos sexuais/violação a vítima pertence ao **sexo feminino**, tendo esta sido a única possibilidade apontada pelos sujeitos. Nos casos de roubo na rua com objecto agressivo, roubo em casa e homicídio, a maioria das opiniões são ainda no mesmo sentido, isto é, de considerar que a vítima é **mulher**, destacando-se, contudo, no caso de homicídio algumas respostas no sentido de considerar a vítima desta situação, um homem. No furto da casa e no furto de objectos no interior do carro, a maioria das referências apontam ambos os sexos como potenciais vítimas, salientando-se, no entanto, no último caso algumas respostas de associação da vítima unicamente ao sexo masculino (ver quadro 6).

Relativamente à **idade** atribuída à vítima e à excepção do roubo por esticção, verifica-se que em todos os cenários algumas das respostas revelam que a **idade é indiferente** para a caracterização de um perfil da vítima tipo. A maior evidência de que **qualquer idade** é admitida na descrição da vítima potencial, observa-se nos

cenários, furto de objectos no interior do carro, furto de objectos em casa, roubo na rua com objecto agressivo, roubo em casa e homicídio, nos quais, em simultâneo com a referência a outras idades atribuídas à vítima, é esta categoria que conta com a maior percentagem de respostas. Salientam-se dois casos em que existem opiniões no sentido da vítima ser **idosa**, designadamente, o **roubo por esticção** e o **roubo em casa**. A **idade jovem** apenas é atribuída à **vítima de abusos sexuais/violação**. O roubo por esticção destaca-se por ser o tipo de crime em que a maioria das respostas referem que a vítima pertence à idade adulta. Nos casos de furto de objectos no interior do carro, furto de objectos em casa, roubo na rua com objecto agressivo e homicídio, concomitantemente com outro tipo de respostas, alguns inquiridos referem ainda a possibilidade da vítima pertencer à idade adulta (ver quadro 6).

A apreciação feita pelos inquiridos ao **aspecto da vítima** nos diferentes cenários, mostra que nos casos de homicídio, roubo em casa e furto de objectos no interior do carro a aparência da vítima é **indiferente**, sendo esta a única resposta proferida pelos sujeitos nestes três tipos de crime. Nos restantes tipos de crime analisados, roubo por esticção, furto de objectos em casa, roubo com objecto agressivo e abusos sexuais/violação, apesar da maioria dos inquiridos ainda considerar o aspecto indiferente, indica também algumas características da aparência da vítima que de alguma forma se salientam. Assim, no caso de roubo por esticção e de roubo com objecto agressivo a potencial vítima destas situações é, segundo os inquiridos, alguém que de alguma forma ostente valores, isto é, possua **sinais exteriores de riqueza**. Observaram-se nas respostas de alguns inquiridos a atribuição de aspecto cuidado à vítima do cenário 3 (furto de objectos em casa). O único cenário em que é admitida, de forma visível, a característica provocante, quando se pede aos inquiridos uma descrição da vítima, é o caso de abusos sexuais/violação.

A opinião dos inquiridos relativamente à **condição perante a profissão** da vítima, revela uma tendência para considerar dois tipos de situação: a vítima encontrar-se no

**activo** ou a situação de considerar que a profissão **não é um factor relevante** para a descrição da vítima para cada um dos cenários. A tendência para estes dois tipos de resposta pode observar-se no roubo por esticção, furto de objectos no interior do carro, furto de objectos em casa, roubo na rua com objecto agressivo e homicídio. Constituem excepção, o roubo em casa e os abusos sexuais/violação. No primeiro caso existem algumas referências de que a vítima é **doméstica** e no último observam-se algumas respostas de que é **estudante** (ver quadro 6).

#### 4.2.3. Motivos que conduziram à prática de cada um dos crimes

Quando se pergunta aos inquiridos quais os **motivos que conduziram à prática de cada um dos crimes** apresentados, estes referem, na maioria dos cenários e como principal motivo, ser a **droga** (englobando esta categoria drogas/toxicodependência, consumo e tráfico). Salientam-se o roubo com objecto agressivo, o roubo por esticção e o furto de objectos no interior do carro, os casos em que este motivo é mais evidente, seguindo-se, por ordem decrescente de referências, o furto de objectos em casa e o roubo em casa (ver quadro 7). No crime de abusos sexuais/violação, os inquiridos destacam como causa principal o facto do criminoso sofrer de **perturbações mentais**. No caso de homicídio, as causas mais apontadas são, em primeiro lugar, a **resistência da vítima**, em segundo a **vingança** e por último, a atribuição de **perturbações** ao agressor. De notar que as causas atribuídas a este crime, em particular a referência à resistência da vítima se encontram, de alguma forma, ligadas ao ocorrido no crime de abusos sexuais/violação, o que denota uma certa inter-relação assumida pelas pessoas, entre os dois crimes apresentados. Esta associação feita pelas pessoas pode ter acontecido pelo facto dos cenários terem sido passados, invariavelmente, pela mesma ordem aos sujeitos, sendo que a apresentação do crime de abusos sexuais/violação precedia sempre a apresentação do crime de homicídio.

#### 4.2.4. Quando aconteceram os crimes

A opinião das pessoas acerca da **altura do dia** em que aconteceram os diversos tipos de crime representados permitiram individualizar dois tipos de situação, a primeira, dos casos que ocorrem sobretudo **durante o dia**, que são: roubo por esticção, furto de objectos em casa, roubo na rua com objecto agressivo e roubo em casa. A segunda, os que acontecem principalmente **durante a noite**, nomeadamente o furto de objectos no interior do carro, os abusos sexuais/violação e o homicídio (ver quadro 8).

### 4.3. Diferenças na Percepção dos Diferentes Cenários em Função das Características dos Inquiridos – Idade / Sexo / Habilitações Literárias

#### 4.3.1. Cenário 1 – Roubo por esticção (Furto na rua)

“Alguém ao deslocar-se para o trabalho, sentiu uma pessoa aproximar-se e através de esticção levar-lhe objectos de uso pessoal, desaparecendo de imediato sem probabilidade de ser reconhecida”

Quando questionados acerca da **idade do agressor do roubo por esticção** (furto na rua), a maioria dos inquiridos refere que o agressor é jovem. No entanto, quando se analisam as respostas tendo em atenção o sexo de quem responde, verifica-se existirem diferenças significativas (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,04$ ), observa-se por um lado que são mais as mulheres do que os homens a considerar que o agressor pode ser um adulto e são mais os homens do que as mulheres a referir que a idade é um

factor indiferente para a descrição do agressor (ver figura 1).

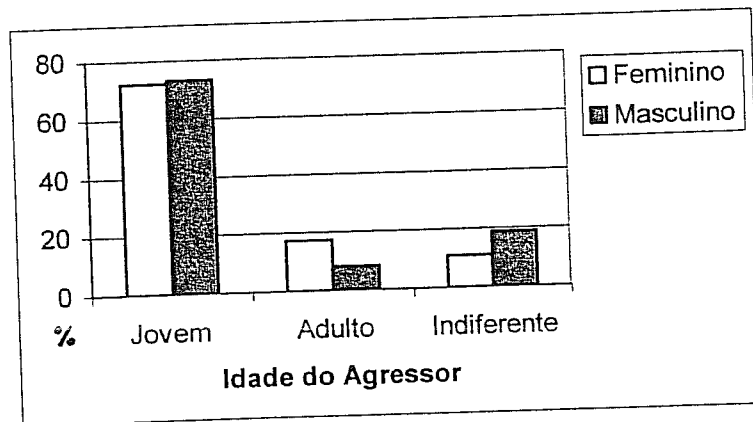


Figura 1 – Idade do Agressor em Função do Sexo dos Inquiridos

A análise efectuada ao roubo por esticção, relativa à idade do agressor, mostrou que a maioria dos inquiridos de todas as faixas etárias consideram o agressor jovem. Contudo, ao analisar-se as diferentes idades possíveis para o criminoso em função da idade dos inquiridos, verifica-se existirem diferenças (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,032$ ) que importa considerar. Se por um lado, são as **pessoas mais velhas** (idade  $\geq 55$  anos) que mais referem que o **criminoso é jovem**, por outro, são os **mais jovens** (idade  $\leq 35$  anos) que mais referem que o **criminoso é adulto** (ver figura 2).

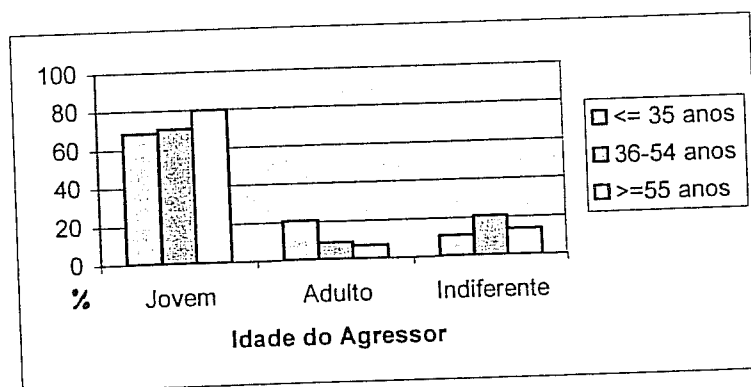


Figura 2 – Idade do Agressor em função da Idade dos inquiridos

Apesar da maioria das respostas relativas ao **aspecto do agressor** do roubo por esticção revelar que este indivíduo possui uma aparência descuidada ou pode possuir qualquer tipo de aparência, quando se analisam as opiniões dos sujeitos em função das suas habilitações literárias, observa-se no entanto que (Teste exacto de Fisher,  $p=0,076$ ), **os inquiridos com habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9º ano de escolaridade referem mais do que os indivíduos com mais habilitações, que o criminoso possui um aspecto cuidado ou apresenta-se bem vestido**. Por seu lado, os sujeitos com **habilitações literárias iguais ou superiores ao 12º ano** acham mais do que os outros que o agressor possui **agilidade física** (ver figura 3).

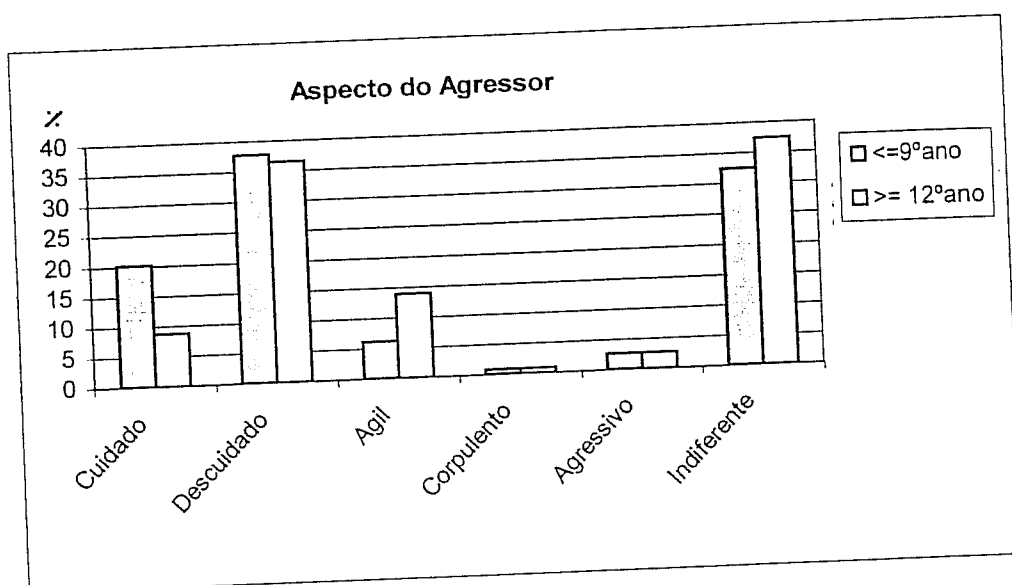


Figura 3 – Aspecto do Agressor em Função das Habilitações Literárias dos Inquiridos

Relativamente à vítima e de uma forma geral, a maioria das pessoas considera que a **vítima do roubo por esticção** pertence ao **sexo feminino**, contudo observaram-se diferenças de resposta conforme o sexo dos inquiridos (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,020$ ). A análise efectuada relativamente ao sexo atribuído à vítima, em função do sexo dos inquiridos, revela que as **mulheres mais do que os homens consideram que a**

vítima é do sexo feminino e os homens mais do que as mulheres declaram que a vítima é do sexo masculino (ver figura 4).

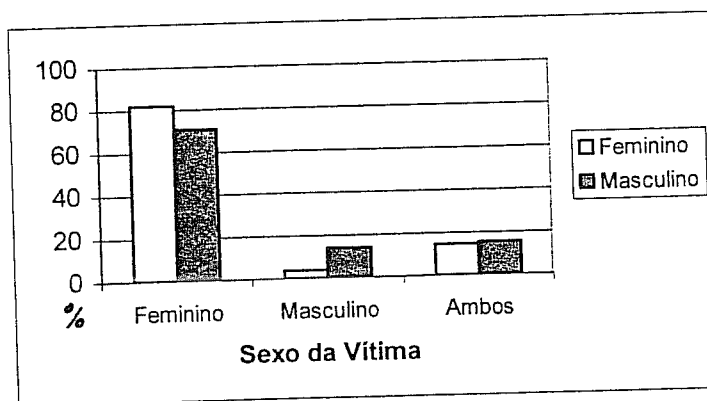


Figura 4 – Sexo da Vítima em Função do Sexo dos Inquiridos

Quando questionados acerca da **aparência da vítima** do roubo por esticção, a maioria das opiniões concentra-se nas categorias **ostentação** (de valores) e **indiferente** (indicando que a vítima pode apresentar qualquer tipo de aspecto). Contudo se atentarmos na opinião de homens e mulheres relativamente a esta questão, verifica-se que existe divergência nas respostas proferidas (Teste exacto de Fisher,  $p=0,031$ ). Assim, observa-se que **os homens referem mais do que as mulheres que a vítima desta situação tem um aspecto cuidado** (boa aparência, bem vestida); por outro lado, **as mulheres consideram mais do que os homens que a vítima tem um aspecto indefeso** (ver figura 5).

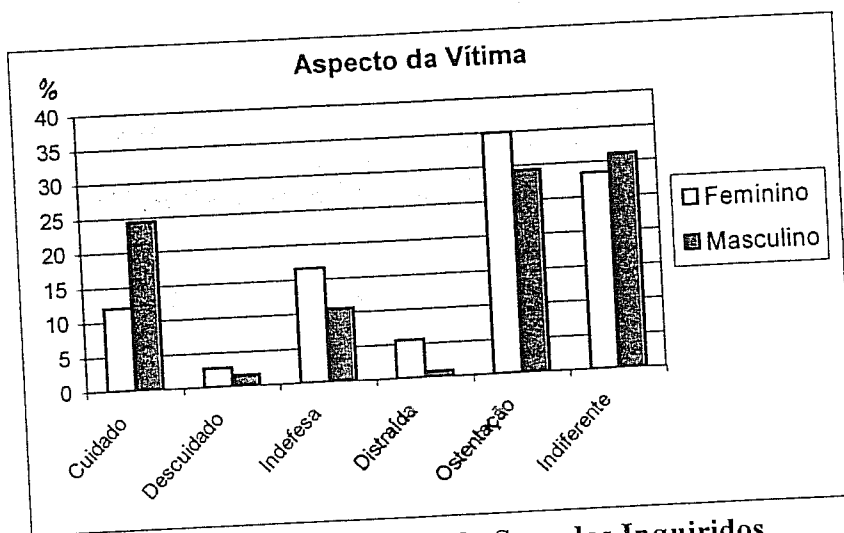


Figura 5: Aspecto da Vítima em Função do Sexo dos Inquiridos

Relativamente à altura do dia em que o roubo por esticção ocorre, a maioria dos inquiridos refere ser **durante o dia**, verifica-se no entanto que com o aumento da idade esta tendência diminui (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,071$ ), isto é, são os mais jovens (idade  $\leq 35$  anos) que mais acham que este tipo de crime acontece durante o dia e são os mais velhos (idade  $\geq 55$  anos) que menos referem que este tipo de crime ocorre durante o dia (ver figura 6).

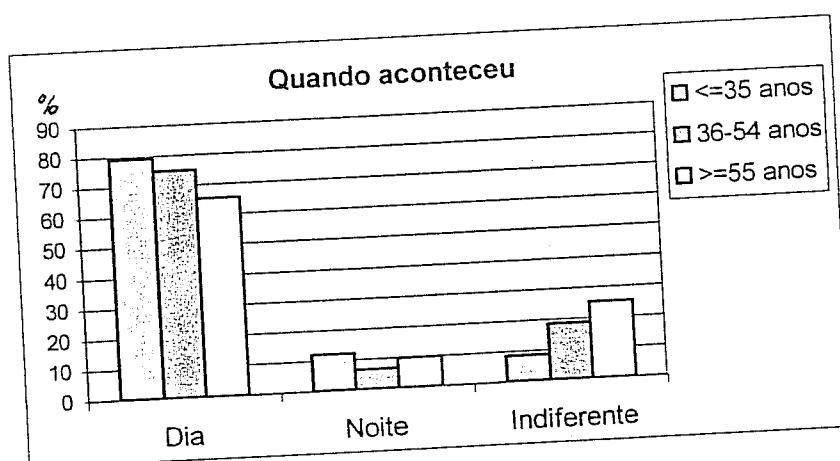


Figura 6: Quando Aconteceu o Crime Roubo por Esticção em Função da Idade dos Inquiridos

### 4.3.2. Cenário 2 – Furto de objectos no interior do carro

“Na hora de sair de casa , dirigiu-se ao local onde tinha estacionado o carro e verificou que este estava todo remexido e que tinham desaparecido objectos do seu interior”

Quando questionados acerca da idade da vítima do furto de objectos no interior do carro, a maioria dos inquiridos considera que a vítima é um adulto ou que pode pertencer a qualquer grupo etário. No entanto, quando se faz uma análise da idade da vítima em função da idade dos inquiridos verifica-se existirem diferenças significativas entre os diferentes grupos considerados (Teste exacto de Fisher,  $p=0,001$ ). Assim, observa-se que são os mais jovens (idade  $\leq 35$  anos) que mais acham que a vítima desta situação é um jovem, são os adultos (36-54 anos) que mais acham que a vítima é um adulto e são os mais idosos ( $\geq 55$  anos) que mais referem que a idade da vítima deste tipo de furto é indiferente (ver figura 7).

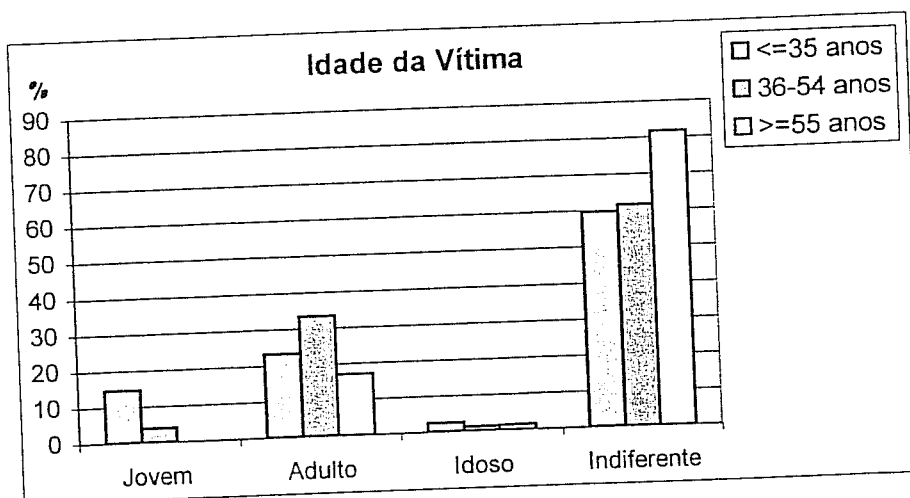


Figura 7: Idade da Vítima do Furto de Objectos no Interior do Carro em Função da Idade dos Inquiridos

No que concerne à altura do dia em que este tipo de crime acontece, em geral a maioria das pessoas refere ser durante a noite, contudo observam-se diferenças entre homens e mulheres quanto a esta questão (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,040$ ), verificando-se

serem os homens mais do que as mulheres a considerarem que esta situação acontece mais durante o período nocturno (ver figura 8).

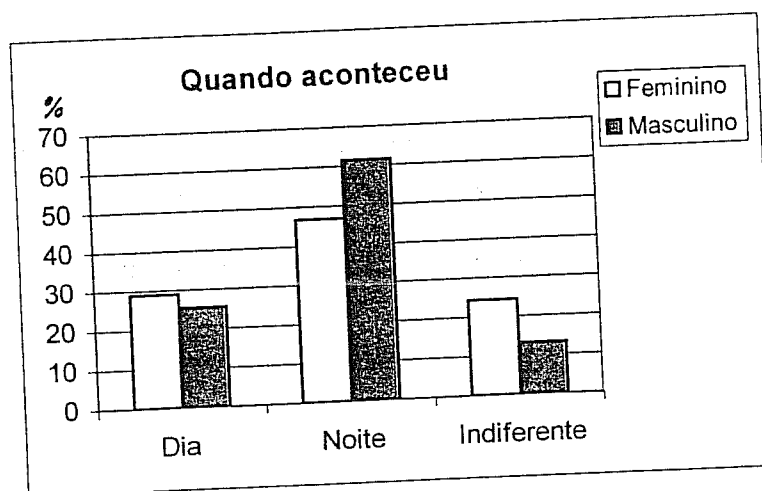


Figura 8: Quando Aconteceu o Crime Furto de Objectos no Interior do Carro em Função do Sexo dos Inquiridos

#### 4.3.3. Cenário 3 – Furto de objectos em casa

“Chegando a casa verificou que esta estava completamente remexida e que tinham desaparecido objectos de valor e de estimação”

A opinião da maioria das pessoas relativamente à idade do agressor do furto em casa concentra-se na idade jovem e adulta. Observa-se, no entanto, existirem diferenças de resposta entre as diferentes idades dos inquiridos (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,041$ ). Verifica-se por um lado que, com o aumento da idade dos inquiridos mais o agressor é considerado jovem e por outro, que com a diminuição da idade dos inquiridos aumenta a percepção de que o agressor é adulto, isto é, são as pessoas mais velhas as que mais acham que o criminoso é jovem e são os inquiridos mais jovens que mais consideram que o criminoso é adulto (ver figura 9).

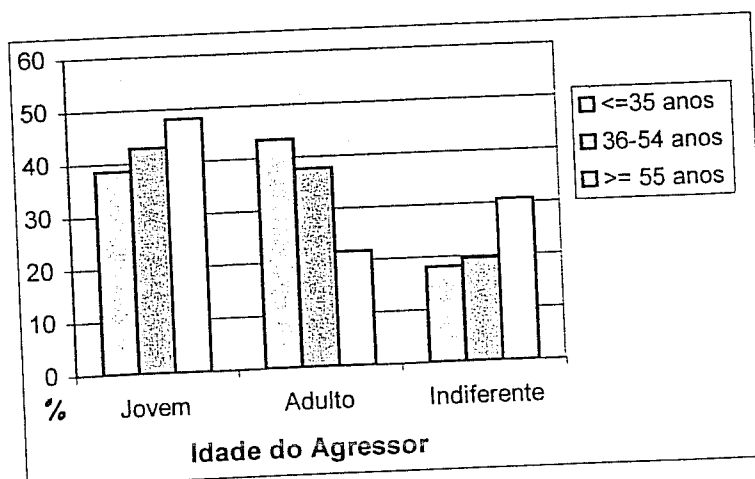
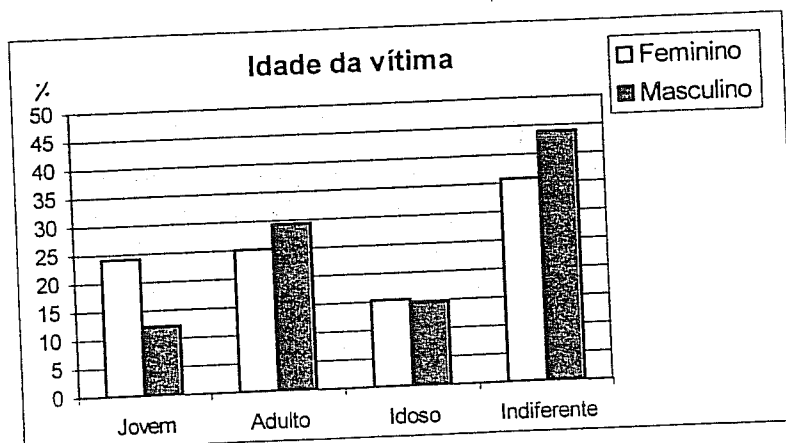


Figura 9: Idade do Agressor em Função da Idade dos Inquiridos

#### 4.3.4. Cenário 4 – Roubo na rua com objecto agressivo

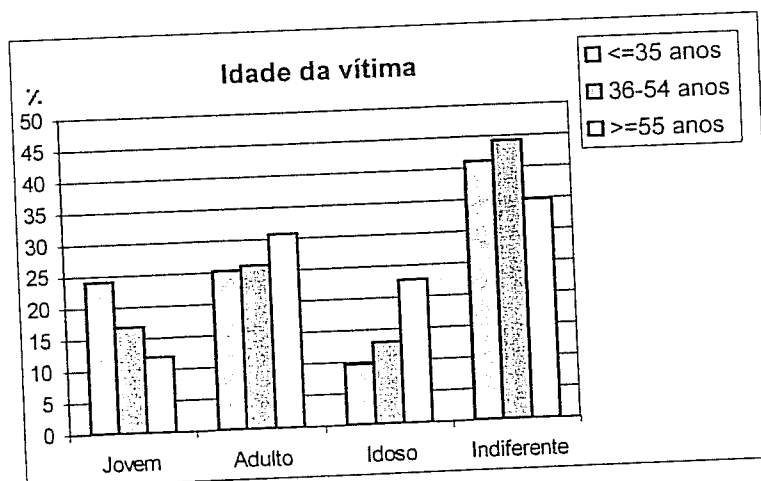
“Alguém passeava tranquilamente quando de repente, é vítima de uma ameaça com um objecto agressivo e perigoso e vê-se na obrigação de entregar, à força, alguns objectos que transporta consigo”

Os inquiridos quando questionados acerca da idade da vítima do roubo na rua com objecto agressivo, referem em geral, que esta é adulta ou que a idade constitui uma característica que é indiferente para a descrição da vítima desta situação. No entanto, quando se analisam as respostas com base no sexo dos inquiridos, e apesar de não existirem diferenças significativas (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,110$ ) observa-se por um lado que, são mais os homens do que as mulheres a contribuírem para a resposta de que a vítima é adulta ou que a idade é um factor indiferente para a sua descrição e são mais as mulheres do que os homens a considerar que a vítima é jovem (ver figura 10).



**Figura 10: Idade da Vítima em Função do Sexo dos Inquiridos**

Quando se analisam as respostas tendo em atenção a idade de quem responde, e embora não existam diferenças significativas (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,151$ ), verifica-se que **quanto mais jovens são os inquiridos mais consideram que a vítima é jovem** (observando-se ser no escalão etário mais jovem ( $\leq 35$  anos) que esta tendência é mais acentuada) e que **são as pessoas mais velhas (idade  $\geq 55$  anos) as que mais referem que a vítima é adulta e idosa** (ver figura 11).



**Figura 11: Idade da Vítima em Função da Idade dos Inquiridos**

Apesar da maioria das respostas no que respeita a saber em que altura do dia ocorreu o roubo na rua com objecto agressivo se concentrar no período diurno, observa-se, contudo, existir uma ligeira diferença de opinião, embora não significativa (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,127$ ), entre homens e mulheres. Por um lado, os homens referem que este tipo de crime ocorre mais durante a noite do que durante o dia e, por outro, referem mais que acontece durante a noite do que as mulheres. As mulheres, por seu lado, apontam o dia como o período privilegiado de ocorrência deste fenómeno (ver figura 12).

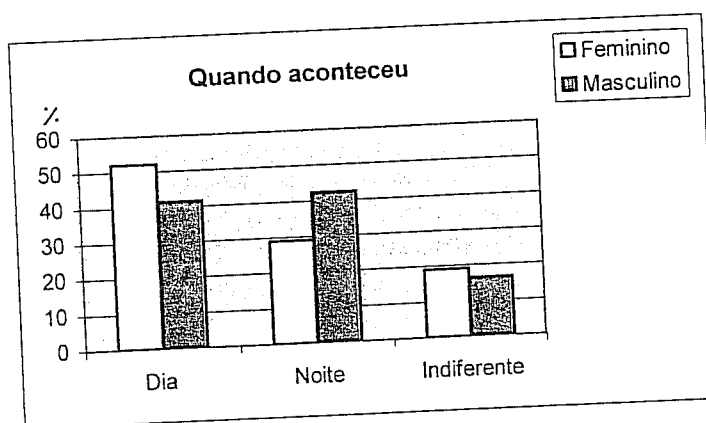


Figura 12: Quando aconteceu o crime roubo na rua com objecto agressivo em função do sexo dos Inquiridos

#### 4.3.5. Cenário 5 – Roubo em casa

“Ao atender à porta de casa deparou com uma pessoa que, através de ameaças, se introduziu na residência e roubou objectos de valor”

A opinião da maioria das pessoas revela que vítima deste cenário de crime pertence ao sexo feminino. Contudo observam-se diferenças quando se analisa esta questão tendo por base a idade dos inquiridos (Teste exacto de Fisher,  $p=0,001$ ). Verifica-se que quanto mais jovens são os sujeitos mais consideram que a vítima pertence

ao sexo feminino e que com o aumento da idade aumenta também a opinião de que a vítima pode pertencer a qualquer dos sexos (ver figura 13).

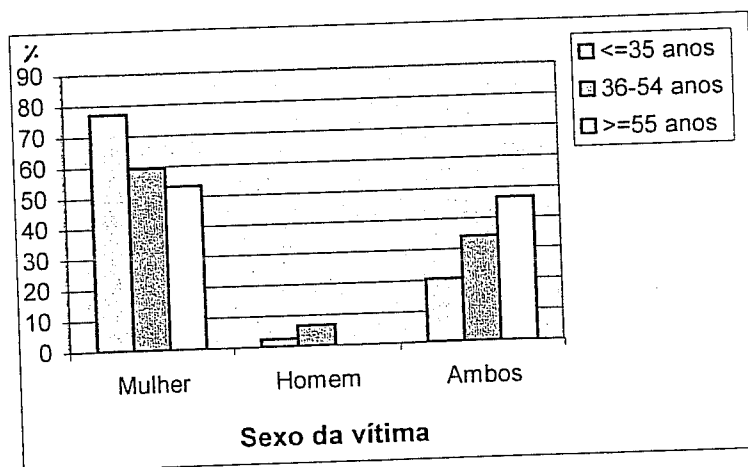
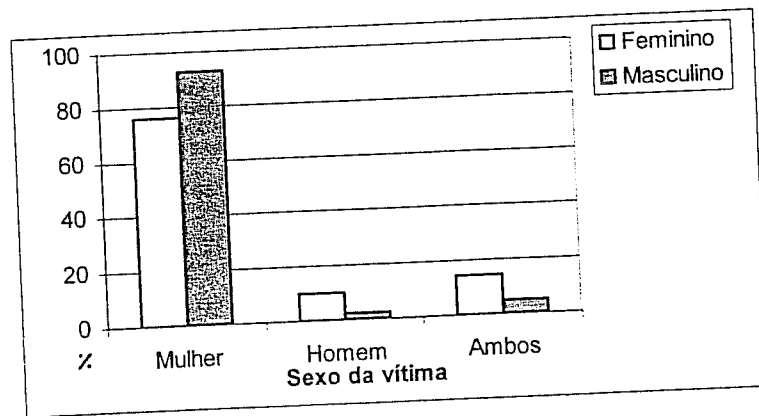


Figura 13: Sexo da Vítima em Função da Idade dos Inquiridos

#### 4.3.6. Cenário 6 – Abusos sexuais / Violação

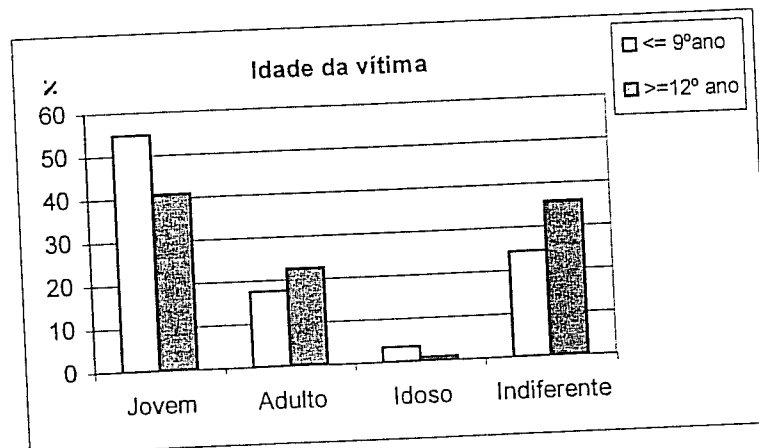
“No regresso a casa, uma pessoa adulta foi vítima de abusos sexuais, contra sua vontade, sob ameaça de objecto perigoso e uso de força física”

A opinião da maioria das pessoas acerca do sexo da vítima do crime de violação é a de que a vítima é mulher. No entanto, quando se analisam os resultados com base no sexo dos inquiridos verifica-se existirem diferenças entre homens e mulheres acerca deste assunto (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0.002$ ). Os homens atribuem mais do que as mulheres o sexo feminino à vítima de violação e as mulheres referem mais do que os homens que a vítima desta forma de crime é um homem. Observa-se ainda serem mais as mulheres a considerarem mais que a vítima pode pertencer a qualquer dos sexos (ver figura 14).



**Figura 14: Sexo da Vítima em Função do Sexo dos Inquiridos**

Apesar da maioria das respostas relativas à questão de saber qual a idade da vítima da violação se concentrar no escalão etário jovem ou indiferente (admitindo qualquer idade), verifica-se, no entanto, ao analisar-se a questão em termos das habilitações literárias dos inquiridos, que existe uma ligeira diferença (Teste exacto de Fisher,  $p=0,060$ ) entre os dois grupos considerados. As pessoas com menos habilitações literárias ( $\leq 9^{\circ}$  ano) atribuem mais a idade jovem à vítima do que as pessoas com mais habilitações literárias ( $\geq 12^{\circ}$  ano). Os inquiridos com habilitações literárias iguais ou superiores ao  $12^{\circ}$  ano são os que mais referem que a vítima pode pertencer a qualquer escalão etário (ver figura 15).



**Figura 15: Idade da Vítima em Função das Habilitações literárias dos Inquiridos**

#### 4.3.7. Cenário 7 – Homicídio

“No local do crime encontrava-se o corpo da pessoa que, tendo sido atacada momentos antes, acabou por morrer”

O sexo atribuído à vítima deste tipo de crime é principalmente o feminino. Contudo, verifica-se existir uma ligeira tendência de resposta quando se analisa esta questão ao nível do escalão etário de pertença dos inquiridos (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,074$ ). Assim, observa-se que são os sujeitos mais velhos ( $\geq 55$  anos) os que mais atribuem à vítima o sexo feminino e os que menos lhe atribuem o sexo masculino. Sendo os mais jovens ( $\leq 35$  anos) os que mais referem que a vítima pode pertencer a qualquer dos sexos (ver figura 16).

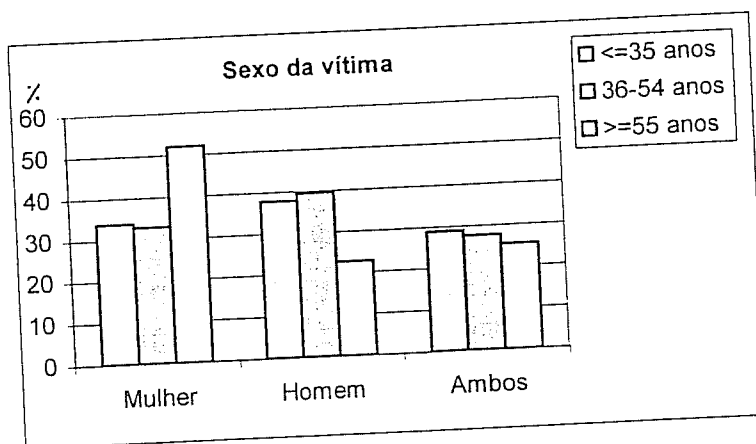


Figura 16: Sexo da Vítima em Função da Idade dos Inquiridos

Quando se analisa o sexo a que pertence a vítima do homicídio em função das habilitações literárias dos inquiridos verifica-se existirem diferenças significativas (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,007$ ). As pessoas com habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9º ano são as que mais referem que a vítima é mulher e as que possuem habilitações literárias iguais ou superiores ao 12º ano são as que

consideram mais que a vítima é homem ou que pertence a qualquer dos sexos (ver figura 17).

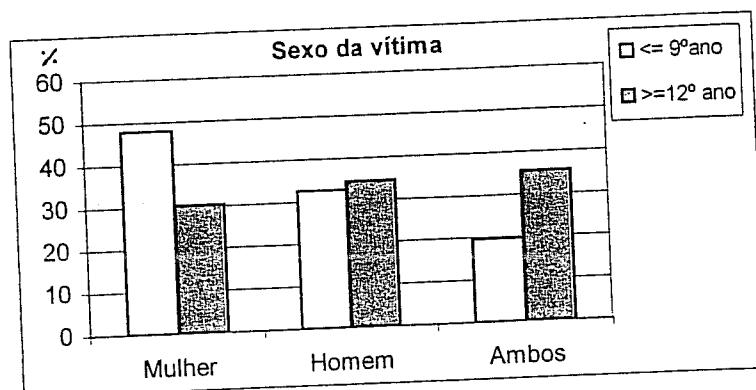


Figura 17: Sexo da Vítima em função das Habilitações Literárias dos Inquiridos

No que concerne à idade da vítima de homicídio, a maioria das respostas refere que a vítima pode ter pertencer a qualquer escalão etário ou aponta a idade adulta. Contudo, da apreciação feita a esta questão tendo por base o sexo dos inquiridos, nota-se que existe alguma diferença entre homens e mulheres no julgamento desta questão (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,108$ ). Assim, são mais os homens do que as mulheres a considerarem que a vítima pertence à idade adulta ou que pertence a qualquer escalão etário e são mais as mulheres do que os homens que atribuem à vítima a idade jovem ou a idade idosa (ver figura 18).

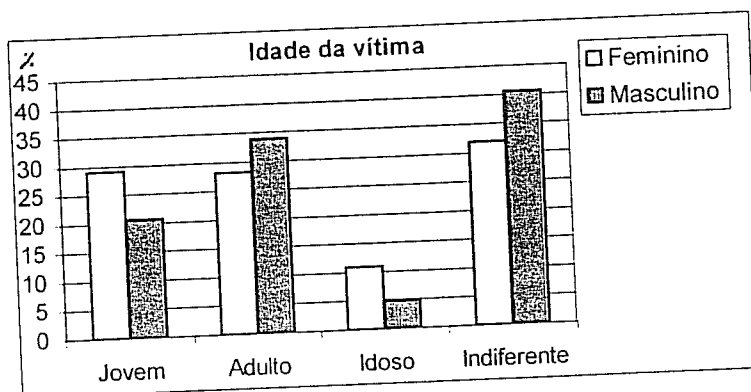


Figura 18: Idade da Vítima em Função do Sexo dos Inquiridos

Quanto à análise efectuada à idade da vítima em função da idade dos inquiridos, observa-se existirem algumas diferenças a considerar (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,102$ ).

Quanto mais jovens são os sujeitos mais acham que a vítima pertence à idade adulta e quanto mais velhos são, mais referem que a vítima é jovem. Verifica-se serem as pessoas mais velhas as que mais consideram que a idade da vítima deste tipo de crime é indiferente podendo assim pertencer a qualquer escalão etário (ver figura 19).

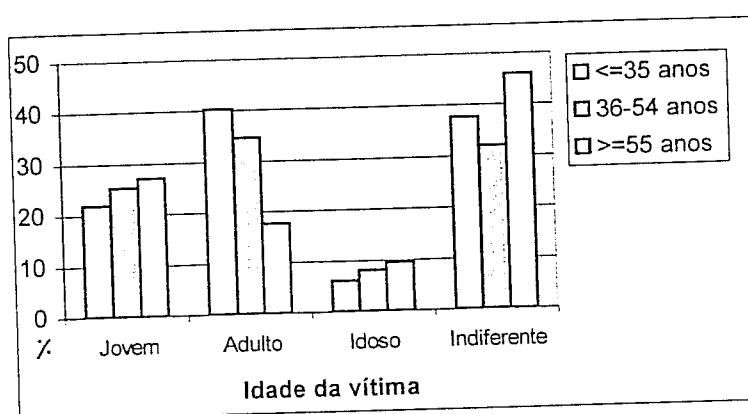
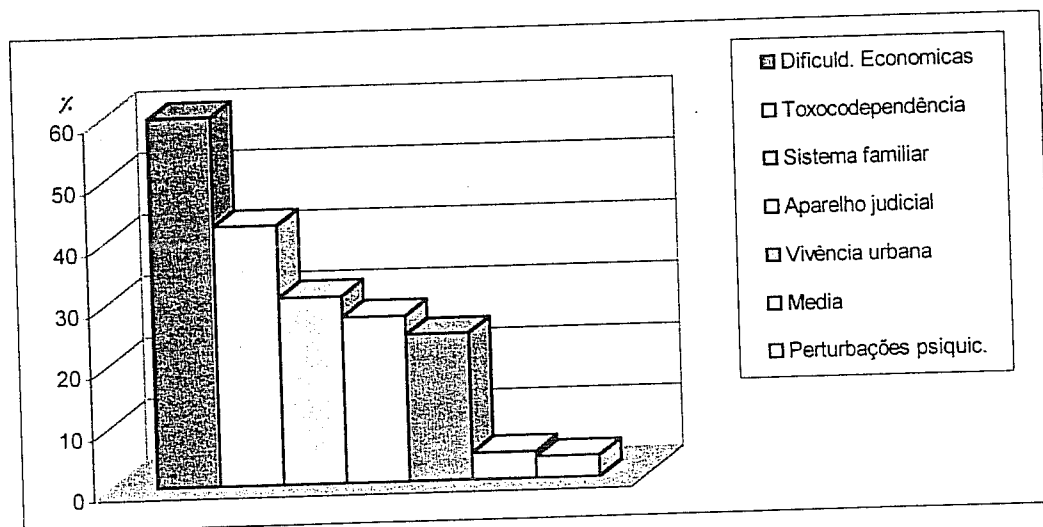


Figura 19: Idade da Vítima em Função da Idade dos Inquiridos

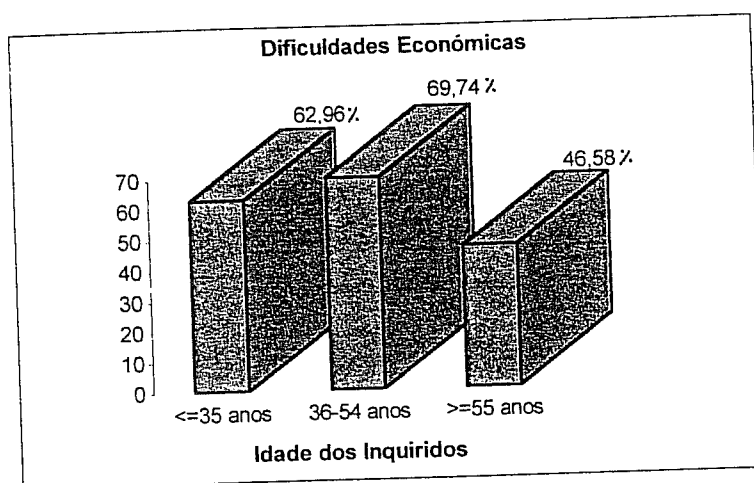
#### 4.4. Causas Gerais do Crime

Quando se pergunta aos inquiridos quais as causas responsáveis, em geral, pela existência de crime, estes referem em primeiro lugar as **dificuldades económicas** das pessoas (60%) e em segundo, apontam a questão da **toxicoddependência** (42,2%). Salientam-se ainda, a falência do **sistema familiar** mencionada por 30,4% dos inquiridos, as falhas do **aparelho judicial** referida por 27% dos sujeitos e a dinâmica inerente à **vivência urbana** nomeada por 24% das pessoas. Os **media ou órgãos de comunicação social** e a existência de pessoas com **perturbações psíquicas** foram as causas também indicadas, embora com menos frequência, 4,4% e 3,5%, respectivamente (ver figura 20).



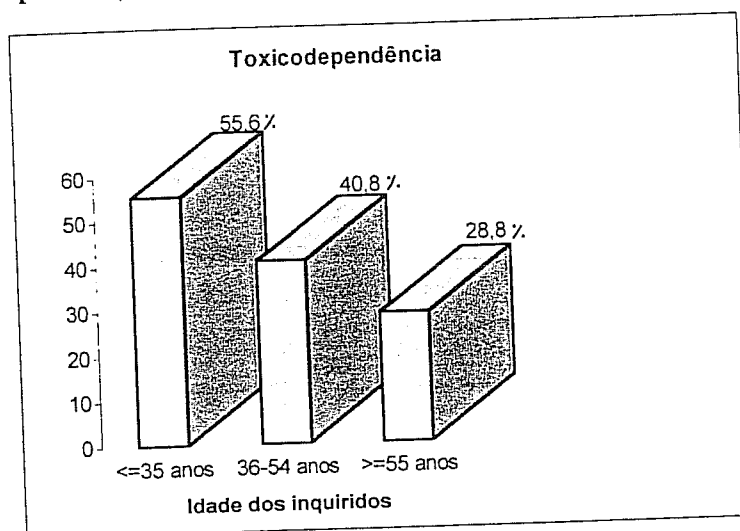
**Figura 20: Causas Gerais do Crime**

Da análise realizada às causas do crime em geral, tendo por base as características dos inquiridos verifica-se existirem algumas diferenças que importa referir. No que respeita às **dificuldades económicas**, verifica-se existirem diferenças entre os diversos grupos etários considerados (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,012$ ). São os sujeitos com idade compreendida entre os 36 e os 54 anos que mais referem as dificuldades económicas como causa do crime, sendo os sujeitos mais velhos ( $\geq 55$  anos) que menos sensíveis são a esta causa (ver figura 21).



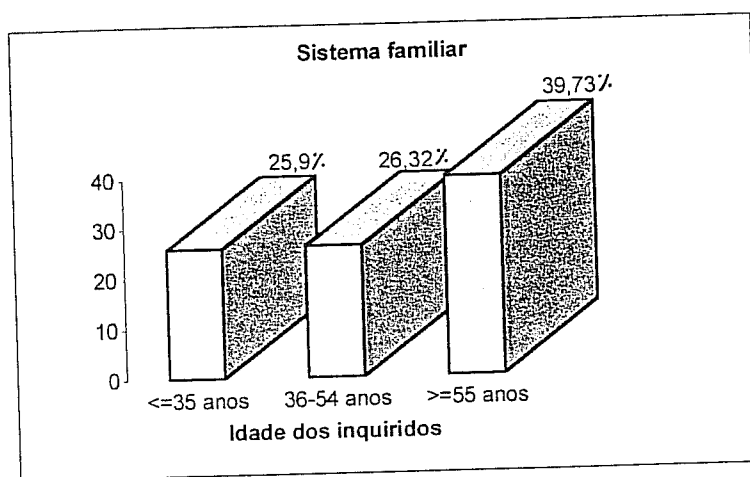
**Figura 21: Dificuldades Económicas em Função da Idade dos Inquiridos**

À semelhança da causa anterior, a referência à **toxicod dependência** como um dos factores principais, responsáveis pela existência de crime, também apresenta variações de acordo com a idade dos inquiridos (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,003$ ). Verifica-se que com a diminuição da idade mais a toxicod dependência é considerada uma causa do crime, isto é, são as pessoas mais jovens que mais contribuem para esta tendência de opinião (ver figura 22).



**Figura 22: Toxicod dependência em Função da Idade dos Inquiridos**

No que respeita ao **sistema familiar**, as ligeiras diferenças que se podem observar são igualmente entre os diferentes grupos etários (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,113$ ), verificando-se que são as pessoas mais velhas (idade  $\geq 55$  anos) as que mais consideram que a falência do sistema familiar ou a crise da família constitui uma das principais causas do crime (ver figura 23).



**Figura 23: Sistema Familiar em Função da Idade dos Inquiridos**

Relativamente aos “media” ou órgãos de comunicação social, ao fazer-se a análise em função das habilitações literárias dos inquiridos, observam-se diferenças significativas (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,011$ ). São as pessoas com habilitações literárias iguais ou superiores ao 12º ano que mais referem os media ou órgãos de comunicação social como causa do crime (ver figura 24).

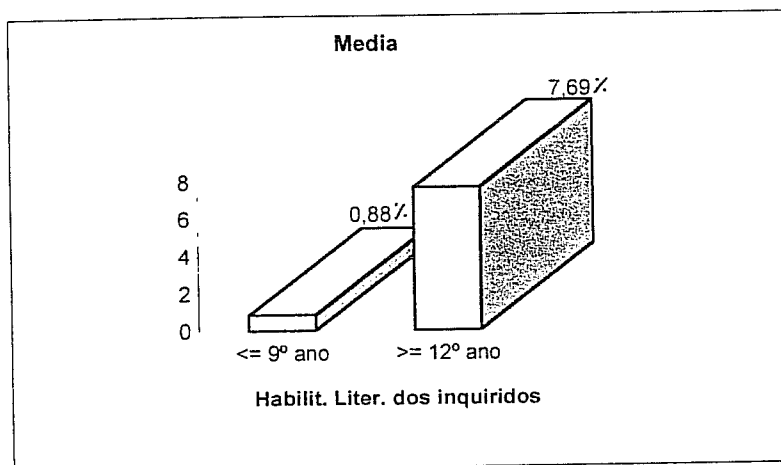


Figura 24: Media ou Órgãos de comunicação social em Função das Habilitações Literárias dos Inquiridos

#### 4.5. Medidas Sugeridas para Minorar a Criminalidade

Quando inquiridos acerca das medidas que devem ser tomadas para reduzir a criminalidade que existe, os sujeitos referem em primeiro lugar a necessidade de existirem melhores condições ao nível da **vida económica** (49,1%). A segunda medida mais citada diz respeito à renovação do **aparelho judicial** (36,5%) seguindo-se a melhoria dos níveis de **educação e formação** das pessoas como terceira principal medida apontada por (31,7%) das pessoas. O **combate ao tráfico de drogas** constitui a quarta medida mais relatada (12,6%). São ainda sugeridas, embora com menor frequência, uma maior **iluminação das ruas** (2,17%), a **despenalização do consumo de drogas** (1,74%) e a **restrição da entrada de imigrantes** (1,30%) – ver figura 25.

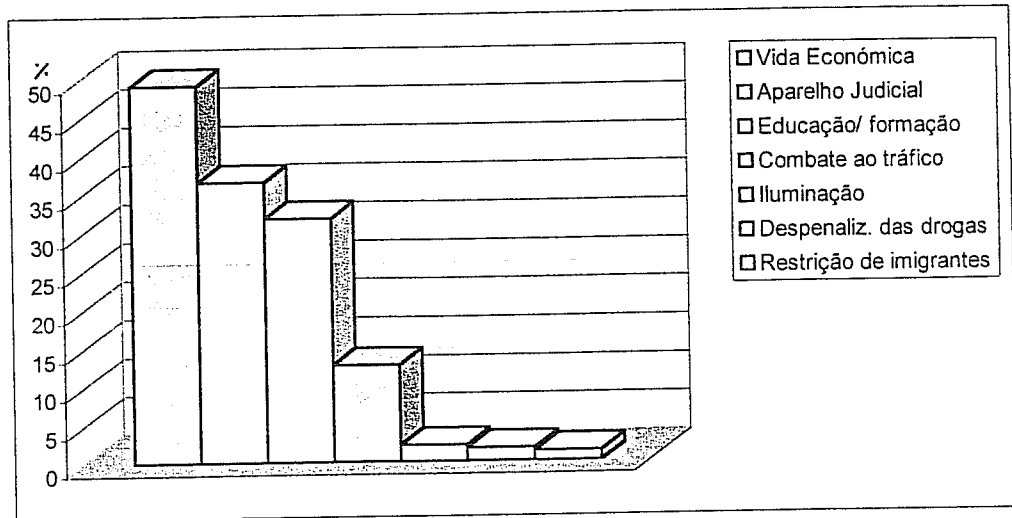


Figura 25: Medidas Sugeridas para Minorar a Criminalidade

Da análise efectuada às soluções apontadas pelas pessoas com o objectivo de reduzir a criminalidade, tendo por base as características dos inquiridos, nomeadamente a idade e o sexo, verifica-se existirem algumas diferenças que interessa considerar. No que concerne à **melhoria da vida económica**, podem-se observar as ligeiras diferenças entre os inquiridos do sexo feminino e os do sexo masculino (Teste do  $\chi^2$ ,  $p=0,111$ ), verificando-se **que são os homens mais do que as mulheres que**

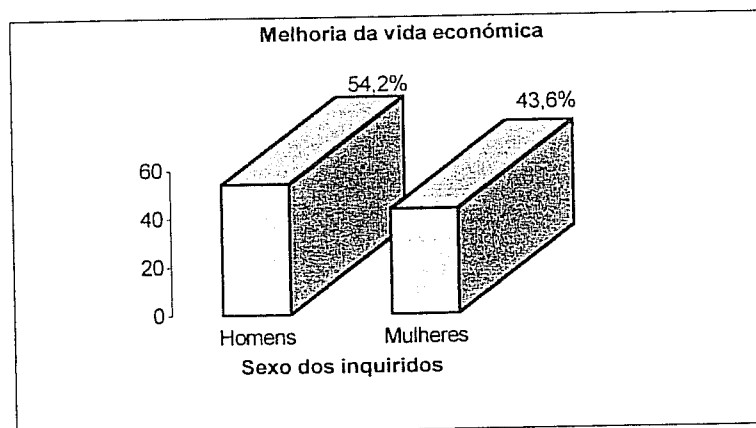


Figura 26: Melhoria da Vida Económica em Função do Sexo dos Inquiridos

consideram esta condição importante para diminuição da criminalidade (ver figura 26).

Ainda no que respeita à **melhoria da vida económica** observam-se diferenças entre os diversos escalões etários dos sujeitos (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,008$ ), verificando-se serem as pessoas entre os 36 e os 54 anos, que mais a referem enquanto medida a tomar com vista à redução da criminalidade (ver figura 27).

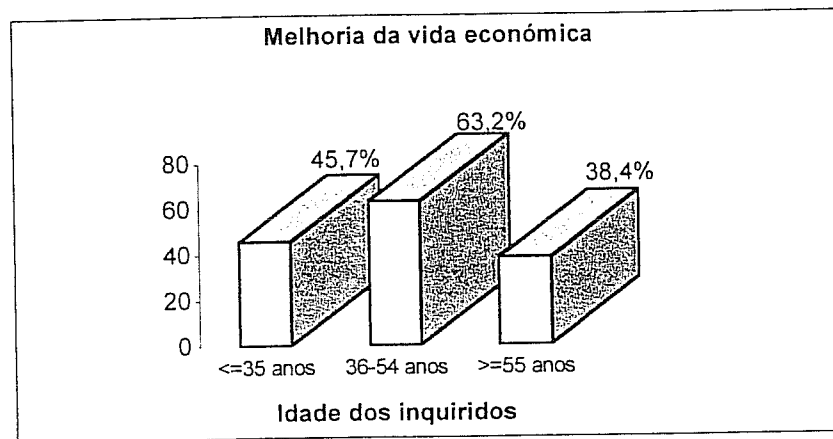


Figura 27: Melhoria da Vida Económica em Função da Idade dos Inquiridos

No âmbito da **melhoria dos níveis de educação e de formação** das pessoas, ao fazer-se a análise em função do sexo dos inquiridos, verifica-se existirem diferenças significativas (Teste do  $\chi^2$ ,  $p= 0,010$ ) entre homens e mulheres na apreciação desta questão. São as mulheres mais do que os homens a considerar que esta é um ponto importante enquanto medida a adoptar para reduzir a criminalidade (ver figura 28).

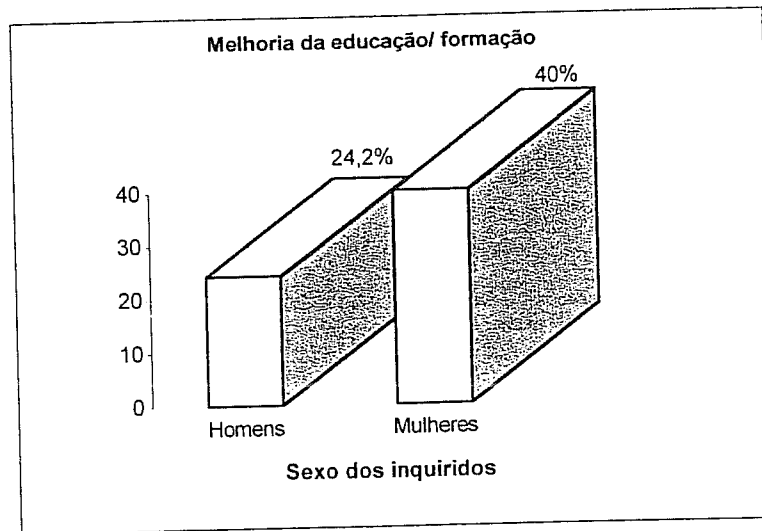


Figura 28: Melhoria da Educação/ Formação em Função do sexo dos Inquiridos

#### 4.6. Probabilidade Estimada pelos Inquiridos de Ocorrência de Delitos

Relativamente à probabilidade estimada pelos inquiridos de virem eles próprios a serem vítimas dos delitos apresentados, e tendo em conta que as questões propostas para obter este tipo informação permitiam cinco tipos diferentes de resposta: probabilidade “Muito baixa” (1); “Baixa”(2); Média”(3); “Alta”(4) ou “Muito alta”(5), observa-se o seguinte:

- 59,9% dos inquiridos consideram que a probabilidade de lhes “**assaltarem o carro, roubando objectos do seu interior**” é menor ou igual a “Média”, isto é, avaliam que a probabilidade deste tipo de delito lhes ocorrer é “Média”, “Baixa” ou “Muito Baixa” (mediana = probabilidade “Média”);
- 70,5% das pessoas estima a probabilidade de lhes “**roubarem o carro**” igual a “Média” ou mais baixa (Mediana = probabilidade “Média”);

- **“Assaltarem a residência quando esta se encontra desocupada”** é um crime considerado por **66,4%** dos sujeitos com uma probabilidade “Média”, “Baixa” ou “Muito baixa” de lhes acontecer (mediana = probabilidade “Média”);
- **79%** dos inquiridos referem que a probabilidade de lhes **“assaltarem a residência quando nela se encontram pessoas”** é “Baixa” ou “Muito baixa” (mediana = probabilidade “Baixa”);
- A probabilidade estimada por **62%** das pessoas de serem **“assaltadas na rua, durante o período diurno, tendo contacto com o agressor”** é “Média”, “Baixa” ou “Muito baixa” (mediana = probabilidade “Média”);
- **“Ser assaltado na rua, durante o período nocturno, tendo contacto com o agressor”** é um delito avaliado por **59,4%** das pessoas com uma probabilidade “Média”, “Baixa” ou “Muito baixa” de lhes acontecer (mediana = probabilidade “Média”);
- A probabilidade avaliada por **64,2%** dos indivíduos de **“serem assaltados na rua, durante o período diurno, não se apercebendo do facto”** é menor ou igual a “Média”, ou seja, consideram que a probabilidade desta forma de crime lhes suceder é “Média”, “Baixa” ou “Muito Baixa” (mediana = probabilidade “Média”);
- **63%** dos sujeitos julgam a probabilidade de **“serem roubados na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto”** como “Baixa” ou “Muito baixa” (mediana = probabilidade “Baixa”);
- A probabilidade de **“sofrer abusos sexuais”** é considerada **75%** das pessoas como “Baixa” ou “Muito baixa” (mediana = probabilidade “Baixa”).

Dos resultados obtidos relativamente à probabilidade estimada pelos inquiridos de ocorrência dos delitos apresentados, observa-se que em geral as pessoas consideram que a probabilidade da maioria dos delitos lhes acontecer não é muito alta nem muito baixa, atribuindo uma probabilidade “Média”. Contudo, para os delitos “assaltarem a residência quando nela se encontram pessoas”, “sofrer abusos sexuais” e “ser roubado na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto”, a probabilidade estimada pelos sujeitos de virem eles próprios a ser vítimas é “Baixa” ou “Muito baixa”.

#### 4.7. Experiência de Vitimação por Parte dos Inquiridos

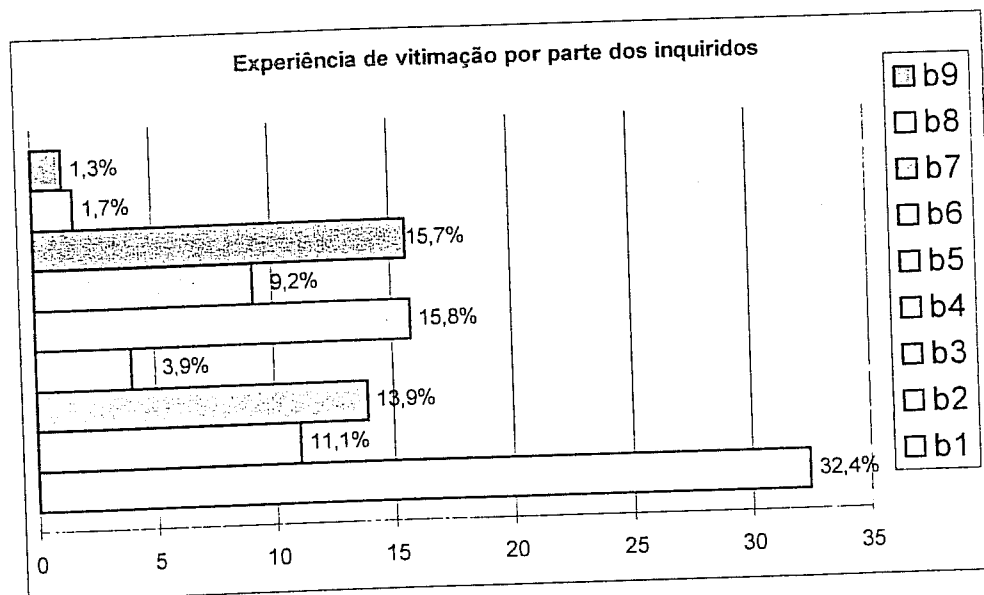


Figura 29: Experiência de vitimação dos Inquiridos de acordo com os tipos de Crime designados

- b1 – Furto de objectos no interior do carro
- b2 – Roubo do carro
- b3 – Furto da residência (quando esta se encontra desocupada)
- b4 – Roubo da residência (quando nela se encontram pessoas)
- b5 – Roubo na rua durante o dia (tendo contacto com o agressor)
- b6 – Roubo na rua durante a noite (tendo contacto com o agressor)
- b7 – Roubo na rua durante o dia (sem se aperceber do facto)
- b8 – Roubo na rua durante a noite (sem se aperceber do facto)
- b9 – Sofrer abusos sexuais

Quando questionados acerca da sua própria experiência de vitimação, 32,4% das pessoas referem já lhes ter acontecido ser vítimas de **furto de objectos no interior do carro**, sendo este o crime referido pelos inquiridos como mais frequente. O **roubo na rua durante o dia (tendo contacto com o agressor)** e o **roubo na rua durante o dia (sem se aperceber do facto)** constituem os dois segundos delitos citados como tendo acontecido mais frequentemente aos sujeitos da amostra, sendo indicados por 15,8% e 15,7% das pessoas, respectivamente (ver figura 29).

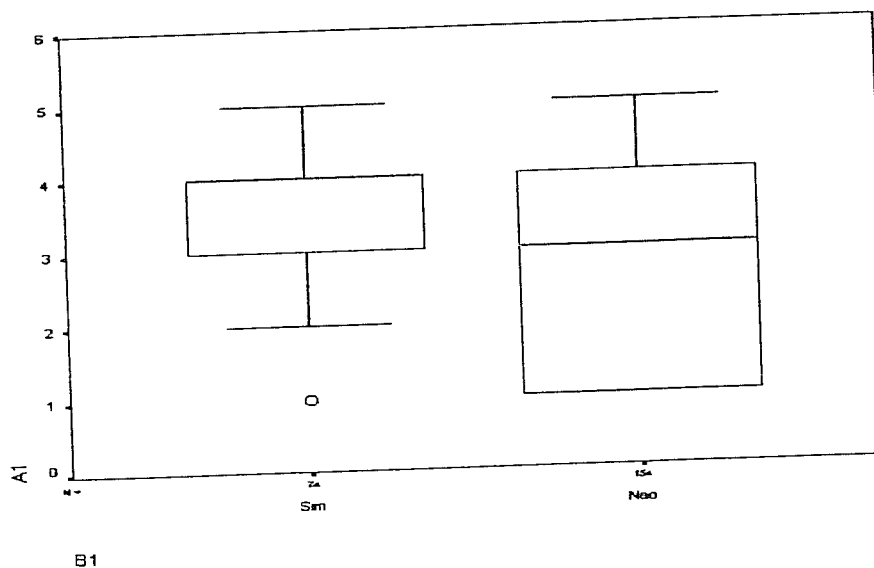
De forma inversa, os delitos menos frequentes entre a população inquirida e de acordo com o citado, são por ordem decrescente de incidência, o **roubo da residência (quando nela se encontram pessoas)** referido por 3,9% dos inquiridos, o **roubo na rua durante a noite (sem se aperceber do facto)** mencionado apenas por 1,7% e, por último, ter **sofrido abusos sexuais**, relatado por 1,3% dos sujeitos (ver figura 29).

#### 4.8. Cruzamento da Probabilidade com a Experiência

Quando se pretende analisar de que forma a **experiência** de se ter sido vítima de cada um dos delitos apresentados afecta a **avaliação da probabilidade** de se ser vitimado, e tendo em conta que as questões propostas para avaliar a probabilidade permitiam cinco tipos diferentes de resposta: probabilidade “Muito baixa” (1); “Baixa”(2); “Média”(3); “Alta”(4) ou “Muito alta”(5), verifica-se o seguinte:

- **74 indivíduos** tiveram a experiência de lhes “**assaltarem o carro, roubando objectos no seu interior**”. Verificando-se que a mediana da probabilidade é mais elevada para as pessoas que tiveram experiência no crime do que para os que não tiveram (mediana = probabilidade “Alta” e “Média”, respectivamente) - ver gráfico 2.

A distribuição de opiniões, entre os indivíduos que experimentaram este crime e os que não experimentaram, mostrou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,0001$ ). Verifica-se ainda a existência de um indivíduo (“outlier”), que apesar de ter experiência neste tipo de crime, estimou a probabilidade de este lhe ocorrer como “muito baixa”, sendo esta considerada um observação fora do normal;



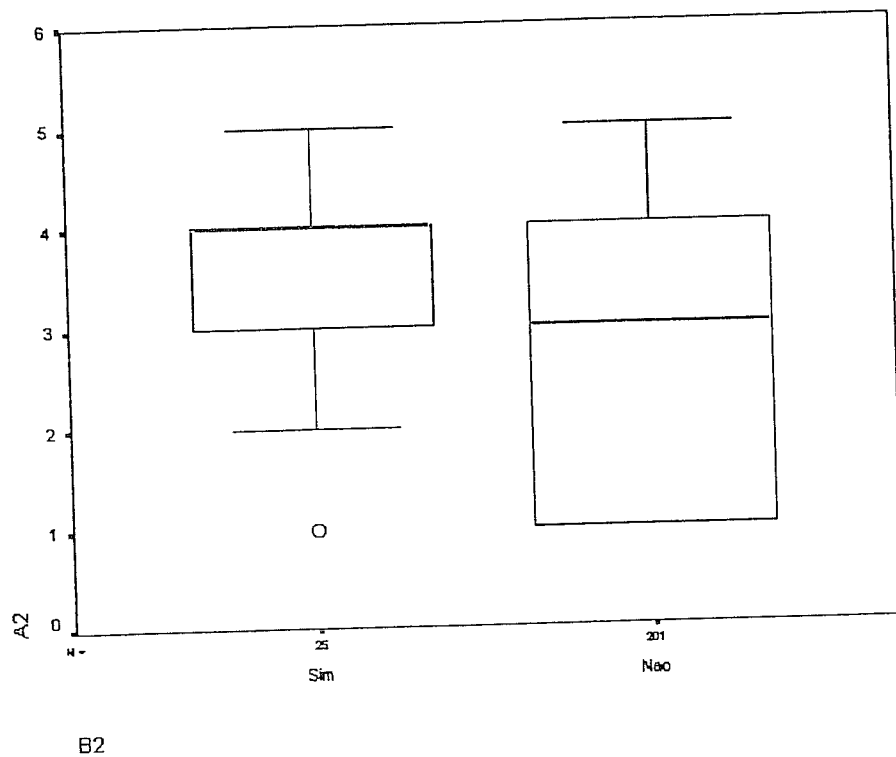
**Gráfico 2: Probabilidade (A1) vs. Experiência (A2): “Assaltarem o carro roubando objectos do seu interior”**

1 – Probabilidade “Muito Baixa”  
 2 – Probabilidade “Baixa”  
 3 – Probabilidade “Média”

4 – Probabilidade “Alta”  
 5 – Probabilidade “Muito alta”

- verifica-se que 25 inquiridos foram vítimas do crime “roubo do carro”. Observando-se que a mediana da probabilidade é mais elevada para os sujeitos que foram vitimados do que para os que não foram (mediana = probabilidade “Alta” e “Média”, respectivamente) - ver gráfico 3.

A distribuição de opiniões, entre os sujeitos que foram vitimados e os que não foram, apresentou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,006$ ). Existindo uma observação fora do normal (“outlier”) no grupo dos indivíduos vitimados, que estimou esta probabilidade como “muito baixa”;

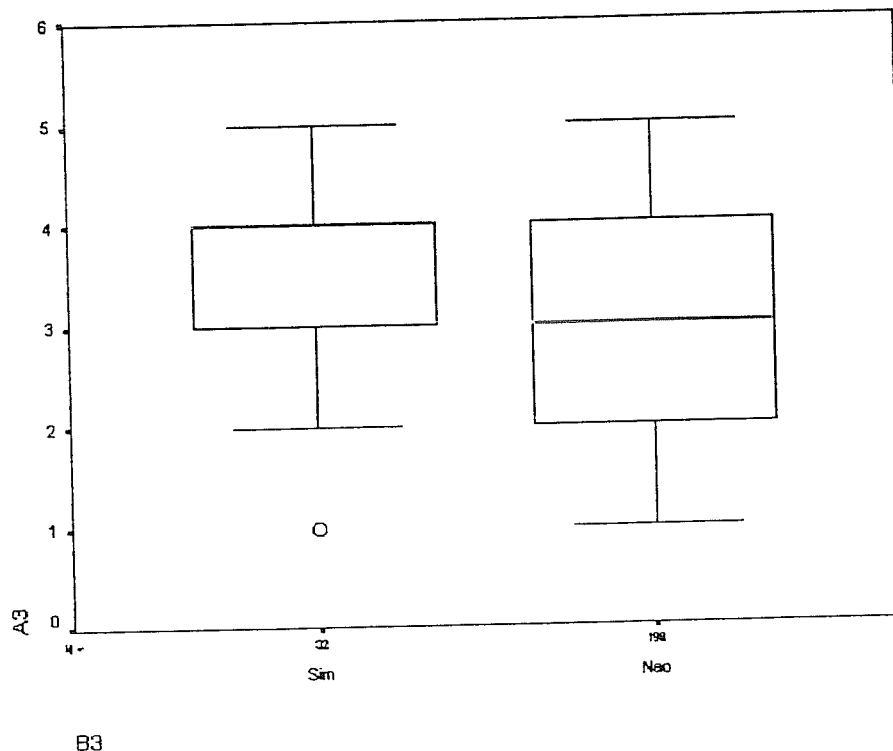


**Gráfico 3: Probabilidade (A2) vs. Experiência (B2: “roubo do carro”)**

- |                                 |                                |
|---------------------------------|--------------------------------|
| 1 – Probabilidade “Muito Baixa” | 4 – Probabilidade “Alta”       |
| 2 – Probabilidade “Baixa”       | 5 – Probabilidade “Muito alta” |
| 3 – Probabilidade “Média”       |                                |

- “Assaltarem-lhe a casa quando esta se encontra desocupada” é um delito que já aconteceu a 32 dos entrevistados. Verificando-se que a mediana da probabilidade estimada pelas pessoas é mais elevada no grupo dos entrevistados que já experimentou este tipo de crime (mediana = probabilidade “Alta”) do para o grupo que nunca foi vítima deste tipo de delito (mediana = probabilidade “Média”) – ver gráfico 4.

A distribuição de opiniões entre os dois grupos (o que foi vitimado e o que não foi) apontou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,006$ ), existindo no grupo dos já vitimados uma observação “outlier”, que estimou esta probabilidade como “Muito baixa”;

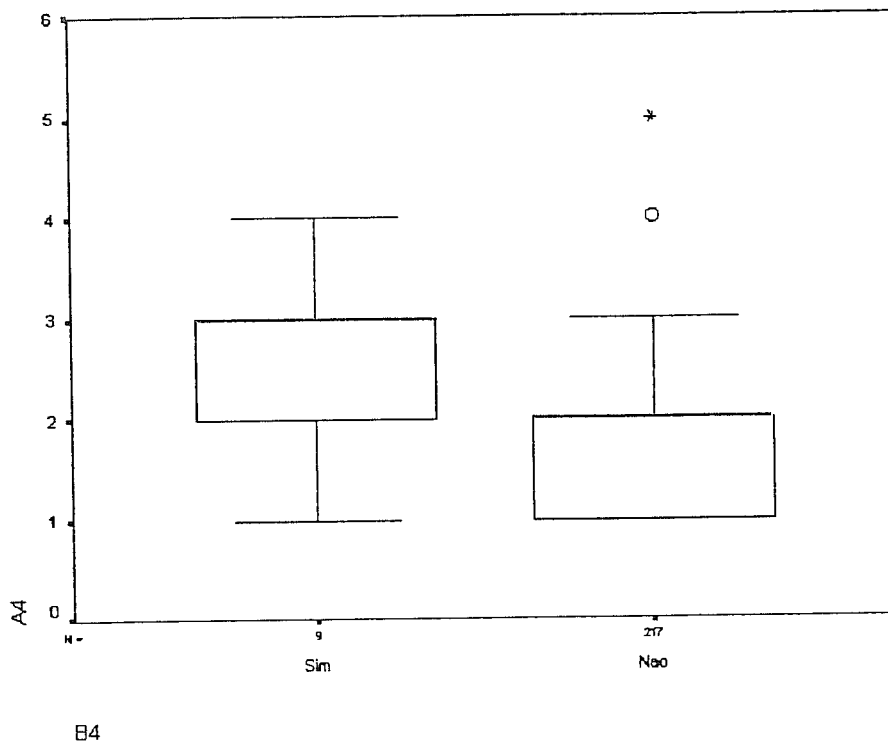


**Gráfico 4: Probabilidade (A3) vs. Experiência (B3): “Assaltarem a casa quando esta se encontra desocupada”**

- |                                 |                                |
|---------------------------------|--------------------------------|
| 1 – Probabilidade “Muito Baixa” | 4 – Probabilidade “Alta”       |
| 2 – Probabilidade “Baixa”       | 5 – Probabilidade “Muito alta” |
| 3 – Probabilidade “Média”       |                                |

- “Assaltarem a residência quando nela se encontram pessoas” é um crime que 9 pessoas afirmam ter-lhes acontecido. Verificando-se que a mediana da probabilidade é maior no grupo vitimado (mediana = probabilidade “Média”) do que no grupo não vitimado (mediana = probabilidade “Baixa”) – ver gráfico 5.

A distribuição de opiniões entre os dois grupos (vitimados vs. não vitimados) mostrou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,005$ ). Encontrando-se presente no grupo dos não vitimados duas observações “outliers”, que avaliaram esta probabilidade como “Alta” e “Muito alta”;

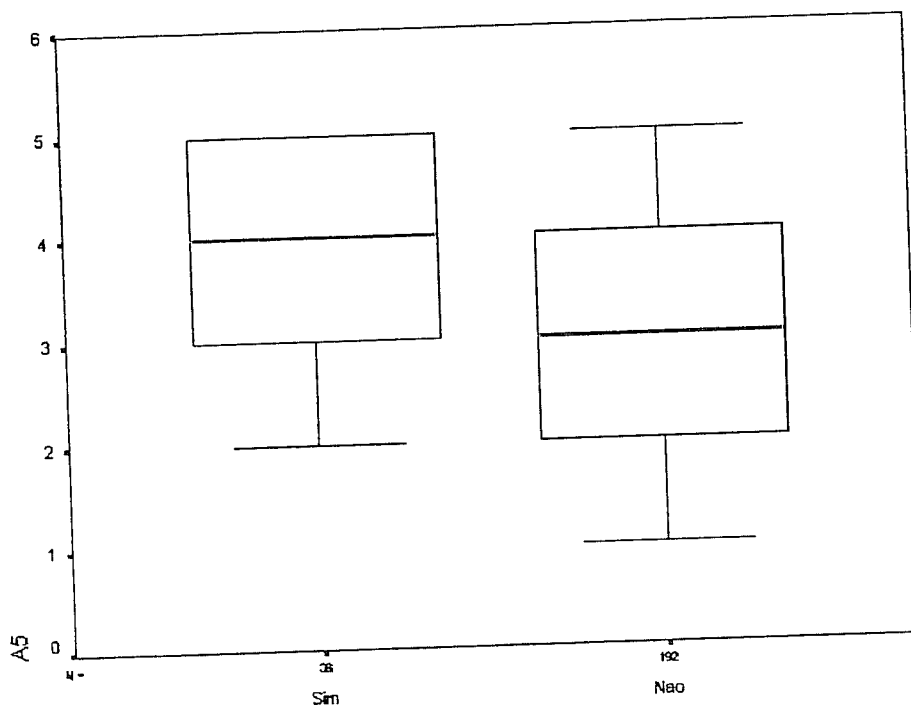


**Gráfico 5: Probabilidade (A4) vs. Experiência (B4): “Assaltarem a residência quando nela se encontram pessoas”**

1 – Probabilidade “Muito Baixa”	4 – Probabilidade “Alta”
2 – Probabilidade “Baixa”	5 – Probabilidade “Muito alta”
3 – Probabilidade “Média”	

- “Ser assaltado na rua, durante o período diurno, tendo contacto com o agressor” é um crime que aconteceu a 36 inquiridos. Observando-se que a mediana da probabilidade é mais elevada para o grupo dos vitimados (mediana = probabilidade “Alta”) do que para o grupo dos não vitimados (mediana = probabilidade “Média”) – ver gráfico 6.

A distribuição de opiniões nestes dois grupos, grupo vitimado e grupo não vitimado, apresentou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,0006$ );



B5

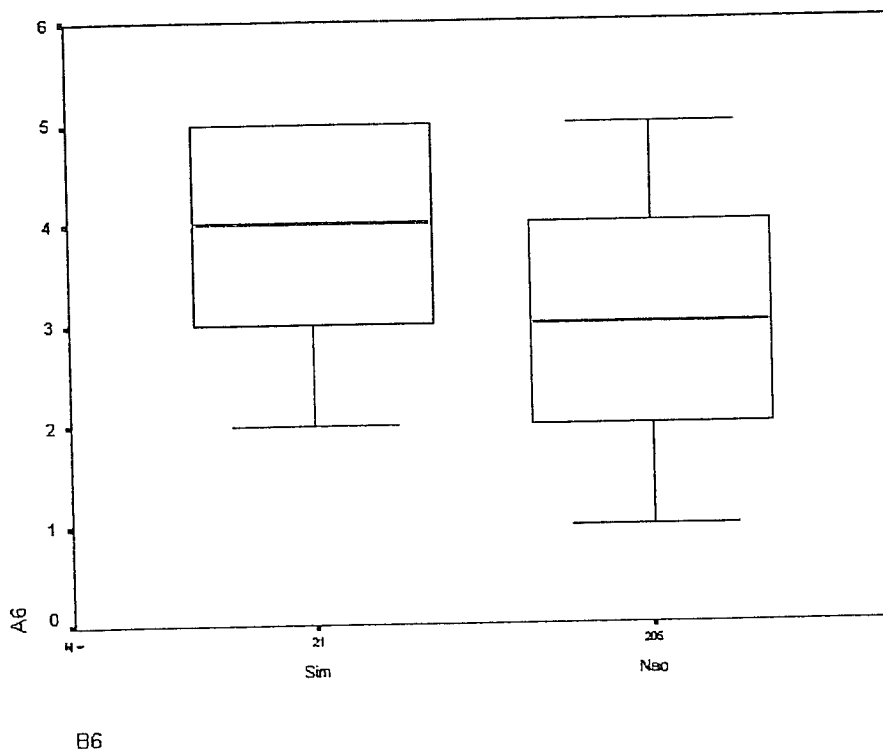
**Gráfico 6: Probabilidade (A5) vs. Experiência (B5): “Ser assaltado na rua, durante o período diurno, tendo contacto com o agressor”**

1 – Probabilidade “Muito Baixa”  
 2 – Probabilidade “Baixa”  
 3 – Probabilidade “Média”

4 – Probabilidade “Alta”  
 5 – Probabilidade “Muito alta”

- “Ser assaltado na rua, durante o período nocturno, tendo contacto com o agressor” é um delito que 21 pessoas afirma ter-lhes acontecido. Verificando-se que a mediana da probabilidade é mais elevada para as pessoas que tiveram experiência no crime do que para os que não tiveram (mediana = probabilidade “Alta” e “Média”, respectivamente) - ver gráfico 7.

A distribuição de opiniões entre os dois grupos, os que experimentaram este tipo de crime e os que não experimentaram, apresentou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,001$ );



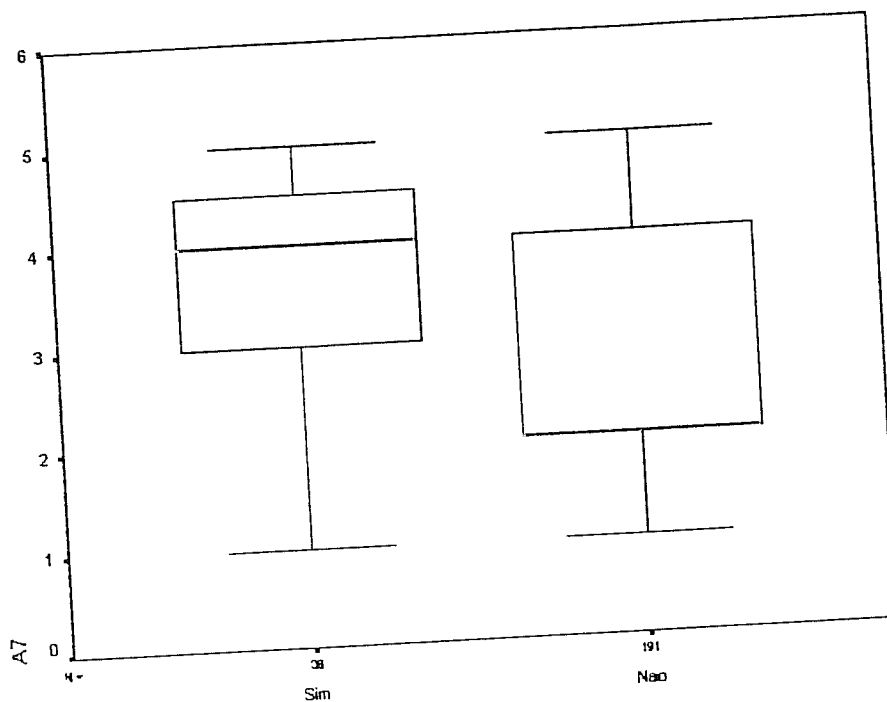
**Gráfico 7: Probabilidade (A6) vs. Experiência (B6): “Ser assaltado na rua, durante o período nocturno, tendo contacto com o agressor”**

1 – Probabilidade “Muito Baixa”  
 2 – Probabilidade “Baixa”  
 3 – Probabilidade “Média”

4 – Probabilidade “Alta”  
 5 – Probabilidade “Muito alta”

- Verifica-se que **36 inquiridos** foram vítimas do crime “roubo na rua, durante o período diurno, não se apercebendo do facto”. Observando-se que a mediana da probabilidade é mais elevada para os sujeitos que foram vitimados (mediana = probabilidade “Alta”) do que para os que não foram (mediana = probabilidade “Baixa”) - ver gráfico 8.

A distribuição de opiniões nestes dois grupos, grupo vitimado e grupo não vitimado, mostrou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,0006$ );



B7

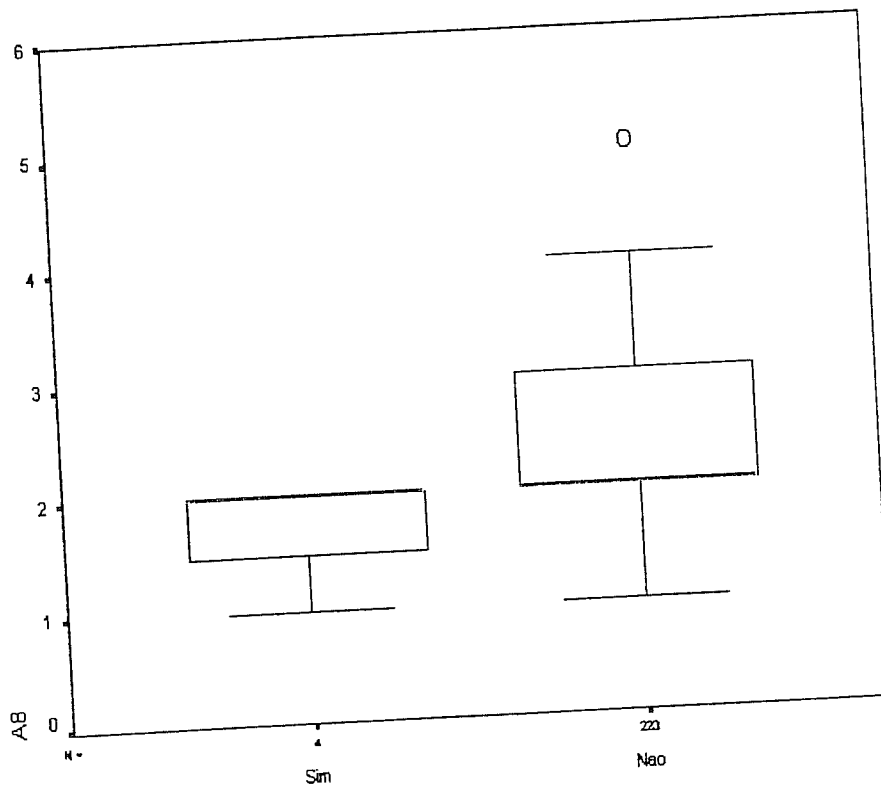
Gráfico 8: Probabilidade (A7) vs. Experiência (B7): “roubo na rua, durante o período diurno, não se apercebendo do facto”

1 – Probabilidade “Muito Baixa”  
 2 – Probabilidade “Baixa”  
 3 – Probabilidade “Média”

4 – Probabilidade “Alta”  
 5 – Probabilidade “Muito alta”

- Relativamente ao crime “ser roubado na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto”, 4 inquiridos afirmam ter vítimas. Observando-se que a mediana da probabilidade é igual entre os dois grupos, vitimados e não vitimados (mediana = probabilidade “Baixa”) – ver gráfico 9.

A distribuição de opiniões nestes dois grupos, grupo vitimado e grupo não vitimado, não apresentou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,282$ ). Existindo contudo uma observação “outlier” no grupo dos não vitimados, que estimou esta probabilidade como “Muito alta”.



BB

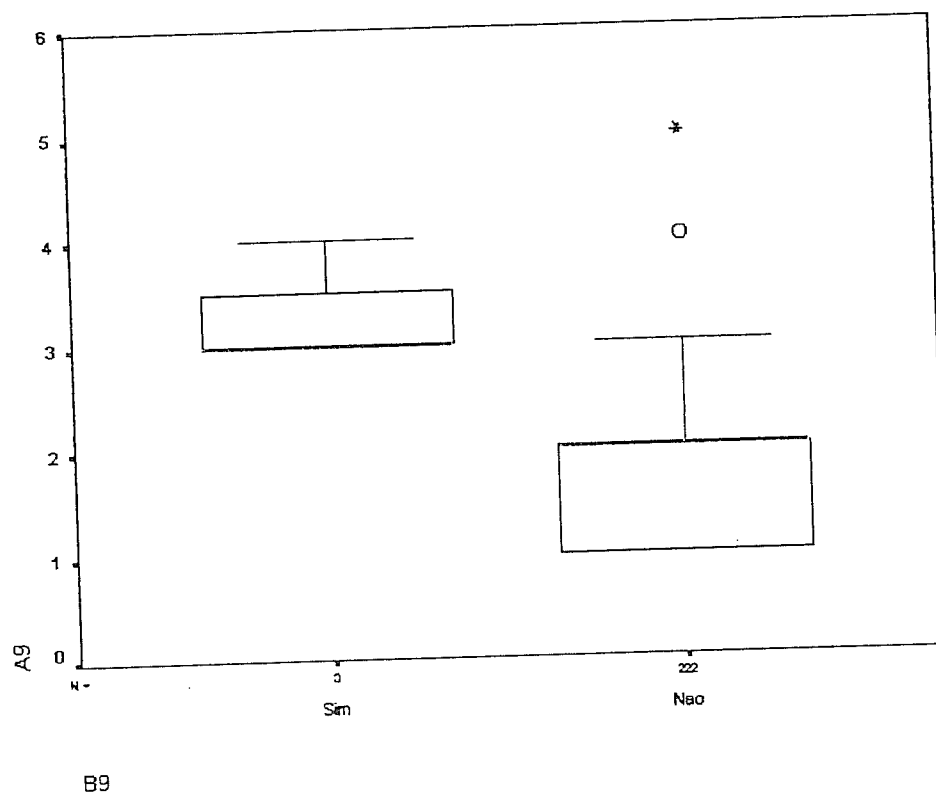
Gráfico 9: Probabilidade (A8) vs. Experiência (B8): “Ser roubado na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto”

1 – Probabilidade “Muito Baixa”  
 2 – Probabilidade “Baixa”  
 3 – Probabilidade “Média”

4 – Probabilidade “Alta”  
 5 – Probabilidade “Muito alta”

- “Sofrer abusos sexuais” é um crime que 3 pessoas afirmam ter-lhes acontecido. Verificando-se que a mediana da probabilidade estimada pelas pessoas é mais elevada no grupo dos entrevistados que já sofreu este crime (mediana = probabilidade “Média”) do para o grupo que nunca foi vítima deste tipo de crime (mediana = probabilidade “Baixa”) – ver gráfico 10.

A distribuição de opiniões entre os dois grupos (o que foi vitimado e o que não foi) apontou diferenças estatisticamente significativas (Teste de Mann-Whitney,  $p = 0,015$ ), existindo no grupo dos não vitimados duas observações outlier”, que estimaram esta probabilidade como “Alta” e “Muito alta”;



**Gráfico 10: Probabilidade (A9) vs. Experiência (B9) “Sofrer abusos sexuais”**

1 – Probabilidade “Muito Baixa”  
 2 – Probabilidade “Baixa”  
 3 – Probabilidade “Média”

4 – Probabilidade “Alta”  
 5 – Probabilidade “Muito alta”

Da análise efectuada aos resultados obtidos sobre a forma como é avaliada pelas pessoas a probabilidade de virem a ser vitimadas, em função da sua própria experiência de vitimação, verifica-se que em geral existem diferenças na avaliação da probabilidade entre as pessoas já vitimadas e as pessoas não vitimadas. Verificando-se que quem experimentou os crimes atribui uma probabilidade mais

elevada de vir a ser vítima do que quem nunca experimentou. No entanto, o crime “ser roubado na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto”, constitui uma excepção, na medida em que a probabilidade de vitimação pessoal estimada pelos sujeitos é igual entre os dois grupos (vitimados e não vitimados).

## CAPÍTULO 5

### DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A literatura concernente à abordagem do fenómeno do crime tem mostrado que existem diferentes perspectivas de abordagem do conceito. Tendo em consideração a dificuldade que existe em conhecer a verdadeira realidade criminal e tendo em conta a relatividade do próprio conceito, mas sabendo que se trata de um fenómeno social sobretudo urbano, parece não ser difícil perceber que o modo como é percebida a realidade criminal emerge de um variado leque de factores e de formas de posicionamento das pessoas face aos acontecimentos sociais em sentido lato e à criminalidade em sentido estrito.

Assim, este estudo com o propósito de investigar a criminalidade através de uma abordagem subjectiva do fenómeno, tem como objectivo geral a caracterização e a descrição subjectivas dos perfis da vítima e do criminoso, dos motivos subjacentes e dos tempos de ocorrência dos crimes de roubo, furto, violação e homicídio, por pessoas que utilizam a cidade de Lisboa como espaço de trabalho ou de residência.

Desta forma, pretende-se saber de que modo as potenciais vítimas percebem a criminalidade num cenário ambiental que constitui o seu quotidiano.

Neste trabalho, o estudo da criminalidade encontra-se circunscrito à análise de sete tipos diferentes de crime, designadamente furto na rua, furto de objectos do interior do carro, furto de objectos em casa, roubo na rua, roubo em casa, violação e homicídio.

O instrumento de recolha de informação foi construído para permitir investigar como é que as pessoas, de ambos os sexos, idades e níveis educacionais distintos, percebem a criminalidade, assim, é composto por três secções distintas, nomeadamente, as questões demográficas, os cenários representativos dos crimes e a experiência pessoal de vitimação vs. probabilidade de vitimação.

Como já foi referido, este trabalho foi elaborado no âmbito do projecto “Representações Sociais e Padrões de Distribuição da Criminalidade em Meio Urbano”. O objectivo deste projecto é o de proceder à caracterização dos padrões de distribuição espacial e temporal de crimes ocorridos na cidade de Lisboa, o de estudar as representações sociais da criminalidade e o de analisar a dimensão subjectiva e objectiva deste fenómeno.

A presente abordagem, debruçando-se sobre o estudo da dimensão subjectiva da criminalidade, tem como amostra de estudo um conjunto de 235 pessoas. É formada por sujeitos de ambos os sexos, com idade superior a 20 anos, distribuídos de acordo com três níveis etários distintos: idade menor ou igual a 35 anos; idade entre os 36 e os 54 anos inclusivamente; e idade igual ou superior a 55 anos. Contemplando dois grupos distintos em termos de habilitações literárias: pessoas com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano e pessoas com formação igual ou superior ao 12º ano.

O procedimento básico foi o de obter junto de cada inquirido, de acordo com o conteúdo da grelha de análise, uma descrição de cada um dos sete cenários de crime apresentados. Sendo por último aplicado o questionário que permitia indagar sobre a experiência de vitimação de cada sujeito e acerca da probabilidade pessoal de vitimação estimada. Os inquiridos eram ainda instigados a pronunciarem-se acerca das causas do crime em termos gerais bem como sobre que medidas tomar com vista à redução da criminalidade.

Os resultados mais relevantes deste estudo serão agora apresentados e discutidos com referência à investigação teórica efectuada. Apresentando-se de seguida as conclusões, uma consideração acerca das limitações do estudo, identificação das suas implicações e sugestões para investigações futuras.

### 5.1. Perfil do Criminoso

Os resultados obtidos no que respeita ao perfil do criminoso, mostram que para todos os tipos de crime apresentados, as pessoas consideram que este é do **sexo masculino**. Atribuindo a possibilidade de pertença ao sexo feminino apenas no caso do roubo em casa e do furto de objectos em casa.

Relativamente à idade, nota-se uma tendência por parte da maioria dos inquiridos em atribuir ao criminoso, na maioria dos tipos de crime apresentados, a **idade jovem**. Sendo referida a idade adulta, no caso do crime de violação, em exclusivo, e no caso dos crimes de homicídio e de roubo em casa, pela maioria das pessoas. A idade jovem atribuída ao criminoso pela maioria das pessoas, vai de encontro aos resultados obtidos em estudos anteriores (e.g. Lahosa, 1989) em que os jovens como grupo etário que mais utiliza a cidade e maior uso faz de drogas, surge como principal grupo associado à insegurança urbana, uma vez que esta surge fortemente associada à droga.

No que respeita ao aspecto ou **aparência do criminoso** os sujeitos consideram em todos os cenários, que esta característica é **indiferente**, ou seja, pouco importante para a descrição do agressor. Em simultâneo com esta resposta é também atribuído ao criminoso o aspecto descuidado nos casos de roubo por esticção, furto de objectos no interior do carro e roubo na rua com objecto agressivo. O roubo em casa surge como único crime em que é também admitida ao criminoso a possibilidade de possuir uma aparência cuidada.

Sendo o aspecto descuidado atribuído ao criminoso pela maioria das pessoas apenas em dois dos crimes apresentados (roubo por esticção e roubo na rua com objecto agressivo), os resultados obtidos no que respeita ao seu perfil parecem ser reveladores de que para os cenários de crime em estudo, os inquiridos não possuem, em geral, um tipo preestabelecido no que respeita à aparência de cada um dos agressores em causa.

Quanto à **condição perante a profissão** os resultados mostram que os inquiridos atribuem ao criminoso, na maioria dos crimes apresentados, o estado de **desempregado voluntário**, à excepção dos crimes de violação e de homicídio nos quais é admitida a possibilidade do criminoso estar no activo. Estes resultados mostram ser apenas nos casos de crimes implicam uma intenção de subtracção dos bens a alguém, que é atribuída ao criminoso a situação de se encontrar sem trabalho por sua própria vontade. Surgindo a violação e o homicídio, neste âmbito, crimes tratados pelas pessoas de forma distinta dos anteriores.

Os resultados relativos ao **grupo étnico** de pertença de cada um dos criminosos não demonstraram existir qualquer tipo de discriminação a este nível por parte das pessoas inquiridas, dado que para todos os cenários em estudo as opiniões obtidas foram ou no sentido de considerar o criminoso como elemento pertencente à **maioria étnica** ou como sendo esta uma característica **indiferente** na descrição do agressor.

## 5.2. Motivos Subjacentes a cada um dos Crimes

No que concerne aos **motivos que conduziram à prática de cada um dos crimes**, verifica-se ser a **droga** o principal motivo referido pelos inquiridos em todos os cenários, à excepção dos crimes de violação e homicídio. Para os crimes de roubo por esticção, furto de objectos no interior do carro e roubo na rua com objecto

agressivo, surge em segundo lugar o motivo drogas associado a subsistência (dificuldades económicas). Verificando-se que nos casos de furto de objectos em casa e roubo em casa, a segunda causa mais relatada aparece como um complemento de vida ou exclusivamente como um modo de vida. Assim, surgindo a droga como principal motivo referido pelas pessoas na maioria dos crimes apresentados, os resultados parecem enquadrar-se na linha das considerações tecidas por diversos autores (e.g. Fernandes, 1994) as quais apontam a toxicoddependência como uma das principais causas de delinquência nas cidades, imagem fortemente divulgada através dos meios de comunicação social. Ainda ao nível dos motivos atribuídos pelos inquiridos, os crimes de violação e homicídio constituem excepção relativamente aos restantes, na medida em que as causas subjacentes são distintas. Assim, no crime de violação o principal motivo referido considera que o criminoso actua desta forma por sofrer de perturbações mentais enquanto que no caso de homicídio, as principais causas atribuídas surgem, ou associadas ao crime de violação ou roubo, como consequência de uma suposta resistência da vítima, ou como vingança, no caso de associação a um crime passional.

### 5.3. Perfil da Vítima

Quanto ao perfil da vítima, verifica-se que na maioria dos cenários, as pessoas referem na sua maioria que a vítima pertence ao **sexo feminino**. O que vai de encontro aos resultados encontrados por alguns trabalhos ( e.g. Zuberger, 1985) que têm mostrado ser as mulheres que tendem a ser consideradas como principais vítimas na medida em que são elas que se sentem mais inseguras. No entanto esta percepção de que as vítimas são sobretudo mulheres não vai no sentido dos factos, na medida em que o que se verifica é que são muito mais vitimados os homens do que as mulheres (e.g. Fattah, 1993; Trepanier, 1996; Esteves, 1999).

Observam-se contudo, nos casos de furto de objectos no interior do carro e homicídio, algumas referências em que a vítima é associada em exclusivo ao sexo masculino. O roubo por esticção assim como a violação são os crimes em que mais fortemente é atribuído à vítima o sexo feminino.

Relativamente à **idade**, a maioria das respostas na maioria dos cenários revela que a idade da vítima é **indiferente**, isto é, que a vítima pode pertencer a qualquer escalão etário. Estes resultados não se ajustam nem aos resultados obtidos noutros estudos (e.g. Zuberger, 1985) que têm revelado uma tendência em atribuir à vítima a idade idosa nem aos factos revelados pela investigação (e.g. Trepanier, 1996; Lahosa, 1989) que mostram que são muito mais vitimados os jovens do que os adultos.

A idade jovem apenas é atribuída à vítima de abusos sexuais/ violação.

A atribuição da idade idosa à vítima apesar de ser referida pelos inquiridos apenas no caso dos crimes de roubo por esticção e de roubo em casa, vem no sentido da designação de “vítimas domésticas” que Jones (1987) atribui às vítimas idosas, na medida em que é em geral nas suas próprias casas que os idosos são vitimados, com excepção dos “carteiristas” que actuam sobre estas vítimas, habitualmente na rua ou em lugares públicos.

Quanto ao **aspecto ou aparência** da vítima a maioria das respostas na maioria dos cenários revela que os inquiridos consideram que ao aspecto é **indiferente** para a caracterização da potencial vítima nos diferentes tipos de crime. Contudo, ostentar valores ou apresentar sinais exteriores de riqueza, são, segundo alguns dos inquiridos, condições para se ser uma vítima potencial dos crimes roubo por esticção e roubo na rua com objecto agressivo. O crime de abusos sexuais/ violação constitui o único crime em que alguns inquiridos atribuem à vítima o aspecto provocante.

Os resultados relativos ao **grupo étnico** de pertença de cada uma das vítimas não demonstraram existir qualquer tipo de discriminação a este nível por parte dos inquiridos, dado que para todos os cenários em estudo as opiniões obtidas foram ou no sentido de considerar a vítima como elemento pertencente à **maioria étnica** ou como sendo esta uma característica **indiferente** na sua descrição.

No que concerne à **condição perante o trabalho**, a opinião dos inquiridos, em geral, revela uma tendência para considerar que a vítima se encontra no **activo** ou que esta condição **não é um factor relevante** para a descrição da vítima dos cenários apresentados. Nos crimes de roubo em casa e de abusos sexuais/ violação verificam-se algumas opiniões no sentido de considerar que a vítima ou é doméstica ou é estudante, respectivamente.

Atendendo aos resultados encontrados no que concerne ao perfil da vítima, o **crime de violação** parece constituir uma excepção quando comparado com os restantes crimes, sobretudo no que se respeita à idade, condição perante o trabalho e aspecto ou aparência da vítima. Assim, observa-se que este crime é o único em que é atribuída à vítima a idade **jovem**, o estatuto de **estudante** e o aspecto **provocante**. Se por um lado estes resultados vão ao encontro dos resultados obtidos noutros trabalhos (e.g. Inocêncio, 1996) que puseram evidência a crença de que a vítima de violação é uma mulher jovem, atraente e que se veste de forma provocante. Por outro lado, os resultados encontrados contrariam os factos revelados pela investigação (e.g. Rocha e Vieira, 1990) na medida em que a idade das vítimas deste tipo de crime varia entre os 6 meses de idade os 90 anos, assim como também parece não existir influência entre o facto da vítima ser atraente e a sua tendência para ser vista como vítima potencial.

#### 5.4. Quando Aconteceram os Crimes

Relativamente à altura do dia em que ocorreram os crimes verifica-se que as pessoas consideram que existem crimes que ocorrem sobretudo **durante a noite**, nomeadamente furto de objectos no interior do carro, violação e homicídio, e crimes que ocorrem principalmente **durante o dia** designadamente roubo por esticção, furto de objectos em casa, roubo na rua com objecto agressivo e roubo em casa.

#### 5.5. Diferenças na Percepção dos Diferentes Tipos de Crime em Função da Idade dos Inquiridos

Relativamente à análise efectuada para os diferentes tipos de crime em função da idade dos inquiridos, verifica-se existirem diferenças de percepção entre os sujeitos dos diferentes grupos etários considerados na amostra em estudo.

Assim, no caso de *roubo por esticção*, e apesar da análise mostrar que para a maioria dos inquiridos de todas as faixas etárias, o agressor é jovem, verifica-se que se por um lado, são as pessoas mais velhas que referem mais que o agressor é jovem, por outro, são os mais jovens que mais referem que o agressor é adulto.

Relativamente ao crime de *furto de objectos no interior do carro*, verifica-se existirem também diferenças entre os diversos grupos etários considerados no que respeita à percepção da idade da vítima, assim, embora a maioria das pessoas considere que a vítima é adulta ou que pode pertencer a qualquer escalão etário, observa-se que são os mais jovens ( $\leq 35$  anos) que mais acham que a vítima desta situação é jovem, são os adultos (36-54 anos) que mais acham que a vítima desta situação é um adulto e são os mais idosos ( $\geq 55$  anos) que mais referem que a idade da vítima deste tipo de crime é indiferente.

Também no caso de *furto de objectos em casa* se verifica existirem diferenças de resposta entre as diferentes idades dos inquiridos. Apesar da maioria das respostas relativas à idade do agressor do furto em casa se concentrar na idade jovem e adulta, verifica-se que **são as pessoas mais velhas as que mais acham que o criminoso é jovem e são os mais jovens que mais consideram que o criminoso é adulto.**

No que respeita ao *roubo em casa*, a opinião da maioria dos sujeitos revela que a vítima deste crime pertence ao sexo feminino, contudo, verifica-se **quanto mais jovens são os sujeitos mais consideram que a vítima pertence ao sexo feminino e que com o aumento da idade aumenta também a opinião de que a vítima pode pertencer a qualquer dos sexos.**

Tendo em conta as diferenças encontradas na avaliação da idade do criminoso em função da idade dos inquiridos verifica-se que os sujeitos tendem a afastar a hipótese de que o criminoso pertence a um grupo etário semelhante ao seu. Isto é tendem a afastar a possibilidade de pertencerem ao mesmo grupo etário do criminoso. No que respeita à avaliação da idade da vítima em função da idade dos sujeitos observa-se o contrário, ou seja, que os sujeitos tendem a considerar que a vítima pertence a um grupo etário idêntico ao seu, isto é tendem a aproximar-se da vítima em termos de idade.

#### 5.6. Diferenças na Percepção dos Diferentes Tipos de Crime em Função do Sexo dos Inquiridos

Relativamente à análise efectuada para os diferentes tipos de crime em função do sexo dos sujeitos, verifica-se existirem diferenças de percepção entre os sujeitos do sexo feminino e os sujeitos do sexo masculino.

Embora a maioria dos inquiridos refira que o agressor do *roubo por esticção* é um jovem. Verifica-se que são mais as mulheres do que os homens a considerar que o agressor pode ser um adulto e que são mais os homens do que as mulheres a referir que a idade é factor indiferente para a descrição do agressor. Também no que respeita à vítima do roubo por esticção, e apesar da maioria das pessoas achar que a vítima pertence ao sexo feminino, a análise realizada revela que são mais as mulheres do que os homens a considerar que a vítima é do sexo feminino e os homens mais do que as mulheres a declarar que a vítima é do sexo masculino. Quanto à aparência da vítima, os homens referem mais do que as mulheres que a vítima desta situação tem um aspecto cuidado e as mulheres, por seu lado, consideram mais do que os homens que a vítima tem um aspecto indefeso.

No caso do *furto de objectos no interior do carro* verifica-se que são mais os homens do que as mulheres a considerarem que esta situação acontece mais durante o período nocturno.

No que respeita ao crime de *violação*, os homens consideram mais do que as mulheres que a vítima pertence ao sexo feminino e as mulheres referem mais do que os homens que a vítima é um homem.

De uma forma geral, e à excepção do crime de *violação*, percebe-se mais uma vez que existe por parte dos inquiridos, por um lado, uma tendência para se reverem na vítima, por outro, uma tendência a afastarem a hipótese de se parecerem com o criminoso.

### 5.7. Diferenças na Percepção dos Diferentes Tipos de Crime em Função das Habilitações Literárias dos Inquiridos

Relativamente à análise efectuada para os diferentes tipos de crime em função das habilitações literárias dos sujeitos, verifica-se existirem diferenças de percepção entre os sujeitos com diferentes habilitações literárias.

No que respeita ao crime de violação, e apesar da maioria das respostas relativas à idade da vítima apontar sobretudo a idade jovem, verifica-se que as pessoas com menos habilitações literárias ( $\leq 9^{\circ}$  ano de escolaridade) atribuem mais a idade jovem à vítima do que as pessoas com mais habilitações literárias ( $\geq 12^{\circ}$  ano de escolaridade). Sendo estas últimas as que mais referem que a vítima pode pertencer a qualquer escalão etário.

No caso do homicídio, embora o sexo atribuído à vítima seja principalmente o feminino, observa-se que as pessoas com menos habilitações literárias ( $\leq 9^{\circ}$  ano) são as que mais referem que a vítima é mulher, sendo as que possuem habilitações literárias mais elevadas ( $\geq 12^{\circ}$  ano) as que consideram mais que a vítima é homem ou que pertence a qualquer dos sexos.

Os resultados deste trabalho no âmbito da análise da percepção das pessoas de acordo com as diferentes categorias das características socio-demográficas da população em estudo (idade; sexo e habilitações literárias), revelaram existir diferenças de percepção em alguns dos cenários de crime apresentados, entre homens e mulheres, entre sujeitos de diferentes grupos etários e entre sujeitos com diferentes níveis de habilitações literárias.

Estes resultados, de acordo com o que se poderia esperar, parecem enquadrar-se nos resultados obtidos ou em considerações feitas por diferentes autores. Assim, como refere Vala (1993) a diversidade existente na sociedade entre as pessoas pode

conduzir à construção de diferentes representações sociais relativamente a um mesmo objecto. Para Moscovici (1961), no âmbito das funções das representações sociais, a singularidade de cada grupo social contribui para a singularidade das respectivas representações assim como a singularidade das respectivas representações promove a diferenciação desses grupos. Também recorrendo às funções sociais que os estereótipos desempenham para um determinado grupo (e.g. Tajfel, 1982), podemos encontrar algum paralelo com resultados encontrados. Relativamente às diferenças encontradas neste estudo no que se refere à percepção das pessoas de acordo com as diferentes categorias das características socio-demográficas (idade; sexo e habilitações literárias) os resultados obtidos vão no sentido dos resultados de alguns estudos feitos no âmbito da percepção da (in)segurança relativamente ao crime em meio urbano, os quais mostraram existir diferenças de percepção entre homens e mulheres (e.g. Loewen, Steel e Suedefeld, 1993), entre diferentes grupos etários (e.g. Carvalho, 1991) e entre diferentes habilitações literárias (e.g. Anselmo, 1994).

#### 5.8. Causas do Crime em Geral

Os resultados relativos às causas responsáveis, em geral, pela existência de crime, mostram como principais causas as **dificuldades económicas**, a **toxicodependência**, a **falência do sistema familiar**, as **falhas do aparelho judicial** e a **dinâmica inerente à vivência urbana**. Estes resultados mostram que apesar da toxicodependência não surgir como principal causa referida, tal como se poderia esperar de acordo com o que habitualmente é divulgado através dos órgãos de comunicação social e que no entender de Fernandes (1994) é uma das principais causas de delinquência nas cidades, é referida como segunda principal causa, sendo indicada como primeira causa para existência do crime em meio urbano as dificuldades económicas.

### 5.9. Medidas Sugeridas para Minorar a Criminalidade

No que concerne à medidas que devem ser tomadas para minorar a criminalidade que existe, são referidas pelas pessoas, por ordem decrescente de importância as seguintes: melhorar as condições ao nível da **vida económica**, renovar o **aparelho judicial**, melhorar os níveis de **educação e formação**, o **combate ao tráfico de drogas** constitui a quarta medida mais referida. Sendo ainda sugeridas embora com menor frequência, uma **melhor iluminação das ruas**, a **despenalização do consumo de drogas**, e a **restrição da entrada de imigrantes**. Estes resultados, apesar de apontarem algumas medidas semelhantes às encontradas noutros trabalhos, tais como melhor iluminação das ruas (e.g. Esteves, 1999), acrescentam outras atribuindo-lhes graus de importância diferentes.

### 5.10. Avaliação da Probabilidade de se ser Vitimado em Função da Experiência de se ter sido Vítima

No que respeita à forma como é avaliada pelas pessoas a probabilidade de virem a ser vitimadas em função da sua própria experiência de vitimação, **observam-se diferenças entre as pessoas já vitimadas e as pessoas não vitimadas**. Verificando-se, em geral, que **quem passou já por uma experiência de vitimação atribui uma probabilidade mais elevada de vir a ser vítima do que quem nunca passou por essa experiência**. Estes resultados, de acordo com o que se poderia esperar, ajustam-se aos resultados encontrados por Carvalho (1991) os quais mostraram que os indivíduos que tiveram já experiências de vitimação, são os que apresentam níveis de insegurança mais elevados.

### 5.11. Considerações Finais

No âmbito geral do trabalho e atendendo aos resultados obtidos, podemos concluir que estamos perante a representação dita social no sentido de Vala (1999) uma vez que a representação é entendida como tal, entre outros factores, quando ultrapassa o particular ou individual e se reporta a representações mais gerais comuns a diferentes indivíduos.

Assim e confirmando a hipótese de base deste estudo, apesar da pouca informação fornecida aos sujeitos acerca de cada um dos tipos de crime apresentados estes conseguem fazer a caracterização e a descrição dos perfis da vítima, do criminoso, dos motivos subjacentes e dos tempos de ocorrência para cada um desses crimes. Como refere Moscovici (1981) as representações sociais são o resultado do esforço que fazemos para tornar familiar o que nos é estranho.

Este trabalho permitiu ainda verificar que para além das representações gerais, comuns aos diferentes sujeitos da amostra, foi possível encontrar representações específicas, isto é, diferentes representações de acordo com as diferentes categorias das características socio-demográficas da população em estudo. No sentido de Moscovici (1961) as desigualdades existentes no plano social podem notar-se tanto ao nível das condições socio-económicas como ao nível dos sistemas de orientação, por exemplo, das normas, valores e atitudes.

Apesar dos resultados obtidos nos conduziram a pensar que estamos perante eventuais representações sociais relativas aos diferentes conteúdos inerentes aos cenários de crime apresentados, devemos tomar algumas precauções quanto à existência dessas mesmas representações na medida em que existem algumas limitações ao estudo que seria importante ter em consideração.

Neste sentido é importante tomar em linha de conta o procedimento adoptado neste trabalho. Por um lado, o facto dos cenários representativos dos diferentes crimes terem sido invariavelmente apresentados aos sujeitos pela mesma ordem pode ter influenciado algumas respostas, o que se tornou particularmente evidente no caso dos crimes de homicídio e de violação principalmente no que se refere aos motivos atribuídos no caso do crime de homicídio, que denotam que os sujeitos tomaram este como consequência do crime de violação, manifestando-se alguma contaminação de respostas entre estes dois cenários de crime.

Por outro lado, a própria metodologia utilizada na recolha de informação, talvez demasiado exaustiva ou exigente poderá ter suscitado algum cansaço nos inquiridos levando a que algumas pessoas pudessem não ter conseguido oferecer a disponibilidade necessária para responder adequadamente ao que lhes era pedido, sobretudo às questões em que lhes era exigido um grau considerável de imaginação e fantasia. O elevado número de crimes (sete) sujeitos a avaliação por parte dos sujeitos pode-lhes ter induzido igualmente algum cansaço.

Contudo, com o presente trabalho foi possível obter uma caracterização subjectiva dos perfis da vítima, do criminoso, dos motivos subjacentes e dos tempos de ocorrência dos crimes de roubo, furto, violação e homicídio. Tendo permitido ainda conhecer as causas e soluções atribuídas pelas pessoas à criminalidade em geral, bem como conhecer que relações existem entre a probabilidade e a experiência de vitimação por pessoas que habitualmente utilizam a cidade de Lisboa, possibilitando assim aumentar a informação sobre o modo como as potenciais vítimas percebem a criminalidade num cenário ambiental que constitui o seu quotidiano.

Julga-se que a abordagem subjectiva do crime apresentada neste trabalho possa de alguma forma contribuir para um conhecimento mais aprofundado do fenómeno e como consequência para um melhoramento da política de redução do crime e da insegurança pública.

Seria importante que a dimensão subjectiva do fenómeno abordada neste trabalho, para além de enriquecer esta temática, pudesse ainda contribuir para uma acção mais fundamentada na sua prevenção, o que poderia ser facilitado com um estudo que permitisse contrastar as características objectivas inerentes a cada crime e estimar o grau de proximidade existente entre essas e as percebidas pelas pessoas. Poderia ainda ser interessante e constituir até uma forma de avaliação da consistência dos resultados, recorrer a outro tipo de estimulação para avaliar subjectivamente os mesmos crimes. Podendo estas constituírem pistas ou orientações de trabalho para o futuro.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. (1987). *Cooperation, Competition et Representations Sociales*. Fribourg : Deval.
- Allport, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley.
- Anselmo, L.M. (1994). A Imagem que os Habitantes de Lisboa têm dos Espaços Residenciais da sua Cidade. Monografia de Licenciatura em Psicologia Social. Lisboa: ISPA.
- Billig, M. (1976). *Social Psychology and Intergroup Relations*. Londres : Academic Press.
- Caetano, A. (1999). Formação de impressões. In Vala, J. E Monteiro, M.B., Eds., *Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carvalho, H. (1991). Vitimologia e medo do crime. *Polícia e Justiça*, 1( II), 11-38.
- Coleman, A . (1988). Design improvement of problem estates. In J.D. Sime, Ed., *Safety in the Built Environment*, Londres: E & F N Spon.
- Cook, T.D., Fremming, J. e Tyler, T. R. (1981). Criminal victimization of the elderly: validating the policy assumptions. In G.M. Stephenson & J.M. Davis, Eds., *Progress in Applied Social Psychology*, Vol.1, John Willey & Sons, Ltd, 223- 251.
- Devos, T., Comby, L. e Deschamps, J-C. (1996). Asymetries in judgements of ingroup and outgroup variability. In W. Stroebe e M. Hewstone, Eds., *European Review of Social Psychology*, Chichester: John Wiley & Sons Ltd.
- Di Giacomo, J. P. (1981). *Représentations Sociales et Comportements Collectifs*. Thèse de doctorat. Université de Louvain.
- Di Giacomo, J. (1987). Teoria y métodos de análisis de la representaciones sociales. In *Pensamiento, Individuo y Sociedad: Cognicion y Representation Social*, Madrid: Editorial Fundamento.

- 
- Doob, A . N. e MacDonald, G. E. (1979). Television viewing and the fear of victimization: is the relationship causal?. *Journal of Personality and Social Psychology*, **37**, 170-179.
- Dubin, R:A. E Goodman, A . C. (1982). Valuation of education and crime neighborhood characteristics through hedonic housing prices. *Population and Environment*, **5**, 166-181.
- Dubow, F.L. et al. (1979). *A Critical Review of the Literature*. Washington: Government printing Office.
- Elejbarrieta, F. (1991). Las representaciones sociales. In A. Echeberría Echabe, *Psicología Social Sociocognitiva*, Bilbao: Desclée de Broune.
- Entrena, M.D. (1992). *Medio Urbano e Inseguridad*. Universidad de Barcelona.
- Esteves, A. (1999). *A Criminalidade na Cidade de Lisboa – Uma Geografia da Insegurança*. Lisboa: Colibri.
- Fattah, E. A. (1993). Violence against the elderly. Type, patterns and explanations. *Annalles Internationalles de Criminologie*, 112-134.
- Fattah, E. A . e Sacco, V.F. (1989). *Crime and Victimization of the Elderly*. Nova Iorque: Springer.
- Fernandes, L. (1994). Topografia urbana do medo: «os espaços perigosos». *Revista do Ministério Público*, **59**, 11-27.
- Ferreira, E.V. (1998). *Crime e Insegurança em Portugal: Padrões e Tendências, 1985-1996*. Oeiras: Celta Editora.
- Fischer, C. S. (1984). *The Urban Experience*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich.
- Fonseca, M. (1984). Notas para uma geografia do crime em Portugal 1950-1981. *Finisterra*, **XIX**, 171-204.
- Garofalo, J. (1981). The fear of crime. Causes and consequences. *The Journal of Criminal Law and Criminology*, **72**, 839-857.
- Gerbner, G. e Gross, L. (1976). Living with television: the violence profile. *Journal of Communication*, **26**, 172-199.

- 
- Gifford, R. (1993). Crime and context: a complex, crucial conundrum. *Journal of Environmental Psychology*, 13, 1-2.
- Gonçalves, M.L. (1991). *Código de Processo Penal*. Coimbra: Almedina.
- Gonçalves, M.M. (1994). *Código Penal Português*. Coimbra: Almedina.
- Halpern, D. (1995). *Mental Health and the Built Environment*. Londres: Taylor & Francis.
- Herzlich, C. (1969). *Santé et Maladie. Analyse d'une Représentation Sociale*. Haia : Mouton.
- Hamilton, D.L. (1979). A cognitive attributional analysis of stereotyping. In L. Berkovitz, Ed., *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 12, Nova Iorque: Academic Press.
- Hunter, A. (1978). *Simbols of Incivility. Meeting of American Society of Criminology*. Dallas.
- Imbert, G. (1992). *Los Escenários de la Violencia*. Barcelona: IcAria Editorial.
- Inocência, C.M. (1996). *Representação Social da Violação em Duas Categorias Sociais: Homens e Mulheres*. Monografia de Licenciatura em Psicologia Social. Lisboa: ISPA.
- Jodelet, D. (1976). *La Représentation du Corps*. Paris : Cordes.
- Jodelet, D. (1989). Les représentations sociales : un domaine en expansion. In D. Jodelet, Ed., *Les Représentations Sociales*, Paris : PUF.
- Jones, G.M. (1987). Elderly people and domestic crime. *British Journal of Criminology*, 27, 191-201.
- Kahneman, D. e Tversky, A. (1972). Subjective probability: a Judgement of representativeness. *Cognitive Psychology*, 3, 430-454.
- Kahneman, D. e Tversky, A. (1973). On the psychology of prediction. *Psychological Review*, 80, 237-251.
- Kirk, N. L. (1988). Factors affecting perceptions of safety in a campus environment. In J.D. Sime, Ed., *Safety in the Built Environment*, Londres: E 6 F N Spon.
- Lahosa, J. (1989). Los territorios del miedo. *Prevenió*, 3, 75-84.

- 
- Land, K.C., McCall, P.L. e Cohen, L.E., (1990). Structural covariates of homicide rates. *American Journal of Sociology*, **95**, 922-963.
- Leyens, J-P. (1985). *Teorias da Personalidade na Dinâmica Social*. Bruxelas: Pierre Mardaga Éditeur.
- Leyens, J-P., Yzerbyt, V. E Schadron, G. (1992). The social judgeability approach to stereotypes. *European Review of Social Psychology*, **3**, 91-120.
- Loewen, J., Steel, G-D. e Suedfeld, P. (1993). Perceived safety from crime in the urban environment. *Journal of Environmental Psychology*, **13** (4), 323-331.
- Markus, H. e Zajonc, R. B. (1985). The cognitive perspective in social psychology. In G. Lindzey e E. Aronson, Eds., *Handbook of Social Psychology*, Nova Iorque: Random House.
- Marsh, I. (1986). *Crime-Sociology in Focus*. Londres: Longman.
- Mayhew, P. (1985). The effects of crime: victims, the public and fear. In *Research on Victimization*, Strasbourg: European Committee on Crime Problems, pp 67-103.
- Miller, A. (1982). Historical and contemporary perspectives on stereotyping. In A. Miller, Ed., *In the Eye of the Beholder: Contemporary Issues in Stereotyping*: Nova Iorque Praeger.
- Moita, F. (1995). Furto lidera crime urbano: Lisboa é segura. *Jornal Capital*. 1-3.
- Morris, T. (1958). *The Criminal Area*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- Moscovici, S. (1961). *La Psychanalyse, Son Image et Son Publique*. Paris : PUF.
- Moscovici, S. (1969). Prefácio. In C. Herzlich, Ed., *Santé et Maladie. Analyse d'une Representation Social*. Haia : Mouton.
- Moscovici, S. (1976). *La Psychanalyse, Son Image et Son Publique*. (2ª ed.). Paris : PUF.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J.P. Forgas, Ed., *Cognition*. Londres: Academic Press.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr e S. Moscovici, Eds., *Social Representations*. Londres: Academic Press.

- 
- Moscovici, S. (1988). Notes toward a description of social representation. *European Journal of Social Psychology*, **18**, 211-250.
- Newcomb, T.M. (1963). Persistence and regression of changed attitudes: long range studies. *Journal of Social Issues*, **19**, 3-14.
- Quinney, R. e Wildemann, J. (1977). *The Problem of Crime. A Critical Introduction to Criminology*. Nova Iorque: Harper and Row.
- Rico, J.M. e Salas, L. (1988). *Inseguridad Ciudadana y Policia*. Madrid: Editorial Tecnos SA.
- Rocha, T. e Vieira, M. (1990). Violação e espancamento: mitos e consequências. *Análise Psicológica*, **2(VIII)**, 179-186.
- Ross, L. (1977). The intuitive psychologist and his short-coming. In L. Berkowitz, Ed., *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 10, Nova Iorque: Academic Press.
- Sampson, R.J. & Lauritsen, J.L. (1990). Deviant lifestyles, proximity to crime, and the offender-victim link in personal violence. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, **27**, 110-139.
- Shaw, C. e McKay, H. (1942). *Juvenil Delinquency and Urban Areas*. Chicago: Chicago University Press.
- Skogan, W.G. e Maxfield, M. G. (1981). *Coping With Crime*. Beverly Hills: Sage.
- Sykes, G. (1978). *Criminology*. Nova Iorque. Jovanovich.
- Taylor, R.B. (1987). Toward an environmental psychology of disorder: delinquency, crime and fear of crime. In D. Stokols, I. Altman, Eds., *Handbook of Environmental Psychology*, Vol. 2, Nova Iorque: John Willey & Sons.
- Taylor, R.B. (1991). Urban communities and crime. In M. Gottdiener e C.G. Pickvance, Eds., *Urban Life in Transition*, Vol. 39, Londres: Sage Publications.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation sociale. In S. Moscovici, Ed., *Introduction à la Psychologie Sociale*, Vol. 1, Paris : Larousse.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, **33**, 1-39.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*, Lisboa: Livros Horizonte.

- 
- Trepanier, J. (1996). Medo prejudica combate ao crime. *Revista do Jornal Expresso*, 69-75.
- Tyler, T.R. (1980). Impact of directly and indirectly experienced events: the origin of crime-related judgments and behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 13-28.
- Tversky, A. e Kahneman, D. (1971). The belief in the "law of numbers". *Psychological Bulletin*, 76, 105-110.
- Tversky, A. e Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: heuristics and biases. *Science*, 185, 1123-1131.
- Vala, J. (1986). Sobre as representações sociais-para uma epistemologia do senso comum. *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 5-30.
- Vala, J. (1993). Representações sociais- para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala e M.B. Monteiro, Eds., *Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 353-384.
- Vala, J. (1999). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala e M.B. Monteiro, Eds., *Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Van der Voordt, D.J.M. (1988). Spatial analysis of crime and anxiety-research data from the Netherlands and implications for design. In J.D. Sime, Ed., *Safety in the Built Environment*, Londres: E & FN Spon.
- Van der Wuedt, A. e Stringer, P. (1988). Measuring fear of crime in residential environments. In D. Canter et al., *Environmental Social Psychology*. NATO ASI Series, Behavioural and Social Sciences, Vol. 45., Kluwer.
- Vrij, A. e Winkel, F-W. (1991). Characteristics of the built environment and fear of crime: a research note interventions in unsafe locations. *Deviant-Behavior*, 12(2), 203-215.
- Wikstrom, P-O. (1990). Delinquency and the urban structure. In P-O Wikstrom, Ed., *Crime and Measures Against Crime in the City*, Sweden: National Council for Crime Prevention, pp 7-30.
- Wilson, F.Q. e Kelling, G.L. (1982). Broken windows: the police and the neighborhood safety. *The Atlantic*, 249 (3), 29-38.

---

Zauberman, R. (1985). Sources d'information sur les victimes et problèmes méthodologiques dans ce domaine. In *Recherches sur la Victimization*, Vol.XXIII, Strasbourg.

Zavalloni, M. (1972). L'identité sociale, un concept à la recherche d'une science. In S. Moscovici, Ed., *Introduction à la Psychologie Sociale*, Vol.2, Paris : Larousse.

**ANEXOS**

ANEXO I – Pré-Teste

ANEXO II – Instrumento (questões demográficas; histórias ou cenários representativos dos crimes; probabilidade vs. experiência de vitimação)

ANEXO II a) – Histórias (cenários representativos dos crimes)

ANEXO II b) – Grelha de análise

ANEXO III – Categorias resultantes da análise de conteúdo (codificação)

**ANEXO I – Pré-Teste**

Lisboa é uma cidade que se está a tornar violenta. Muitas pessoas receiam que lhes possa acontecer uma série de coisas.

Na listagem que se segue classifique entre 1 (muito pequena) e 5 (muito grande), segundo a frequência e a gravidade dos seguintes fenómenos:

	Frequência	Gravidade
Homicídio	_____	_____
Violação	_____	_____
Agressão física	_____	_____
Vandalismo	_____	_____
Maus tratos ao cônjuge	_____	_____
Roubo carteira	_____	_____
Assalto residência	_____	_____
Roubo automóvel	_____	_____
Assalto automóvel	_____	_____
Assalto mão-armada	_____	_____
Assédio sexual	_____	_____
Insulto	_____	_____
Burla	_____	_____
Ultraje à moral pública	_____	_____
Comportamentos racistas	_____	_____
Venda drogas leves	_____	_____
Venda drogas duras	_____	_____
Consumo drogas leves	_____	_____
Consumo drogas duras	_____	_____

Idade \_\_\_\_\_ Sexo: F \_\_\_\_\_ M \_\_\_\_\_

Habilitações literárias \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

**ANEXO II – Instrumento (questões demográficas; histórias ou cenários representativos dos crimes; probabilidade vs. Experiência de vitimação)**

## DADOS PESSOAIS (QUESTÕES DEMOGRÁFICAS)

Idade \_\_\_\_\_

Sexo: F\_\_\_ M\_\_\_

Habilitações literárias \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Freguesia de trabalho \_\_\_\_\_

Freguesia de residência \_\_\_\_\_

Pedimos que leia atentamente cada uma das 7 pequenas histórias que lhe apresentamos de seguida. À medida que as for lendo, pedimos que dê a sua opinião acerca de cada uma delas.

(Apresentar cada um dos 7 cenários representativos dos crimes)

Pedimos agora que classifique a probabilidade dos seguintes delitos lhe ocorrerem a si:

- Assaltarem-lhe o carro, roubando objectos no seu interior.

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Roubarem-lhe o carro

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Assaltarem-lhe a residência quando esta se encontra desocupada

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Assaltarem-lhe a residência quando nela se encontram pessoas

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Ser assaltado na rua, durante o período diurno, tendo contacto com o agressor

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Ser assaltado na rua, durante o período nocturno, tendo contacto com o agressor

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Ser roubado na rua, durante o período diurno, não se apercebendo do facto

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Ser roubado na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Sofrer abusos sexuais

Muito baixa	Baixa	Nem baixa nem alta	Alta	Muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em alguma ocasião já lhe aconteceu ser vítima de algum dos delitos nomeados anteriormente? Se sim designe quais, onde aconteceu e quantas vezes.

- Assaltarem-lhe o carro, roubando objectos no seu interior

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Roubarem-lhe o carro

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Assaltarem-lhe a residência quando esta se encontra desocupada

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Assaltarem-lhe a residência quando nela se encontram pessoas

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Ser assaltado na rua, durante o período diurno, tendo contacto com o agressor

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Ser assaltado na rua, durante o período nocturno, tendo contacto com o agressor

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Ser roubado na rua, durante o período diurno, não se apercebendo do facto

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Ser roubado na rua, durante o período nocturno, não se apercebendo do facto

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Sofrer abusos sexuais

Sim                      Não  
                     

Se sim, conte de forma sumária o que aconteceu:

---

---

- Quais considera serem as causas da existência do crime, em geral?

- Que medidas sugere para reduzir a criminalidade que existe?

**ANEXO II a) – Histórias (cenários representativos dos crimes)**

Alguém ao deslocar-se para o trabalho, sentiu uma pessoa aproximar-se e através de esticção levar-lhe objectos de uso pessoal, desaparecendo de imediato sem possibilidade de ser reconhecida.

---

Na hora de sair de casa, dirigiu-se ao local onde tinha estacionado o carro e verificou que este estava todo remexido e que tinham desaparecido objectos do seu interior.

---

Chegando a casa verificou que esta estava completamente remexida e que tinham desaparecido objectos de valor e de estimação

---

Alguém passaria tranquilamente quando de repente, é vítima de uma ameaça com um objecto agressivo e perigoso e vê-se na obrigação de entregar, à força, alguns objectos que transporta consigo.

---

Ao atender à porta de casa deparou com uma pessoa que, através de ameaças, se introduziu na residência e roubou objectos de valor.

---

No regresso a casa, uma pessoa adulta foi vítima de abusos sexuais, contra a sua vontade, sob ameaça de objecto perigoso e uso de força física.

---

No local do crime encontrava-se o corpo da pessoa que, tendo sido atacada momentos antes, acabou por morrer.

**ANEXO II b) – Grelha de análise**



## GRELHA DE ANÁLISE

Cenário
---------

Quando
--------

	Sexo	Idade	Raça	Aparência	Ocupação	Motivo
AGRESSOR						
VITIMA						

Insegurança/Crime
Causas do crime em geral
Medidas sugeridas para reduzir a criminalidade

**ANEXO III – Categorias resultantes da análise de conteúdo (codificação)**

## DADOS DEMOGRÁFICOS (PROTOCOLO)

IDADE - 1 -  $\leq 35$  anos  
2 - 36-54 anos  
3 -  $\geq 55$  anos

SEXO - 1 - Feminino  
2 - Masculino

HABIL. LIT. - 1  $\leq 9^{\circ}$  ano  
2  $\geq 12^{\circ}$  ano

FREG. TRAB. - 1 - Lisboa  
2 - Fora de Lisboa

FREG. RESID. - 1- Lisboa  
2- Fora de Lisboa

## PRANCHA 1 (CONTEU1) – Furto na rua (roubo por esticção)

### AGRESSOR

#### Sexoa

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadea

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

#### Racaa

- 1 - Branca
- 2 - Negra
- 3 - Cigana
- 3 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

#### Descria

- 1 - Maioria étnica
- 2 - Minoria étnica
- 3 - Indiferente (maioria + minoria)

#### Icpta

- 1 - Desemp. volunt.
- 2 - Desemp. involunt.
- 3 - Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)
- 4 - Estudantes
- 4 - Indiferente (cruzamento das anteriores)

#### Aspecta

- 1 - Alto/ cuidado (Bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 - Baixo/ descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 - Agil
- 3 - Corpulento
- 4 - Agressivo
- 5 - Indiferente (Qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

### VÍTIMA

#### Sexov

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadev

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Idosos
- 4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

#### Racav

- 1 - Branca
- 2 - Negra
- 3 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

**Icptv**

- 1- Desemp. Voluntário
- 2 – Desemp. involuntário
- 3 – Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)
- 4 – Estudantes
- 5 – Domésticos
- 6 - Reformados
- 6 – Indiferente (cruzamento das anteriores)

**Aspectv**

- 1 – Alto/Cuidado (bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 – Baixo descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 – Indefeso
- 4 – Distraído
- 5 - Ostentação
- 5 – Indiferente (Qualquer aparência/ cruzamento das anteriores)

**Quando**

- 1 – Dia
- 2 – Noite
- 3 – indiferente (Qualquer hora, dia ou noite)

**Motivos**

- 1 – Drogas/ Toxicodependência (consumo e tráfico)
- 2 – Dificuldades económicas/ subsistência
- 3 – vandalismo/ Má indole (má formação)
- 4 – Perturbações
- 5 – Complemento /modo de vida

## PRANCHA 2 (CONTEU2) – Furto de Objectos no interior do carro

### AGRESSOR

- Sexoa 1 - Mulher  
2 - Homem  
3 - Ambos
- Idadea 1 - Jovens  
2 - Adultos  
3 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)
- Racaa 1 - Branca  
2 - Negra  
3 - Cigana  
4 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)
- Descria 1 - Maioria étnica  
2 - Minoria étnica  
3 - Indiferente (maioria + minoria)
- Icpta 1 - Desemp. volunt.  
2 - Desemp. involunt.  
3 - Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)  
4 - Estudantes  
5 - (-) de 12 anos  
6 - Indiferente (cruzamento das anteriores)
- Aspecta 1 - Alto/ cuidado (Bem vestido/ classe alta/ boa aparência)  
2 - Baixo/ descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)  
3 - Agil  
4 - Corpulento  
5 - Agressivo  
6 - Indiferente (Qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

### VÍTIMA

- Sexov 1 - Mulher  
2 - Homem  
3 - Ambos
- Idadev 1 - Jovens  
2 - Adultos  
3 - Idosos  
4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)
- Racav 1 - Branca  
2 - Negra  
3 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

**lcptv**

- 1- Activos (qualquer ocupação/ ocupação discriminada)
- 2 – Estudantes
- 3 – Domésticos
- 4 – Reformados
- 5 – Indiferente (cruzamento das anteriores)

**Aspectv**

- 1 – Alto/Cuidado (bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 – Baixo descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 – Ingénuo
- 4 – Distraído
- 5 – Ostentação
- 6 – Provocante
- 6 – Bonito
- 7 – Indiferente (qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

**Quando**

- 1 – Dia
- 2 – Noite
- 3 – indiferente (Qualquer hora, dia ou noite)

**Motivos**

- 1 – Drogas/ Toxicodependência (consumo e tráfico)
- 2 – Dificuldades económicas/ subsistência
- 3 – vandalismo/ Má indole (má formação)
- 4 – Complemento

## PRANCHA 3 (CONTEU3) – Furto de Objectos em casa

### AGRESSOR

- Sexoa 1 - Mulher  
2 - Homem  
3 - Ambos
- Idadea 1 - Jovens  
2 - Adultos  
3 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)
- Racaa 1 - Branca  
2 - Negra  
3 - Cigana  
4 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)
- Descria 1 - Maioria étnica  
2 - Minoria étnica  
3 - Indiferente (maioria + minoria)
- Icpta 1 - Desemp. volunt.  
2 - Desemp. Involunt.  
3 - Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)  
4 - Estudantes  
5 - Indiferente (cruzamento das anteriores)
- Aspecta 1 - Alto/ cuidado (Bem vestido/ classe alta/ boa aparência)  
2 - Baixo/ descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)  
3 - Agil  
4 - Corpulento  
5 - Agressivo  
6 - Indiferente (Qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

### VÍTIMA

- Sexov 1 - Mulher  
2 - Homem  
3 - Ambos
- Idadev 1 - Jovens  
2 - Adultos  
3 - Idosos  
4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)
- Racav 1 - Branca  
2 - Negra  
3 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

- leptv**
- 1- Activos (qualquer ocupação/ ocupação discriminada)
  - 2 – Estudantes
  - 3 – Domésticos
  - 4 – Reformados
  - 5 – Indiferente (cruzamento das anteriores)
- Aspectv**
- 1 – Alto/Cuidado (bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
  - 2 – Baixo descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
  - 3 – Indefeso
  - 4 – Distráido
  - 5 - Ostentação
  - 6 - Indiferente (qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)
- Quando**
- 1 – Dia
  - 2 – Noite
  - 3 – indiferente (Qualquer hora, dia ou noite)
- Motivos**
- 1 – Drogas/ Toxicodependência (consumo e tráfico)
  - 2 – Dificuldades económicas/ subsistência
  - 3 – vandalismo/ Má indole (má formação)
  - 4 – Complemento

## PRANCHA 4 (CONTEU4) – Roubo na rua (roubo com objecto agressivo)

### AGRESSOR

- Sexoa 1 - Mulher  
2 – Homem  
3– Ambos
- Idadea 1 – Jovens  
2 – Adultos  
3– Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)
- Racaa 1 - Branca  
2 - Negra  
3 - Cigana  
4 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)
- Descria 1 – Maioria étnica  
2 – Minoria étnica  
3 – Indiferente (maioria + minoria)
- Icpta 1 – Desemp. volunt.  
2 – Desemp. Involunt.  
3 - Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)  
4 - Estudantes  
5 - Indiferente (cruzamento das anteriores)
- Aspecta 1 – Alto/ cuidado (Bem vestido/ classe alta/ boa aparência)  
2 – Baixo/ descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)  
3 – Agil  
4 - Corpulento  
5 - Agressivo  
6 - Indiferente (Qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

### VÍTIMA

- Sexov 1- Mulher  
2 – Homem  
3 – Ambos
- Idadev 1 – Jovens  
2 – Adultos  
3 – Idosos  
4 – Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)
- Racav 1- Branca  
2 – Negra  
3 – Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

**leptv**

- 1- Desempregado voluntário
- 2- Desempregado involuntário
- 3- Activos (qualquer ocupação/ ocupação discriminada)
- 4- Estudantes
- 5- Domésticos
- 6- Reformados
- 7- Indiferente (cruzamento das anteriores)

**Aspectv**

- 1 – Alto/Cuidado (bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 – Baixo descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 – Indefeso
- 4 – Distraído
- 5- Ostentação
- 6 -Provocante
- 7 - Bonito
- 8 - Indiferente (qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

**Quando**

- 1 – Dia
- 2 – Noite
- 3 – indiferente (Qualquer hora, dia ou noite)

**Motivos**

- 1 – Drogas/ Toxicodependência (consumo e tráfico)
- 2 – Dificuldades económicas/ subsistência
- 3 – vandalismo/ Má indole (má formação)
- 4 – Complemento

## PRANCHA 5 (CONTEU5) – roubo em casa

### AGRESSOR

#### Sexoa

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadea

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

#### Racaa

- 1 - Branca
- 2 - Negra
- 3 - Cigana
- 4 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

#### Descria

- 1 - Maioria étnica
- 2 - Minoria étnica
- 3 - Indiferente (maioria + minoria)

#### Icepta

- 1 - Desemp. volunt.
- 2 - Desemp. Involunt.
- 3 - Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)
- 4 - Estudantes
- 5 - Indiferente (cruzamento das anteriores)

#### Aspecta

- 1 - Alto/ cuidado (Bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 - Baixo/ descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 - Agil
- 4 - Corpulento
- 5 - Agressivo
- 6 - Indiferente (Qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

### VÍTIMA

#### Sexov

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadev

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Idosos
- 4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

#### Racav

- 1 - Branca
- 2 - Negra
- 3 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

**lcptv**

- 1 - Desempregado
- 2 - Activos (qualquer ocupação/ ocupação discriminada)
- 3 - Estudantes
- 4 - Domésticos
- 5 - Reformados
- 6 - Indiferente (cruzamento das anteriores)

**Aspectv**

- 1 - Alto/Cuidado (bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 - Baixo descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 - Indefeso
- 4 - Distraído
- 5 - Ingénuo
- 6 - Ostentação
- 7 - Indiferente (qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

**Quando**

- 1 - Dia
- 2 - Noite
- 3 - indiferente (Qualquer hora, dia ou noite)

**Motivos**

- 1 - Drogas/ Toxicodependência (consumo e tráfico)
- 2 - Dificuldades económicas/ subsistência
- 3 - vandalismo/ Má indole (má formação)
- 4 - Complemento

## PRANCHA 6 (CONTEU6) – Violação (abusos sexuais)

### AGRESSOR

#### Sexoa

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadea

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Idosos
- 4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

#### Raca

- 1 - Branca
- 2 - Negra
- 3 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

#### Descr

- 1 - Maioria étnica
- 2 - Minoria étnica
- 3 - Indiferente (maioria + minoria)

#### Oc

- 1 - Desemp. volunt.
- 2 - Desemp. involunt.
- 3 - Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)
- 4 - Estudantes
- 5 - Reformados
- 6 - Indiferente (cruzamento das anteriores)

#### Aspect

- 1 - Alto/ cuidado (Bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 - Baixo/ descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 - Ágil
- 4 - Corpulento
- 5 - Agressivo
- 6 - Provocante
- 7 - Indiferente (Qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

### VÍTIMA

#### Sexov

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadev

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Idosos
- 4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

**Racay**

- 1- Branca
- 2 – Negra
- 3 – Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

**Icpty**

- 1 – desempregado voluntário
- 2 - Desempregado involuntário
- 3 – Activos (qualquer ocupação/ ocupação discriminada)
- 4 – Estudantes
- 5 – Domésticos
- 6 - Reformados
- 7 – Indiferente (cruzamento das anteriores)

**Aspectv**

- 1 – Alto/Cuidado (bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 – Baixo descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 – Indefeso
- 4 – Distraído
- 5 – Provocante
- 6 – Bonito
- 7 - Ingénuo
- 8 - Indiferente (qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

**Quando**

- 1 – Dia
- 2 – Noite
- 3 – indiferente (Qualquer hora, dia ou noite)

**Motivos**

- 1 – Drogas/ Toxicodependência (consumo de álcool e estupefacientes)
- 2 – Vandalismo/ Má índole (má formação)
- 3 - Perturbações
- 4 – Vingança (Crime passional)
- 5 – Resistência da vítima (roubo/violação)

## PRANCHA 7 (CONTEU7) - Homicídio

### AGRESSOR

#### Sexoa

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadea

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Idosos
- 4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

#### Racaa

- 1 - Branca
- 2 - Negra
- 3 - Cigana
- 4 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

#### Descria

- 1 - Maioria étnica
- 2 - Minoria étnica
- 3 - Indiferente (maioria + minoria)

#### Icpta

- 1 - Desemp. volunt.
- 2 - Desemp. Involunt.
- 3 - Activos (Qualquer ocupação/ocupação discriminada)
- 4 - Estudantes
- 5 - Indiferente (cruzamento das anteriores)

#### Aspecta

- 1 - Alto/ cuidado (Bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
- 2 - Baixo/ descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
- 3 - Agil
- 4 - Corpulento
- 5 - Agressivo
- 6 - Indiferente (Qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)

### VÍTIMA

#### Sexov

- 1 - Mulher
- 2 - Homem
- 3 - Ambos

#### Idadev

- 1 - Jovens
- 2 - Adultos
- 3 - Idosos
- 4 - Indiferente (Qualquer idade/cruzamento das anteriores)

#### Racav

- 1 - Branca
- 2 - Negra
- 3 - Indiferente (Qualquer raça/cruzamento das anteriores)

- Icpty**
- 1 – desempregado voluntário
  - 2 - Desempregado involuntário
  - 3 – Activos (qualquer ocupação/ ocupação discriminada)
  - 4 – Estudantes
  - 5 – Domésticos
  - 6 - Reformados
  - 7 – Indiferente (cruzamento das anteriores)
- Aspectv**
- 1 – Alto/Cuidado (bem vestido/ classe alta/ boa aparência)
  - 2 – Baixo descuidado (mal vestido/ classe baixa/má aparência)
  - 3 – Indefeso
  - 4 – Ingénuo
  - 5 – Ostentação
  - 6 – Provocante
  - 7 - Bonito
  - 8 - Indiferente (qualquer aspecto/cruzamento das anteriores)
- Quando**
- 1 – Dia
  - 2 – Noite
  - 3 – indiferente (Qualquer hora, dia ou noite)
- Motivos**
- 1 – Drogas/ Toxicodependência (consumo e tráfico)
  - 2 – Discriminação Racial
  - 3 - Perturbações
  - 4 – Vingança (Crime passional)
  - 5 – Resistência da vítima (roubo/violação)
  - 6 – Medo de ser reconhecido (violação)

## **Causas Gerais do crime e Medidas sugeridas para reduzir a criminalidade**

### **Causas Gerais do Crime**

Dificuldades Económicas  
Toxicodependência  
Sistema Familiar  
Vivência Urbana  
Aparelho judicial  
Orgãos de Comunicação Social  
Perturbações

### **Melhorias em Geral (Medidas sugeridas para reduzir a criminalidade)**

Aparelho Judicial  
Iluminação  
Vida económica  
Combate ao tráfico  
Despenalização das Drogas  
Educação  
Imigrantes